



40

anos do GT 02
História da Educação
ANPEd

[Orgs.]

[Alessandra Cristina Furtado](#)
[José Edimar de Souza](#)



40

anos do GT 02

História da Educação
ANPEd

[Orgs.]

Alessandra Cristina Furtado

José Edimar de Souza

Fundação Universidade de Caxias do Sul

Presidente:
Dom José Gislon

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:
Gelson Leonardo Rech

Vice-Reitor:
Asdrubal Falavigna

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:
Everaldo Cescon

Pró-Reitora de Graduação:
Terciane Ângela Luchese

*Pró-Reitora de Inovação e
Desenvolvimento Tecnológico:*
Neide Pessin

Chefe de Gabinete:
Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:
Simone Côte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

André Felipe Streck
Alexandre Cortez Fernandes
Cleide Calgaro – Presidente do Conselho
Everaldo Cescon
Flávia Brocchetto Ramos
Francisco Catelli
Gelson Leonardo Rech
Guilherme Brambatti Guzzo
Karen Mello de Mattos Margutti
Márcio Miranda Alves
Simone Côte Real Barbieri – Secretária
Suzana Maria de Conto
Terciane Ângela Luchese

Comitê Editorial

Alberto Barausse
Università degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez
Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Aragão
Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo
Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique
*Escuela Interdisciplinaria de Derechos
Fundamentales Praeeminentia Iustitia/
Peru*

Juan Emmerich
*Universidad Nacional de La Plata/
Argentina*

Ludmilson Abritta Mendes
Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgró
*Universidad Nacional del Centro/
Argentina*

Nathália Cristine Vieceli
Chalmers University of Technology/Suécia

Tristan McCowan
University of London/Inglaterra





40 anos do GT 02

História da Educação
ANPEd

[Orgs.]

Alessandra Cristina Furtado

José Edimar de Souza



© dos organizadores
1ª edição: 2025
Preparação de texto: Giovana Letícia Reolon
Revisão: Helena Vitória Klein
Editoração e Capa: Igor Rodrigues de Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

Q1 40 anos do GT 02 [recurso eletrônico] : história da educação ANPEd / org. Alessandra Cristina Furtado, José Edimar de Souza. – Caxias do Sul, RS : Educus, 2025.

Dados eletrônicos (1 arquivo).

Vários autores.

Apresenta bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web.

DOI 10.18226/9786558074625

ISBN 978-65-5807-462-5

1. Grupos de trabalho - História - Educação. 2. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Brasil). 3. Pesquisadores - Narrativas pessoais - Coletânea. 4. Pesquisadores - Cartas - Coletânea. I. Furtado, Alessandra Cristina. II. Souza, José Edimar de.

CDU 2. ed.: 37-059.2(091)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Grupos de trabalho - História - Educação 37-059.2(091)
2. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Brasil) 374.73
3. Pesquisadores - Narrativas pessoais - Coletânea 001.89-051:82-94(081.1)
4. Pesquisadores - Cartas - Coletânea 001.89-051:82-6(081.1)

Catálogo na fonte elaborada pela bibliotecária
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460.

Direitos reservados a:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197
Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

Sumário

Prefácio	7
<i>Miriam Fábila Alves</i>	
Apresentação	10
<i>Alessandra Cristina Furtado</i> <i>José Edimar de Souza</i>	
<u>ASPECTOS HISTÓRICOS DO GT 02</u>	
Grupo de Trabalho História da Educação da ANPEd	13
<i>Maria Helena Camara Bastos</i>	
Pesquisa e ações do GT 02	26
<i>José Edimar de Souza</i> <i>Alessandra Cristina Furtado</i>	
<u>CARTAS DO GT 02: CELEBRANDO OS 40 ANOS</u>	
Diana Gonçalves Vidal	37
Névio de Campos	42
Ana Maria de Oliveira Galvão	49
Elisângela Cândido da Silva Dewes	53
Aparecida Maria Almeida Barros Wolney Honório Filho	56
Dóris Bittencourt Almeida	62
Vania de Vasconcelos Gico Rosângela Maria de Oliveira Silva	67
Dermeval Saviani	75
Olivia Moraes de Medeiros Neta	81
Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro	84
Celeida Maria Costa de Souza e Silva	89
Lia Machado Fiuza Fialho	95
Décio Gatti Júnior	100
Maria Teresa Santos Cunha	107
Rosa Lydia Teixeira Corrêa Alessandra Cristina Furtado	113
Claudia Alves	118
Rosa Fátima de Souza-Chaloba	124

POSFÁCIO

Fios do tempo, lembranças de encontros e aprendizagens na formação de pesquisadores em História da Educação

129

Terciane Ângela Luchese

Prefácio

Carta às pessoas do Grupo de Trabalho de História da Educação da ANPED

O Grupo de Trabalho História da Educação, nosso GT 02, em 2024 completa 40 anos de existência. Nesse contexto, escrevo esta carta para apresentar a iniciativa, muito importante, de preservação da nossa memória, isto é, o *e-book* contendo cartas pedagógicas que contam nossa história e contribuem com a formação de outros/as novos/as pesquisadores/as.

O ato de escrever cartas, uma das formas mais utilizada pela humanidade para se comunicar, ainda que hoje pareça superado, permanece como instrumento potente largamente utilizado para diferentes finalidades. Hoje, com toda a tecnologia disponível, as cartas estão tendo seus diferentes papéis retomados, especialmente a partir da pandemia de Covid-19.

Diante disso, gostaria, com a História da Educação e, por consequência, com as pessoas de nosso GT, de apreender a importância das cartas trocadas entre intelectuais, artistas, pensadores/as, portadoras do legado deixado por elas/es, fundamental para nos aproximar dos contextos de suas produções, de suas memórias, de suas vidas. Contextos entrecortados e chamados às reflexões, denúncias e diálogos.

Nesse momento em que assistimos, horrorizados, ao genocídio palestino, me recorro de uma carta de Jamil Chade, de 2023, às crianças de Gaza, narrando cruamente o fracasso da diplomacia e da tragédia que nossa geração acompanha silenciada. Um grito de denúncia, mas também memória de uma guerra que vem ceifando, até o momento, mais de 50 mil vidas palestinas, a maioria mulheres e crianças, e deslocando mais de 2 milhões de pessoas de suas casas. Um genocídio que, em 2025, continua matando, e agora mais severamente de fome, ausência de medicamentos e ajuda humanitária.

Alguém pode dizer que a carta de Chade não teve resultado efetivo, mas registro que ela serve como uma memória viva para a

nossa geração e para as futuras: não esquecer, não repetir! A carta de Jamil Chade, além de um grito de alerta, também é uma carta pedagógica, na medida em que nos ensina o que queremos para o futuro e o que não devemos fazer se quisermos preservar a vida, a dignidade humana e a do planeta.

As cartas pedagógicas apresentadas nesse e-book, de um lado, contêm o teor reflexivo e, de outro, expressam as épocas em que nosso GT registra sua atuação na ANPEd, suas lutas em defesa da democracia, da educação pública, da pesquisa e da pós-graduação em educação. Essas cartas invocam os conhecimentos produzidos em situações de experiências, no tempo e no espaço, que constituem o ofício na história da educação, o lugar social, a prática na pesquisa com as fontes históricas e a construção da narrativa histórica!

É com esse *corpus* que lidamos, e o nosso Grupo de Trabalho tem um papel fundamental no auxílio da ampliação de nossos temas/objetos, abordagens, metodologias, referencial teórico. Nosso GT tem se consolidado como espaço privilegiado para essas reflexões e aprendizagens e, ao mesmo tempo, espaço formativo das novas gerações, espaço de partilha e troca de experiências, espaço de conhecimento. Esse é o nosso GT, um dos lugares de fala do/a historiador/a da educação!

Assim, comemorar 40 anos de existência com o lançamento de um *e-book* composto por cartas pedagógicas, com certeza, deixará um legado com grande contribuição para as novas gerações, para não esquecer, para não se perder! Nossa memória sob a lente e os olhares de diversas/os pesquisadoras/es.

Na oportunidade, agradecemos a todas as pessoas que fazem parte desta história, agradecendo a dedicação e o trabalho que nos trouxeram até aqui. A contribuição de vocês nos minicursos, sessões especiais, trabalho encomendado e apresentações de trabalho/pôsteres, bem como nas tarefas de coordenação e pareceristas/comitê científico, fizeram/fazem do nosso GT um espaço importante de circulação do conhecimento, divulgação científica e formação de outras/novas pessoas pesquisadoras.

Às/aos novas/os pesquisadoras/es da História da Educação, desejo que se juntem a nós! Venham fazer parte da nossa história! Por fim, desejo que a leitura desse *e-book* nos provoque, nos ten-

sione, nos ajude a manter viva a memória desses 40 anos do GT de História da Educação da ANPEd.

Vida longa ao GT 02! Vida longa às pessoas do GT 02!

Miriam Fábria Alves¹

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG), licenciada em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Realizou Estágio de Pós-Doutorado na Universidade de Sevilha, na Espanha, no ano de 2018, e na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), no ano de 2023. Professora Titular na Faculdade de Educação da UFG. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais e Juventude (GEPEJ) e da Rede Nacional de Pesquisa sobre Militarização da Educação (RePME). É presidenta da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) 2023-2025. Pesquisadora Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Apresentação

“É contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo” (Larrosa, 2001, p. 69).

O Grupo de Trabalho 02 (GT 02), História da Educação, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), criado por proposta do professor Luís Antônio Cunha, em 1984, durante a 7ª Reunião Anual da associação, em Brasília, completou 40 anos em 2024. Assim, a epígrafe que abre esta apresentação, de autoria de Jorge Larrosa, retrata de forma significativa os propósitos desta obra, que pretende abordar, por meio de textos e cartas celebrativas, aspectos que marcaram a história desse GT.

Importa destacar que a obra intitulada *40 anos do GT 02 de História da Educação da ANPEd*, ao expressar o movimento de construção histórica desse GT, ao longo de sua trajetória, constituiu-se como uma produção coletiva e comemorativa. Como obra coletiva, por ser escrita por muitas mãos de pesquisadores(as) da área de História da Educação brasileira, que estiveram envolvidos(as) de diferentes formas com o GT 02 – História da Educação, como coordenadores(as), vice-coordenadores(as), membros de comitê científico, *ad hoc*s, estudantes de pós-graduação, professores(as) pesquisadores(as) frequentando e apresentando trabalhos nesse GT, entre outros. Já como obra comemorativa, por nascer junto às ações de celebrações dos 40 anos do GT 02, organizada pela coordenação e vice-coordenação desse grupo de trabalho, que entre os anos de 2024 e 2025 propôs um conjunto de ações alusivas a essa data celebrativa: coletar documentos sobre o GT, recolher textos que tratavam ou davam pistas da sua história, apresentar nas reuniões regionais da ANPEd, um histórico sobre a importância e o papel desse GT na consolidação do campo da História da Educação no Brasil, contatar pessoas, que contribuíssem com a tessitura da trama da sua história, criar um logo comemorativo desses 40 anos, organizar e participar de uma *live* comemorativa com ex-coordenadores(as), organizar e participar de *lives* sobre o patrimônio educativo, organizar o trabalho encomendado do GT com essa temática e ainda organizar e publicar esta obra.

Assim, esta obra que vem a público está organizada em duas partes. A primeira trata de aspectos históricos do GT 02 – História da Educação, com textos de autoria de Maria Helena Câmara Bastos, José Edimar de Souza e Alessandra Cristina Furtado. A segunda aborda um conjunto de 15 cartas celebrativas escritas por pesquisadores(as) da área de História da Educação, como Diana Gonçalves Vidal, Névio de Campos, Ana Maria de Oliveira Galvão, Elisângela Cândido da Silva Dewes, Aparecida Maria Almeida Barros, Wolney Honório Filho, Dermeval Saviani, Dóris Bittencourt Almeida, Vania de Vasconcelos Gico e Rosângela Maria de Oliveira Silva, Olivia de Moraes Medeiros Neta, Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro, Celeida Maria Costa de Souza e Silva, Lia Machado Fiuza Fialho, Décio Gatti Júnior, Maria Teresa Santos Cunha, Rosa Lydia Teixeira Corrêa, Alessandra Cristina Furtado e Rosa Fátima de Souza Chaloba.

Concluímos, esperando que a leitura desta obra não lhe traga apenas conhecimento sobre aspectos da história desse GT, mas também que possa servir de fonte de pesquisa e inspiração para a escrita de novas narrativas.

*Alessandra Cristina Furtado
Dourados (MS)
outono de 2025*

*José Edimar de Souza
Campo Bom (RS)
outono de 2025*

Referências

BUFFA, Ester. Os 30 anos do GT HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: sua contribuição para a constituição do campo. *In: REUNIÃO NACIONAL ANPED*, 37., 2015, São Carlos. **Anais** [...]. São Carlos: ANPEd, 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-de-Ester-Buffera-para-o-GT02.pdf>. Acesso em: 15 maio 2025.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Aspectos históricos do GT 02

Grupo de Trabalho História da Educação da ANPED²

Uma breve história

*Maria Helena Camara Bastos
Coordenadora do GT (2014-2015)*

Os Grupos de Trabalho (GT) foram instituídos pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped) em 1981, durante sua 4ª Reunião Anual, em Belo Horizonte, como *locus* de discussão e troca de opiniões sobre resultados de pesquisas realizadas; seleção de problemas relevantes; experiências metodológicas; intercâmbio de informações bibliográficas, de estudos e trabalhos realizados (Boletim Anped, v. 8, n. 1, jan./mar. 1986, p. 2).

O GT História da Educação nasceu por proposta de Luís Antônio Cunha, em 1984, na 7ª Reunião Anual, em Brasília. Estavam presentes os pesquisadores: Maria Marcia Leporace Farret, Zuleide Araújo Teixeira, Eva Pereira, Lucia Rocha (Brasília); Manoel de Vasconcelos Motta (Mato Grosso); Clarice Nunes, José Silvério Baia Horta (Rio de Janeiro); Ester Buffa (São Paulo), a quem foi atribuída provisoriamente a coordenação. Nessa ocasião, estabeleceu-se como objetivo do GT o “estudo da questão metodológica relativa à História da Educação”, que envolveria, entre outras coisas, o conhecimento das fontes existentes. O grupo pensou em uma bibliografia básica em História da Educação no Brasil como o primeiro e importante passo (Boletim Anped, v. 8, n. 1, jan./mar. 1986, p. 18-19).

De acordo com a coordenadora Ester Buffa, em seu relato sobre o primeiro encontro (8ª Reunião, São Paulo, 1985), “ao GT de História da Educação se atribuiu a função de troca de experiências e de discussão das produções científicas de seus participantes”. O modelo adotado nos primeiros eventos foi a realização de painéis, com um trabalho apresentado e dois debatedores. O painel intitulado “História da Educação ou educação pela história?”, que teve como expositora Eliane Marta Teixeira Lopes (UFMG), inaugurou

² Texto originalmente produzido para ser disponibilizado no site oficial da ANPED – Histórico do GT 02, em 2014.

essa sistemática e teve como debatedores Miguel G. Arroyo (UFMG) e Ester Buffa (UFSCar). Para Eliane Marta Teixeira Lopes (UFMG/MG),

[...] em relação à organização, as dificuldades enfrentadas pelo GT é o problema de juntar pessoas que estão trabalhando com o assunto, mas enfocando-os através de temas específicos e diferentes. Uns trabalham com Ensino Superior, outros com História da Alfabetização ou com Educação e Trabalho, ou com o problema da educação nas constituições brasileiras. [...] Por outro lado, a questão histórica não deve estar ausente dos outros GTs. Nesta perspectiva, GT História da Educação pudesse reafirmar a História como solo comum em que as outras problemáticas se articulam (Boletim Anped, v. 8, n. 1, jan./mar. 1986, p. 18-19).

Em 1986, o GT já contava com 30 participantes, e esse número aumenta gradativamente a cada ano. Em 2013, na 36ª Reunião Anual, contou com 157 participações. Seguindo a orientação geral, adota a sistemática de apresentação de trabalhos/comunicações e pôsteres. De 1985 a 2013, foram apresentados 258 trabalhos e 103 pôsteres (Quadro 2).

Segundo Nunes (2005, p. 65), o processo de seleção dos trabalhos apresentados nas reuniões anuais foi de responsabilidade exclusiva dos coordenadores dos GTs até 1991. "Com uma quantidade limitada de trabalhos inscritos, usufruímos uma efetiva possibilidade de discussão das pesquisas apresentadas, inclusive com o convite a colegas pesquisadores não vinculados à Anped para apresentação das suas investigações de acordo com temas de interesse do grupo". Além das reuniões anuais, os estágios de intercâmbio³, patrocinados pelas agências financiadoras, também proporcionavam a discussão de temas específicos.

Em 1991, a coordenadora Clarice Nunes, no relatório da 14ª Reunião Anual, assinala que a identidade do GT, "construída paulatinamente desde a sua criação, passa, de um lado, pela discussão que trava no campo da teoria e a empiria e, de outro, pela pesquisa de fontes para a história da educação brasileira, [...] as quais contribuem decisivamente para construir e redefinir o próprio campo" (Boletim Anped, n. 1-2, jan./dez. 1991, p. 13).

³ Em 1981, a Fundação Carlos Chagas elaborou um programa de intercâmbio de pesquisadores em nível nacional, com o apoio financeiro do MEC/SUBIM/INEP/FINEP/CNPq e CAPES, que se iniciou no segundo semestre de 1982. O GT realizou reuniões na Universidade Federal Fluminense (1987); na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1988); Universidade Federal Fluminense (1991); Universidade de São Paulo (1992); Universidade Federal de Minas Gerais (2001); Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2004).

Para Catani e Faria Filho (2002, p. 118), “ao findar a década de 1980, o GT já estava estabelecido como lugar de produção da história da educação brasileira, ancorado por um grupo que crescia rapidamente e representava os principais programas de pós-graduação do país. [...] A diversificação temática, das fontes e dos referenciais passa a constituir uma das marcas de pesquisas postas em circulação pelo GT”.

A partir de 1992, no âmbito da Anped, é instituído o comitê científico para a seleção dos trabalhos e pôsteres, após avaliação pelos consultores *ad hoc* designados pelos GTs. Inicialmente, não havia um representante por GT por indicação do próprio grupo, somente a partir dos anos 1990 isso passa a ser a norma (Quadro 3 e 4).

Além das apresentações, cada GT encomenda trabalhos (Quadro 5), realiza minicursos (Quadro 6) e exposições temáticas (Quadro 7).

Desde sua criação, o GT tem dado significativa contribuição para a circulação do conhecimento produzido, publicando inúmeros estudos e pesquisas, especialmente nas décadas de 1980 e 1990 (Quadro 8). O Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (1996) nasce no GT, tendo por *tradição* compor a comissão organizadora e o comitê científico nacional do evento⁴. Também participou efetivamente na criação da Sociedade Brasileira de História da Educação, em 1999.

Carvalho (2000, p. 928) considera que a criação do GT configurou-se como “uma espécie de fórum permanente de discussão das questões de história da educação” e deu oportunidade para que pesquisadores vindos de todas as regiões do país se reunissem para apresentar e discutir o resultado de suas pesquisas. “As sessões dos debates colocavam em circulação a nova produção historiográfica oriunda dos Programas de Pós-Graduação em Educação, o que fez com que o grupo de trabalho funcionasse como uma espécie de ‘caixa de ressonância’ da produção saída das universidades”. Desse modo, o grupo difunde uma nova historiografia, estendendo sua influência para vários centros de ensino e pesquisa brasileiros (Catani; Faria Filho, 2002).

⁴ Em agosto de 2014, ocorreu o X COLUBHE, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (Curitiba).

Referências

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPEd). Boletins históricos. **Anped**, [1979-1997]. Disponível em: <http://www.anped.org.br/news/memoria-anped-boletins-historicos-1979-1991>.

Catani, Denice Barbara; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT História da Educação da ANPEd (1985-2000). **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 113-128, jan./abr. 2002.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. O GT História da Educação: um breve histórico. *In*: ANPEd. **Histórico dos Grupos de Trabalho**. Belo Horizonte: ANPEd, 1995, p. 53-56.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. L'histoire de l'éducation au Brésil: traditions historiographiques et processus de rénovation de la discipline. **Paedagogica Historica – International: Journal of the History of Education**, v. 36, n. 3, p. 909-933, 2000.

GONDRA, José Gonçalves (org.). **Pesquisa em História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Grupo de Trabalho de História da Educação: histórico, avaliação e perspectivas. *In*: ANPEd. **Histórico e avaliação dos grupos de trabalho**. Caxambú: ANPEd, 1992, p. 1-5.

NUNES, Clarice. Uma história em construção. *In*: ANPEd. **Documento de discussão de balanço de gestão (mimeo)**. São Paulo: ANPEd, 1991.

NUNES, Clarice. Interrogando a avaliação de trabalhos de História da Educação: o inventário de uma prática. *In*: GONDRA, José Gonçalves (org.). **Pesquisa em História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 63-83.

Anexos

Quadro 1: Coordenadores e vice-coordenadores do GT História da Educação da ANPEd (1984-2015)

Ano	Reunião	Coordenador	Local
1984	7 ^a	Criação do GT HE	Brasília/DF
1985	8 ^a	Ester Buffa – UFSCar	São Paulo/SP
1986	9 ^a	Ester Buffa – UFSCar	Rio de Janeiro/RJ
1987	10 ^a	José Silvério Baia Horta – UFF	Salvador/BA
1988	11 ^a	Clarice Nunes – UFF	Porto Alegre/RS
1989	12 ^a	Clarice Nunes – UFF	São Paulo/SP
1990	13 ^a	Clarice Nunes – UFF Guacira Louro – UFRGS	Belo Horizonte/ MG
1991	14 ^a	Clarice Nunes – UFF	São Paulo/SP

1992	15 ^a	Guacira Louro – UFRGS Luiz Felipe Perret Serpa – UFBA	Caxambu/MG
1993	16 ^a	Guacira Louro – UFRGS	Caxambu/MG
1994	17 ^a	Marta Carvalho – USP José Silvério Baia Horta – UFF	Caxambu/MG
1995	18 ^a	Marta Carvalho – USP José Silvério Baia Horta – UFF	Caxambu/MG
1996	19 ^a	Marta Carvalho – USP Luciano Mendes de Faria Filho – UFMG	Caxambu/MG
1997	20 ^a	Marta Carvalho – USP Luciano Mendes de Faria Filho – UFMG	Caxambu/MG
1998	21 ^a	Luciano Mendes de Faria Filho – UFMG Lucio Kreutz – UNISINOS	Caxambu/MG
1999	22 ^a	Luciano Mendes de Faria Filho – UFMG Lucio Kreutz – UNISINOS	Caxambu/MG
2000	23 ^a	Luciano Mendes de Faria Filho – UFMG Lucio Kreutz – UNISINOS	Caxambu/MG
2001	24 ^a	Luciano Mendes de Faria Filho – UFMG Lucio Kreutz – UNISINOS	Caxambu/MG
2002	25 ^a	José G. Gondra – UERJ Diana G. Vidal – USP	Caxambu/MG
2003	26 ^a	José G. Gondra – UERJ Diana G. Vidal – USP	Poços de Caldas/ MG
2004	27 ^a	José G. Gondra – UERJ Carlos Eduardo Vieira – UFPR	Caxambu/MG
2005	28 ^a	José G. Gondra – UERJ Carlos Eduardo Vieira – UFPR	Caxambu/MG
2006	29 ^a	Carlos Eduardo Vieira – UFPP Rosa Fátima de Souza – UNESP	Caxambu/MG
2007	30 ^a	Carlos Eduardo Vieira – UFPP Rosa Fátima de Souza – UNESP	Caxambu/MG

2008	31 ^a	Rosa Fátima de Souza – UNESP Maria Cristina Soares de Gouveia – UFMG	Caxambu/MG
2009	32 ^a	Rosa Fátima de Souza – UNESP Maria Cristina Soares de Gouveia – UFMG	Caxambu/MG
2010	33 ^a	Maria Teresa S. Cunha – UDESC Tarcísio Mauro Vago – UFMG	Caxambu/MG
2011	34 ^a	Maria Teresa S. Cunha – UDESC Tarcísio Mauro Vago – UFMG	Natal/RN
2012	35 ^a	Marcus Levy Bencostta – UFPR Ester Fraga Carvalho do Nascimento – UNIT	Porto de Galinhas/PE
2013	36 ^a	Marcus Levy Bencostta – UFPR Ester Fraga Carvalho do Nascimento-UNIT	Goiânia/GO
2014/ 2015	37 ^a	Maria Helena C. Bastos – PUCRS Ester Fraga Carvalho do Nascimento-UNIT	Florianópolis/SC

Fonte: Organizado a partir de Catani e Faria Filho (2002, p. 115) e consulta no site da ANPEd.

Quadro 2: Dinâmica do GT História da Educação (1985 a 2013)

Ano	Reunião	Trabalhos*	Pôster	Nº participantes
1985	8 ^a	1	-	
1986	9 ^a	3	-	30
1987	10 ^a	7	-	
1988	11 ^a	6	-	
1989	12 ^a	3	-	33
1990	13 ^a	15	-	30-40
1991	14 ^a	15	-	30
1992	15 ^a	14	-	
1993	16 ^a	25	-	
1994	17 ^a	28	-	30-40
1995	18 ^a	16	-	60
1996	19 ^a	11	4	

1997	20 ^a	10	6	30
1998	21 ^a	17	6	55
1999	22 ^a	10	9	
2000	23 ^a	12	6	
2001	24 ^a	12	5	
2002	25 ^a	11	6	
2003	26 ^a	12	4	
2004	27 ^a	13	6	
2005	28 ^a	12	7	
2006	29 ^a	12	3	
2007	30 ^a	10	16	
2008	31 ^a	12	2	
2009	32 ^a	12	3	120
2010	33 ^a	11	2	130
2011	34 ^a	14	9	133
2012	35 ^a	14	3	172
2013	36 ^a	12	6	157
2015	37 ^a			
	Total	258	103	

*De 1992 a 1995, trabalhos e comunicações. A partir de 1996, trabalhos e trabalhos encomendados.

Fonte: Organizado a partir de Catani e Faria Filho (2002, p.115) e consulta no site da ANPEd.

Quadro 3: Representantes do GT História da Educação no comitê científico da ANPEd

2014-2015	Maria Teresa Santos Cunha (UDESC); Maria Arisnete Câmara de Moraes (UFRN)
2013	Maria Arisnete Câmara de Moraes (UFRN); Maria Teresa Santos Cunha (UFSC)
2011-2012	Rosa Fátima de Souza (UNESP); Maria Arisnete Câmara de Moraes (UFRN);
2009-2010	José Gonçalves Gondra (UERJ); Moyses Kuhlmann Júnior (USF)
2008	José Gonçalves Gondra (UERJ)
2007	Ana Maria de Oliveira Galvão (UFMG); Eliane Teresinha Peres (UFPel)

2006	Ana Maria Galvão (UFMG)
2005	Carlos Eduardo Vieira (UFPr)
2004	Cynthia Greive (UFMG)
2003	José Carlos Araújo (UFU); Cynthia Greive (UFMG)
2002	Cynthia Greive (UFMG); Denice Catani (USP)
2001	Vera Valdemarim (UNESP/Araraquara)
2000	Clarice Nunes (UFF)
1999	Clarice Nunes (UFF)
1998	Clarice Nunes (UFF); Denice B. Catani (USP); Marta Maria Chagas de Carvalho (PUCSP); Dermeval Saviani (UNICAMP)
1997	Denice B. Catani (USP); Guacira Lopes Louro (UFRGS); Eliane Marta Teixeira Lopes (UFMG)
1996	José Silvério Baía Horta (UFF)
1995	José Silvério Baía Horta (UFF)
1994	José Silvério Baía Horta (UFF)
1993	Clarice Nunes (UFF)
1991-1992	Clarice Nunes (UFF)

Fonte: Organizado a partir de Catani e Faria Filho (2002, p.115) e consulta no site da ANPED.

Quadro 4: Consultores *Ad Hoc* do GT História da Educação

Ano	Reunião	Consultores <i>Ad Hoc</i>
1996	19 ^a	
1997	20 ^a	Lúcio Kreutz (UNISINOS); Guacira Lopes Louro (UFRGS); Maria Cecília Cortez Cristiano de Souza (USP); Clarice Nunes (UFF)
1998	21 ^a	Maria Cecília Cortez Cristiano de Souza (USP); Clarice Nunes (UFF)
1999	22 ^a	Maria Cecília Cortez Cristiano de Souza (USP); Ana Waleska Pollo Campos Mendonça (PUCRJ); Elomar G. Tambara (UFPel)
2000	23 ^a	Maria Cecília Cortez Cristiano de Souza (USP); Ana Waleska Pollo Campos Mendonça (PUCRJ); Elomar G. Tambara (UFPel)
2001	24 ^a	

2002	25 ^a	Ana Maria Galvão (UFMG); Carlos Eduardo Vieira (UFPr)
2003	26 ^a	
2004	27 ^a	
2005	28 ^a	
2006	29 ^a	
2007	30 ^a	
2008	31 ^a	Marcus Albino Levy Bencostta (UFPR); Alessandra Frota Martinez C. Schueler (UFF); Ester Fraga Vilas-Bôas C. Nascimento (UNIT)
2009	32 ^a	Marcus Albino Levy Bencostta (UFPR); Alessandra Frota Martinez C. Schueler (UFF); Ester Fraga Vilas-Bôas C. Nascimento (UNIT)
2010	33 ^a	Carlos Henrique Carvalho (UFU); Vera Lucia Gaspar da Silva (UDESC)
2011	34 ^a	Carlos Henrique Carvalho (UFU); Vera Lucia Gaspar da Silva (UDESC)
2012	35 ^a	Carlos Henrique Carvalho (UFU); Vera Lucia Gaspar da Silva (UDESC); César Augusto Castro (UFMA) Claudia Maria Costa Alves (UFF); Maria Helena Camara Bastos (PUCRS)
2013	36 ^a	Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (UFMG); José Silvério Baía Horta (UFAM); César Augusto Castro (UFMA); Claudia Maria Costa Alves (UFF); Maria Helena Camara Bastos (PUCRS)
2014/2015	37 ^a	Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (UFMG); José Silvério Baía Horta (UFAM); César Augusto Castro (UFMA); Claudia Maria Costa Alves (UFF); Cristiani Bereta Silva (UDESC)

Fonte: Organizado a partir de Catani e Faria Filho (2002, p.115) e consulta no site da ANPEd.

Quadro 5: Trabalhos encomendados GT História da Educação

Ano	Autor	Título
2013	Silvia Finocchio (Universidade de Buenos Aires, Argentina, FLACSO) Décio Gatti Júnior (UFU) Marisa Bittar (UFSCar)	A disciplina de História da Educação em debate
2012	Circe Maria Fernandes Bittencourt (PUC-SP)	Momentos e lugares do livro didático na História da Educação
2011	Francisco Régis Lopes Ramos (UFCE)	Acervos e Museus Escolares
2010	Gary Mc Culloch (University of London/England)	Cenários da História da Educação na Inglaterra
2009	Thais Nívia de Lima Fonseca (UFMG) Tereza M. Rolo Fachada Levy Cardoso (CEFET/RJ)	1759-2009: 250 anos de ensino público: contribuições para o estudo da educação no mundo luso-brasileiro
2008	Silvina Gvirtz (UdeSa – Argentina)	Tendências atuais da História da Educação na América Latina
2007	Jacques Revel (EHESS/França)	História e Ciências Sociais
2006	Kazumi Munakata (PUC-SP)	História do Livro e do Livro Didático: a Escrituração dos Saberes
2005	Luiz Felipe Baêta Neves (UERJ)	História Intelectual e História da Educação
2004	Francisco José Calazans Falcon (UFF/PUC-Rio)	História Cultural e História da Educação
2003	Juergen Schriewer (Berlim/Alemanha) Maria Lígia Coelho Prado	
2002	Maria Helena Camara Bastos (PUCRS) Marcus Levy Bencostta (UFPr) Maria Teresa Santos Cunha (UDESC)	Uma cartografia da pesquisa em História da Educação Na Região Sul: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul (1980-2000)
2001	Denice Bárbara Catani (FE-USP) Luciano Mendes de Faria Filho (UFMG)	História e historiografia da educação brasileira nos anos 80 e 90: a produção divulgada no GT História da Educação
2000	Clarice Nunes (UFF)	Interrogando a avaliação: critérios e sugestões no exame dos trabalhos de História da Educação

1999	Regina Horta Duarte (UFMG)	Conquista e civilização nas Minas oitocentista
1998	Miriam Jorge Warde (PUCSP)	História da Educação Brasileira: constituição do campo, fronteiras, intelectuais, instituições
1997	Rogério Fernandes (UL/PT)	A História da Educação no Brasil e Portugal: caminhos cruzados
1997	Andréa Daher (UFRJ)	A língua da fé, o livro a serviço da conversão dos índios no Brasil Colonial (século XVI)

Fonte: Organizado a partir de Catani e Faria Filho (2002, p.115) e consulta no site da ANPED.

Quadro 6: Minicursos ministrados no GT História da Educação

Ano	Título	Ministrantes
2013	História do Tempo Presente e História da Educação: questões conceituais e perspectivas de pesquisa	Maria Teresa Santos Cunha (UDESC) Cristiane Bereta Silva (UDESC)
2012	História dos Intelectuais: categorias de análises	Cláudia Maria Costa Alves (UFF)
2011	Paradigmas de explicações para estudos da cultura: textos e interpretações	Yolanda Lima Lobo (UENF)
2010	Genealogia dos sistemas públicos de ensino: história e legislação	Lia Ciomar Macedo de Faria (UERJ) Maria Celi Chaves Vasconcelos
2009	O método de análise da configuração textual: fundamentos e possibilidade de aplicação na pesquisa em História da Educação	Maria do Rosário Mortatti (UNESP) Rosane Michelli Castro; Thabatha Aline Trevisan; Bárbara C. Pereira; Monalisa Renata Gazol (UNESP)
2008	A pedagogia no Brasil: história e teoria	Dermeval Saviani (UNICAMP)
2007	Infância, educação, psicologia da criança e biologia, analisadas através das obras de Eduard Claparède, Maria Montessori e W. Blatz e o Movimento dos Estudos da Criança (Child Study)	Alessandra Arce (UFSCar)

2006	Formas da Escola no Brasil (Séc. XIX e XX)	Jose Gonçalves Gondra (UERJ); Luciano Mendes de Faria Filho (UFMG)
2005	Memória da escola: subsídios para sua construção e organização	Maria Aparecida Franco Pereira (UNISANTOS)
2004	História das ideias pedagógicas no Brasil	Dermeval Saviani (UNICAMP)
	A imagem fotográfica e suas possibilidades na pesquisa em História da Educação	Marcus Levy Albino Bencostta (UFPR)
2003	Os arquivos e a construção de categorias de análise na História da Educação	Cláudia Alves (UFF)
2002	Tópicos de História da Educação Infantil	Moysés Kuhlmann Jr. (USF/SP)
2001	Fontes para a História da Educação do tempo presente	Afonso Celso Scocuglia (UFPB)
2000	Nas tramas do Arquivo	Ana Maria Casasanta Peixoto (PUC/MG – CRERP-SEEF/MG)
1999	As categorias da pesquisa em História da Educação Trabalho e Educação na sociedade brasileira: uma perspectiva histórica do ensino técnico	Eliane Marta Teixeira Lopes (UFMG) Maria Ciavatta Franco (UFF) e Carmem Silva Vidigal (USP)
1998	História e Filosofia de Instituições Escolares	Esther Buffa e Paolo Nosella (UFSCar)
1997	História do Currículo: um campo de ensino e de investigação	Rogério Fernandes (UL/PT)
1996	História das Instituições Educacionais Educação e Gênero	Justino Magalhães (UL/PT) Guacira Lopes Louro (UFRGS)

Fonte: Organizado a partir de Catani e Faria Filho (2002, p.115) e consulta no site da ANPED.

Quadro 7: Exposições do GT História da Educação

Ano	Tema	Organização	Curador
2013	Cenas e retratos da Escola Primária Brasileira	Rosa Fátima de Souza (UNESP)	Marcus Levy Bencostta (UFPR)

2005	História dos Grupos Escolares	Marcus Levy Bencostta (UFPR)	
2002	Olhares sobre o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova	NEPHE-UERJ/ PRODEF-UFF	

Fonte: Organizado a partir de Catani e Faria Filho (2002, p.115) e consulta no site da ANPED.

Quadro 8: Publicações do GT História da Educação

1988	NUNES, Clarice. Guia Preliminar de Fontes de História da Educação.
1989	HORTA, José Silvério Baia; BUFFA, Ester; CARVALHO, Marta Maria Chagas de; LOURO, Guacira; NUNES, Clarice. Cadernos ANPED Nova Fase – Diretrizes e Bases da Educação: o nacional e o regional na história da educação brasileira nº 2.
1992	NUNES, Clarice (Org.) Guia preliminar de fontes para história da educação brasileira. Brasília: INEP.
1993	NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta M. Chagas de. Historiografia da Educação e Fontes. Cadernos Anped nº 5. p.7-64.
1995	GONDRA, José; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. (Org.). Pesquisa Histórica: Retratos da Educação no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ.
1999	FARIA F., Luciano M. (Org.) Pesquisa em História da Educação. Perspectivas de análise, objetos e fontes. Belo Horizonte: HG Edições.
2000	FARIA F., Luciano M. (Org.) Arquivos, fontes e novas tecnologias – questões para a história da educação. São Paulo: Autores Associados/Edusf.

Fonte: Organizado a partir de Catani e Faria Filho (2002, p.115) e consulta no site da ANPED.

Pesquisa e ações do GT 02

Contribuições para compor nosso percurso histórico

*José Edimar de Souza
Alessandra Cristina Furtado*

A escrita destas notas tem o objetivo de contribuir para compor aspectos da história do GT 02 – História da Educação da ANPED entre 2015 e 2023. Nesse sentido, buscamos completar os quadros indicados em uma escrita anterior realizada pelas professoras Ester Buffa, Maria Helena Câmara Bastos e de outros estudos produzidos por pesquisadores vinculados aos nosso grupo de trabalho. Contudo, entendemos que a história é indiciária e, ao escolhermos uma forma de escrita, recortamos, ordenamos e produzimos uma determinada narrativa. Concordamos com Perez (2016, p. 14), quando assegura que reconstruir a memória e história da educação representa reconhecer o valor simbólico e cultural ao estudar os fatos e acontecimentos corroborando para “generar conexiones cognitivas y emocionales desde esa forma de revivir o visitar el pasado”.

Em nossa gestão como coordenadores do GT 02, procuramos aprofundar o diálogo e estreitar a comunicação com os integrantes do nosso grupo, bem como promovemos diferentes atividades em 2024, com o intuito de celebrarmos as quatro décadas que acumulam experiências, vivências e pesquisa que agregaram conhecimento para o campo. De modo geral, as coordenações do GT procuraram seguir esses passos, com grupo diversificado de representantes de diferentes regiões e instituições do país (vide anexo, Quadro 1), também observando as questões de gênero na composição da equipe coordenadora, científica e dos *ad hoc* (como se evidencia nos quadros 3 e 4).

Em relação aos trabalhos apresentados, nessa última década atravessamos um período distinto, com a pandemia de Covid-19⁵,

⁵ Há vários artigos, coletâneas, livros e investigações referente ao contexto vivenciado no mundo com a crise pandêmica. Referencio aqui um trabalho que

que entre 2020 e 2022 transformou a realidade social, política, cultural e educacional no Brasil. No Quadro 2, identificamos a ampliação do número de trabalhos que a realização da ANPEd no formato virtual possibilitou, e na última edição passamos a contar com a modalidade de trabalho em andamento, democratizando o processo de participação de pesquisadores em diferentes níveis de formação, contribuindo com resultados parciais de suas pesquisas. Outro aspecto relevante que merece destaque é quanto ao formato dos trabalhos, que passaram a contar com a possibilidade de publicação de um resumo expandido e/ou ter a opção pela publicação na íntegra dos trabalhos no *e-book* da reunião da associação.

Em relação aos trabalhos encomendados, minicursos e sessões especiais, como consta nos Quadros 5 e 6, indicam que as ações do GT procuraram acompanhar os desafios da produção da História da Educação diante de contextos de insegurança política, democrática, neoconservadorismos e crises de saúde pública e ambiental. Nesse sentido, a escrita dos registros deste nosso *e-book* demonstram nossos esforços para que, de forma coletiva e colaborativa, possamos contribuir para que muitos futuros se concretizem, pois entendemos, como Paulo Freire, que revisitar essas memórias pode colaborar para projetar “inéditos viáveis”⁶.

Em síntese, como atividade alusiva aos 40 anos do GT, a coordenação geral, com apoio de integrantes do comitê científico, participou de todos os encontros regionais da ANPEd no ano de 2024. Nesse sentido, as Figuras de 1 a 10 evidenciam momentos em que apresentamos um histórico e levantamento de produções do nosso GT, bem como convidamos para a *live* festiva e a escrita das cartas que compõem este *e-book*. Desde já, agradecemos a intensa colaboração de todos os coordenadores dos eixos e grupos de trabalho regionais pelo espaço concedido para que fizéssemos esse momento de divulgação e de conversa com todos os associados.

Nesse biênio, talvez, o ponto culminante tenha sido a realização da *live* “GT 02 História da Educação da ANPEd – 40 anos”, que aconteceu no dia 11 de dezembro de 2024, conforme Figura 11, e contou com a presença de professores e professoras que já

foi organizado pela Universidade de Caxias do Sul, como exemplo desses muitos estudos e trabalhos. Ver mais detalhes em Rela, Rosa e Stecanela (2023).

⁶ O “inédito-viável” é, na realidade, pois, uma coisa que era inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas quando se torna um “percebido destacado” pelos que pensam utopicamente, o problema não é mais um sonho, pois pode se tornar realidade (Freire, 2017).

coordenaram o GT: Luciano Mendes de Faria Filho, Ester Buffa, Maria Teresa Santos Cunha e Maria Helena Câmara Bastos. Além disso, como consta na Figura 12, produzimos uma xícara alusiva aos 40 anos e um logo comemorativo. O link para a gravação da *live* está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tXOVesnOMdQ&ab_channel=ANPEdNacional.

Referências

FREIRE, Ana Maria Araújo. Inédito viável. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 223-226.

PÉREZ, Alejandro Mayordomo. Prologo. *In*: DOMÍNGUEZ, Pablo Álvarez (coord.). **Los Museus Pedagógicos en España: entre la memoria y la creatividad**. Trea: Sevilla, 2016, p. 13-17.

RELA, Eliana; ROSA, Geraldo Antônio da; STECANELA, Nilda. (org.). **Educação e pandemia(s)/"Pós-pandemia(s)": territorialidades nos saberes e produção de sentidos**. Caxias do Sul, RS: Educus, 2023.

Anexos

Quadro 1 - Coordenações do GT (2015-2025)

Ano	Edição	Coordenação	Local
2017	38 ^a	Coordenadora: Claudia Maria Costa Alves de Oliveira – UFF Vice-Coordenadora: Cynthia Greive Veiga – UFMG	Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – São Luís
2019	39 ^a	Coordenadora: Adriana Maria Paulo da Silva – UFPE Vice-Coordenador: César Augusto Castro – UFMA	Universidade Federal Fluminense (UFF) – Niterói
2021	40 ^a	Coordenador: Cesar Augusto Castro – UFMA Vice-Coordenadora: Adriana Maria Paulo da Silva – UFPE	Universidade Federal do Pará (UFPA) (on-line)
2023	41 ^a	Coordenação: Rosa Lydia Teixeira Corrêa – PUC/PR Vice-Coordenadora: Alessandra Cristina Furtado – UFGD	Universidade Federal do Amazonas (UFAM) – Manaus
2025	42 ^{a7}	Coordenadora: Alessandra Cristina Furtado – UFGD Vice-Coordenador: José Edimar de Souza – UCS	Universidade Feral da Paraíba (UFPB) – João Pessoa

Fonte: Elaborado pelos autores.

⁷ WERA Focal Meeting ocorreu junto da Reunião Nacional da ANPED.

Quadro 2 - Dinâmica do GT História da Educação (2015 a 2013)

Ano	Reunião	Trabalhos*	Pôster	Nº participantes
2015	37 ^a	18	3	26
2017	38 ^a	11	1	15
2019	39 ^a	15	2	26
2021	40 ^a	38	3	61
2023	41 ^a	27	20 ⁸	81

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quadro 3 - Representantes do GT História da Educação no Comitê Científico da ANPED

2017	Rosa Lydia Teixeira Corrêa (PUC-PR); Marcus Aurelio Taborda de Oliveira (UFMG)
2019	Rosa Lydia Teixeira Corrêa (PUC-PR); Marcus Aurelio Taborda de Oliveira (UFMG)
2021	Cynthia Greive Veiga (UFMG); José Silvério Baia Horta (UFAM); Eurize Caldas Pessanha (UFGD)
2023	Elizabeth Figueiredo de Sá (UFMT); José Silvério Baia Horta (UFAM); Eurize Caldas Pessanha (UFGD); Jose Edimar de Souza (UCS)
2025	Betânia Lacerda Ribeiro – UFU; Elizabeth Figueiredo de Sá – UFMT; Cristiano Ferronato – UNIT

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quadro 4 - Consultores *Ad Hoc* do GT História da Educação

Ano	Reunião	Consultores <i>ad hoc</i>
2017	38 ^a	Rubia-Mar Nunes Pinto (UFG); Maria Celi Chaves Vasconcelos (UERJ); Cristiani Bereta da Silva (UDESC); Adriana Maria Paulo da Silva (UFPE); Antonio de Pádua Carvalho Lopes (UFPI); Raquel Discini de Campos (UFU)
2019	39 ^a	José Silverio Baia Horta Baia Horta (UFRJ); Natalia de Lacerda Gil (UFRGS); Aline de Moraes Limeira (UFPB); Maria Celi Chaves Vasconcelos (UERJ)

⁸ Trabalhos em andamento.

2021	40 ^a	Elizabeth Figueiredo de Sá (UFMT); Natalia de Lacerda Gil (UFRGS); Amália Cristina Dias da Rocha Bezerra (UERJ); Terciane Ângela Luchese (UCS); Zuleide Fernandes de Queiroz (URCA); Lia Machado Fiuza Fialho (UECE)
2023	41 ^a	Amália Cristina Dias da Rocha Bezerra (UERJ); Cristiano de Jesus Ferronato (UNIT); Cynthia Greive Veiga (UFMG); Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro (UFU); Natalia de Lacerda Gil (UFRGS); Juarez José Tuchnski dos Anjos (UNB); Maria Cristina Gomes Machado (UEM); Lia Machado Fiuza Fialho (UECE)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quadro 5 - Trabalhos encomendados GT História da Educação

Ano	Autor	Título
2017	José Costa D'Assunção Barros (UFRRJ)	Igualdade e Diferença – uma discussão conceitual em contraponto ao conceito de Desigualdade
2019	Surya Aaronovich Pombo de Barros (UFPB) Amália Cristina Dias da Rocha Bezerra (UERJ/FEBF)	Não-brancos(as) e periféricos(as): histórias da docência no Brasil
2021	Marcus Aurelio Taborda de Oliveira (UFMG) Katya Braghini (PUC-SP)	Currículo e ditadura civil-militar: entre o esvaziamento tecnocrático e a experiência
2023	Luciano Mendes de Faria Filho (UFMG) Natalia de Lacerda Gil (UFRGS)	Qualidade, Igualdade e Equidade: questões para a História da Educação

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quadro 6 - Minicursos ministrados no GT História da Educação.

Ano	Título	Ministrantes
2017	Estatísticas do ensino como fonte para a História da Educação	Natalia de Lacerda Gil (UFRGS)
2019	Introdução ao Pensamento de João dos Santos: Estudo sobre a Pedagogia Terapêutica	Patrícia Helena Carvalho Holanda (UFC)

2021	História da educação no Brasil: produção e difusão do conhecimento	Cristiano de Jesus Ferronato (UNIT) Olivia Morais de Medeiros Neta (UFRN)
2023	A Preservação digital de acervos a partir da experiência do Repositório Digital Tatu Theodor Adorno: o adocimento da educação emancipatória na sociedade contemporânea	Alessandro Carvalho Bica (UNIPAMPA) Simôni Costa Monteiro Gervasio (UFPeI) Junior César Ferreira de Castro (PUC-GOIAS) Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida (PUC-GOIAS)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 1 - Participantes da 15ª Reunião Anped Sul - 2024



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Figura 2 - Prof. José Edimar de Souza - divulgação da história do GT 02 na Reunião Anped Sul



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Figura 3 - Prof. José Edimar de Souza na Reunião Anped Sudeste (2024)



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Figura 4 - Participantes da 16ª Reunião Anped Sudeste



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Figura 5 - Prof. Cristiano Ferronato participando da 27ª EPEN - 2024



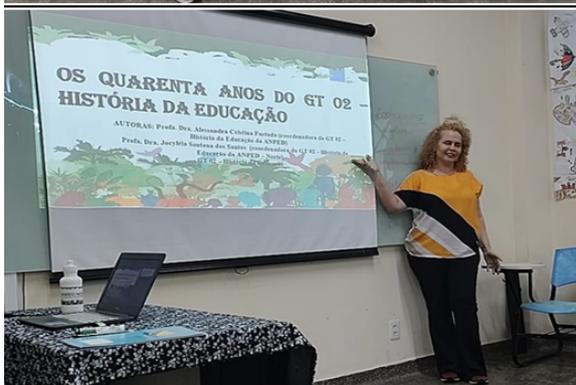
Fonte: Acervo pessoal do prof. Cristiano Ferronato.

Figura 6 - Participantes do 27º EPEN - 2024



Fonte: Acervo pessoal do prof. Cristiano Ferronato.

Figura 7 - Profa. Jocyleia Santana dos Santos na 5ª Reunião Anped Norte



Fonte: Acervo pessoal da profa. Jocyleia Santana dos Santos.

Figura 8 - Profa. Jocyleia Santana dos Santos na 5ª Reunião Anped Norte (2024)



Fonte: Acervo pessoal da profa. Jocyleia Santana dos Santos.

Figura 9 - Profa. Alessandra Furtado com os participantes da 17ª Reunião Anped Centro-Oeste



Fonte: acervo pessoal dos autores.

Figura 10 - Professora Alessandra Cristina Furtado na Reunião Anped Centro-oeste (2024)



Fonte: acervo pessoal dos autores.

Figura 11 - Live GT 02 - 40 anos (2024)



Fonte: Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=tXOVesnOMdQ&ab_channel=ANPEdNacional.

Figura 12 - Xícara com logo dos 40 anos do GT



Fonte: acervo pessoal dos autores.

Cartas do GT 02:
celebrando os 40
anos

Querid@s colegas,

Queria começar esta carta saudando a longevidade do GT 02 da ANPEd. Afinal, completar 40 anos de existência é uma prova, acima de tudo, de resiliência. Atesta a força da comunidade de historiador@s da educação em existir em tempos democráticos e resistir em tempos sombrios. Evidencia sua capacidade de reinventar-se, incorporar novos procedimentos metodológicos, aprofundar-se em debates teóricos e ampliar consideravelmente os objetos de estudo. Não foi pouco o que construímos neste período de quase meio século, tanto no que concerne às colaborações internas ao território nacional como às relações internacionais.

Redesenhamos o mapa da produção historiográfica em educação no Brasil, deslocando o debate das Regiões Sul-Sudeste para as demais regiões brasileiras, evidenciando a diversidade das respostas aos desafios educativos, iluminando iniciativas locais e regionais bem como evocando a agência de sujeitos esquecidos por narrativas concentradas em antigos paradigmas históricos. Fortalecemos nossos contatos com @s colegas portugueses e latino-american@s e passamos a ter um lugar privilegiado nas reuniões anuais da International Standing Conference for the History of Education (ISCHE), inclusive obtendo reconhecimento do português como um dos idiomas dessa associação internacional de História da Educação.

Portanto, temos muito a comemorar. A comemoração se soma à dos 25 anos de criação da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), surgida no seio da 23ª Reunião Anual da ANPEd, no dia 28 de setembro de 1999, em Caxambu.

O GT 02 marcou indelevelmente o campo da história da educação brasileira como um espaço de formação de quadros, convergência de ações políticas e disputas teórico-metodológicas, alimentando gerações de pesquisador@s, impulsionando investigações e consolidando o campo científico.

Comecei a frequentar o GT 02 em 1993, ainda no seu primeiro decênio de atividade. Apresentei a comunicação intitulada “As ciências físicas e uma nova percepção do real na década de 1920”. À época, havia uma divisão entre trabalhos e comunicações. Os primeiros dispunham de, se não estou enganada, 30 minutos para exposição, enquanto as comunicações tinham apenas 15 minutos. Eu ainda cursava o doutorado na Faculdade de Educação da USP e fiquei impressionada com a dinâmica da reunião que concedia um tempo generoso para debate das apresentações e suscitava conversas que se estendiam no intervalo do café, durante o almoço ou com o vinho tomado ao final da tarde.

Naquele ano, lembro-me do impacto causado pela publicação do texto “Historiografia da educação e fontes”, de autoria de Clarice Nunes e Marta Carvalho, recém-saído nos Cadernos *ANPEd*, n. 5, em setembro. Era a discussão potente que circulava no GT 02 e impulsionava um revisionismo dos procedimentos até então adotados pelo campo, ao mesmo tempo em que propugnava por uma aproximação mais estreita com a história e suas teorias e protocolos. O texto tornou-se um verdadeiro clássico para a história da educação brasileira.

Ao problematizar a historicidade do campo da história da educação e da documentação em educação e ao alinhar-se à nova história cultural, o texto carregava conceitos e alertas que ainda repercutem nas interpretações historiográficas atuais. Somou-se a outras referências, como gênero e como uma categoria de análise, que colocavam o GT 02 na vanguarda da produção histórico-educativa, nesse aspecto em particular, emulado pelo exercício de Eliane Marta Teixeira Lopes e Guacira Lopes Louro.

Foi também em 1993 que participei pela primeira vez de um congresso da ISCHE. O XV ISCHE ocorreu em Lisboa, e nele apresentei a comunicação individual “The nationality concept construction: an educational reform in the brazilian capital (1927-1930)”. Nesse evento, coube a Dominique Julia proferir a conferência de encerramento, intitulada “La culture scolaire comme un objet historique”, depois traduzida ao português e lançada no primeiro número da *Revista Brasileira de História da Educação*, em 2001, como “A cultura escolar como objeto histórico”, outro texto que se tornou basilar para a historiografia brasileira de educação.

Eu vinha do mestrado realizado em história social do trabalho, na UNICAMP, e encontrei a história da educação em um momento de profundas mudanças, muitas delas orbitando em torno do GT 02. Assim iniciou-se meu trânsito nacional e internacional pelo campo histórico-educacional, um movimento que tem pautado minha trajetória acadêmica e que vem sendo beneficiado pelas muitas amizades que colhi ao longo destes 31 anos de docência e pesquisa.

Em 1997, ousei submeter o trabalho “Livros, leituras e práticas de formação docente: o Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)”, em que discorria sobre os resultados do meu doutorado defendido em 1995. Digo ousei porque, à época, ter um trabalho aprovado para apresentação no GT 02 era uma grande conquista. O GT 02 configurava-se no único fórum de divulgação da investigação histórico-educativa, vinculado diretamente a uma associação nacional. Por certo, já existiam os Seminários Nacionais do HISTEDBR. Mas estes relacionavam-se à disseminação de um grupo de pesquisa.

A ANPEd e o GT 02 foram também o ambiente que escolhemos – André Paulilo, Rachel Abdala, José Claudio Sooma Silva, Rosane Nunes, Tereza Marcela Baeza e eu – para exibir, em 1999, a exposição “Arquivo Fernando de Azevedo: Construindo o CD-ROM” e lançar o CD-ROM *O Arquivo Fernando de Azevedo e a Reforma da Instrução Pública do Distrito Federal*, fruto do projeto FAPESP “A escola na sua materialidade: estratégias e táticas”. Tomamos o saguão de entrada do Hotel Glória, em Caxambu, com fotografias e painéis que informavam sobre o projeto, seus objetivos e resultados parciais.

Coincidência ou não, foi nesse mesmo ano em que se criou a SBHE e eu assumi como secretária da Diretoria, composta também no seu núcleo central por Dermeval Saviani, Marta Carvalho e Ana Waleska Pollo Mendonça. A iniciativa tinha o propósito de entramar os dois fóruns de pesquisa e produção acadêmica em história da educação existentes no Brasil, fortalecendo a comunidade de investigador@s e permitindo uma maior interlocução com o cenário internacional, constituído pela ISCHE, mas também pelos Congressos Iberoamericanos de História da Educação, depois denominados Congressos Iberamericanos de História da Educação

Latino-Americana (CIEHLA) e Congressos Luso-brasileiros de História da Educação.

É importante recordar que, enquanto Dermeval Saviani e o HISTEDBR mantinham um contato estreito com a comunidade latino-americana de historiador@s da educação e seus congressos iniciados em 1992, o GT 02 havia sido o lócus de promoção de uma parceria mais estreita com @s investigador@s portugues@s, representada pelo estabelecimento, a partir de 1996, dos congressos luso-brasileiros. Não por acaso, o II Congresso Iberoamericano foi realizado na Faculdade de Educação da UNICAMP, em 1994, e o II Congresso Luso-brasileiro, na Faculdade de Educação da USP, em 1998, capitaneado por Denice Bárbara Catani e Cynthia Pereira de Sousa, também presenças ativas no GT 02.

Esta carta vai se alongando e ainda estou nos anos iniciais de meu contato com o GT 02. Talvez uma maneira de encerrar a narrativa seja referir-me ao fato de, apenas oito anos após meu ingresso no grupo, ter sido eleita como vice-coordenadora, em chapa com José Gonçalves Gondra, para o mandato de 2001 a 2003. A prática, na época, era de rodízio, e tinha-se a expectativa de que eu passasse à coordenadora em 2003, o que não ocorreu, porque elegi-me como presidente da SBHE por dois mandatos consecutivos, de 2003 a 2007. Retomo esse aspecto para reiterar a relação estreita que havia naqueles tempos, e creio ainda haver, entre o GT 02 e a SBHE, não só pelo trânsito dos sujeitos em várias posições de liderança nos dois *loci* acadêmicos, mas porque o GT 02 continuou a ser a casa para as reuniões da SBHE durante os encontros da ANPED.

Assim como muit@s colegas, o GT 02 foi o local da minha iniciação no campo historiográfico-educacional brasileiro, o lugar a partir do qual pude conhecer pessoas, trocar experiências de pesquisa, estabelecer colaborações e crescer intelectualmente. Foi, para mim, uma escola, na qual aprendi a fazer a crítica séria, respeitosa e embasada aos e às colegas e a debater um texto meu com espírito científico. Mas ofereceu-me também a oportunidade de me inserir na política acadêmica. As reuniões incluíam momentos de, coletivamente, avaliar desafios, diagnosticar problemas e projetar futuros para a história da educação no Brasil e no exterior.

Sua importância, assim, foi inegável para a minha formação intelectual e política, como acredito ter sido para gerações de inves-

tigador@s, por constituir-se como um território de fermentação de ideias e de construção política do campo.

Só posso agradecer pelo privilégio de ter participado da história deste Grupo de Trabalho que ora festeja seu 40º aniversário.

Um forte abraço,

*Diana Gonçalves Vidal*⁹

⁹ É professora titular sênior em História da Educação na Faculdade de Educação (USP); bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq nível 1 e membro de diferentes comitês editoriais, como, por exemplo: Revistas *History of Education* (UK), *Encounters in theory and history of education* (Canadá), *Caderno do Instituto Luso-Brasileiro* (Alemanha).

Caro/a leitor/a,

I

Eu, Névio de Campos, em meados de abril de 2025, beirando os 50 anos de idade e 30 anos de magistério (contando seis de Educação Básica), tomo a decisão de dizer um pouco do que sinto e penso a respeito da minha experiência de estudante e de professor-pesquisador. Sem dúvida, com alto grau de *ilusão biográfica* (Bourdieu, 1996, 2005), a ponto de crer que é possível contar algo sobre minha vida e de acreditar que isso pode interessar a você, *caríssimo/a leitor/a*. Uma dupla ilusão. São coisas narradas que avizinham impressões. Sem pretensão de serem verdadeiras, talvez, ao máximo, verossímeis.

II

Sou originário de escola pública (educação básica, graduação, mestrado e doutorado). Isso pode revelar minha origem social, mas também o lugar da educação escolar pública e gratuita no Brasil. Ainda estudante de graduação, iniciei minha experiência de professor na Educação Básica, na região metropolitana de Curitiba, notadamente na cidade de Piraquara (que durou um pouco mais de 6 anos). De modo contínuo e com dedicação exclusiva, integro o magistério da Educação Superior depois de 2006. Após um longo processo de escolarização, que remonta aos 6 anos de idade e conclui-se aos 30, ingressei no magistério superior. Mais da metade do tempo vivido (até hoje), passei e permaneci nos bancos escolares, o que apenas ilustra uma determinação da formação social moderna que proclama a passagem obrigatória de crianças e jovens pela escolarização – a maquinaria escolar, conforme Julia Varela e Fernando Alvarez-Uria (1992).

Essa “maquinaria escolar” me levou ao magistério, não por vocação inscrita nos tempos imemoráveis ou nas “tolas” memórias ou ilusões biográficas (porque não creio nisso), mas por um desti-

no conectado às categorias de origens sociais, que podem revelar tanto uma trajetória provável como uma trajetória improvável: ser professor – para um filho das “camadas populares” – pode ser um destino provável, se comparado a ser um jurista, um médico ou um diplomata; ser professor pode ser um destino improvável – para um filho das “camadas populares” – se comparado às ocupações profissionais e à escolarização dos pais. No meu caso, um pouco dos dois (Bourdieu, 2012; Lahire, 1997).

Diplomado, isto é, sob os signos do capital cultural – certidões de conclusão de primeiro grau (hoje, ensino fundamental) e de segundo grau (atualmente, ensino médio), dos diplomas de graduação, de mestrado e doutorado –, lancei-me (ainda me lanço) ao mundo da vida! Utilizei (ainda utilizo) todos esses diplomas (títulos) para converter capital cultural institucionalizado (Bourdieu, 2004) em capital material ou econômico, para (sobre)viver neste mundo em que todos precisam ser portadores de um bem (material ou imaterial) que tenha valor de troca.

III

Sou professor e pesquisador em universidade pública (Universidade Estadual de Ponta Grossa, desde 2007), na qual divido minha atividade profissional em muitas tarefas (às vezes, ou muitas vezes, é preciso tomar cuidado para não me tornar um professor ou um pesquisador tarefeiro). Por dever de um contrato de concurso público, devo exercer funções administrativas e pedagógico-acadêmicas. Eis aqui o dissabor e o sabor dessa profissão!

Caro/a leitor/a, no primeiro grupo (dissabor), estão aqueles afazeres correspondentes a coisas do tipo burocrático, como integrar alguma comissão, participar de reuniões, ocupar chefia de departamento, coordenação de curso de graduação, de pós-graduação etc. (aqui está a dimensão da tragédia de Sísifo ou de Prometeu, ambos condenados a pagar um [alto! ou seria baixo?] tributo ao longo de suas vidas; por azar, não sou nem um titã, nem um imortal como Prometeu, nem sou o mais inteligente dos mortais, tal qual Sísifo).

Prometeu, por desobediência à ordem de Zeus, tinha seu fígado devorado por uma ave durante o dia. Uma condenação eterna, pois no dia seguinte (após restaurada aquela parte de seu corpo), a maldição se atualizava. Por sorte do “destino”, esse titã foi salvo

da referida condenação pelo herói grego Hércules. Por desventura, não sou um titã! E, neste mundo das “maquinarias” (mundo contemporâneo), parece não mais existir lugar para um Hércules, que poderia me salvar do peso da burocracia.

Sísifo, que usava sua inteligência como artimanha contra os deuses, foi condenado a carregar (eternamente) uma pedra até o topo de uma montanha. Essa situação jamais acabaria, pois, prestes a cumprir sua tarefa (a chegada ao cume), o trabalho recomeçaria, já que a pedra (pelo destino da condenação) rolava à base do monte. Para Sísifo, não houve um Hércules. Restaria a Sísifo resignar-se a seu destino? Resignar-se consistiria em aceitar sua eterna rotina. Existiriam outras possibilidades a Sísifo?

A metáfora desses dois personagens míticos simboliza uma parte das atividades da vida escolar e da vida profissional de um professor (o meu caso, ou de alguns ou de muitos, para não dizer de todos). Este universo da rotina, da “maquinaria”, da burocracia, do formalismo, ou melhor, dos burocratas, dos *experts*, dos “intelectuais sem ilustração”, consome uma boa parte das minhas energias de professor e pesquisador.

Se não sou um titã como Prometeu nem um astuto tal qual Sísifo, coloco-me no movimento da “ilustração”, a fim de “escapar” ou, ao menos, negar-me à resignação ao mundo da tecnocracia. Espelhado ao Sísifo de Albert Camus (2010), tento driblar esse cruel destino, ou buscar refúgio, para manter algum grau relativamente importante de ato criativo em minha trajetória de professor e pesquisador.

Não convivo bem (ou muito bem!) com essa dimensão da minha vida profissional. Minha impressão é que essa dimensão profissional (dimensão institucional) é uma espécie de mortificação da vida, logo, do ato de criação. *Estimado/a leitor/a*, por favor, não me entenda mal (tão mal!). A “racionalidade” dessacraliza a vida! Muita gente já escreveu sobre isso! Talvez pior que isso seja a sacralização da técnica ou da tecnocracia (da burocracia). Mais “miserável” que isso é o técnico que sacraliza a técnica ou o tecnocrata que sacraliza a tecnocracia. Estas impressões, que podem não ser verdadeiras, mas podem ser verossímeis, podem (ou devem?) ser objetos da historiografia da educação, notadamente de projetos de pesquisa que problematizem as disputas em torno da escolarização em diferentes temporalidades, assim como em diferentes

níveis e modalidades de ensino. Espero que esse sintoma, que pode ser fruto de uma simples ilusão biográfica, seja cruzado com outras memórias e outras tipologias de documentos, a fim de se confirmar (ou não!) sua verossimilhança.

Caro/a leitor/a, no segundo grupo (sabor), inserem-se coisas relacionadas à docência, isto é, ao ensino de uma disciplina para estudantes de graduação e de pós-graduação, além de orientação de pesquisas de conclusão de curso de graduação, de iniciação científica, de mestrado e de doutorado.

No ensino de graduação, grande parte de minha vivência ocorreu (ainda ocorre) no ensino de história da educação, no curso de pedagogia; sem querer buscar um mito de origem, uma das mais interessantes experiências de ensino nessa disciplina se deu no início do doutorado, quando fiz estágio de docência no ensino superior, em razão da bolsa de estudo; por fortuna, realizei essa atividade em história da educação brasileira, sob a supervisão do professor da disciplina e orientador de meu doutorado. Ali, aprendi aspectos importantes para meu processo de formação como professor de história da educação. Isso revela duas coisas importantes: de um lado, a importância de bolsas de estudo para os diferentes níveis de ensino; de outro, a relevância de articular formação de pesquisador e formação de professor.

Concluído o doutorado (2006), havia a necessidade de prestar concurso público. Fiz em dezembro daquele ano, sendo nomeado em abril de 2007. Quis a desventura do destino que a disciplina de meu concurso não fosse história da educação, situação que me conduziu por dois anos a ministrar sociologia da educação, além de sociologia em cursos de bacharelado (fiz concurso para sociologia). Uma verdadeira epopeia (ou seria uma tragédia?! Tudo isso tem a ver com a tamanha dispersão de minha formação durante os cinco anos e meio de graduação que, embora matriculado em filosofia, na Universidade Federal do Paraná (que ficava no 7º andar do edifício Dom Pedro I), eu teimava em seguir uma vida, ou duas vidas, paralela/s (no 9º andar, onde se alocava o curso de ciências sociais, e no 6º andar, onde estava o curso de história). Essa dispersão me conduziu a tudo isso. Mas o “destino” seria a história, mestrado e doutorado em história e historiografia da educação. Designo-me um historiador!

Em 2009, conectei minha vida de pesquisador à minha vida de professor. Um pesquisador e um professor de história da educação. Conduzir uma disciplina quase secular, num dos poucos cursos de licenciatura (quase o único) a ter história da educação em seu currículo, é cheio de desafios. Ela compõe, juntamente com outras tantas, as designadas áreas de formação básica para quem estuda pedagogia, e está postada logo no início do curso, pois a segunda metade é destinada a uma vivência (quase) direta do mundo escolar, já que a função principal é preparar docentes para a educação básica (educação infantil e ensino fundamental I). É nesse universo, *caro/a leitor/a*, que se encontra(va) a disciplina de história da educação.

Nesse período, publiquei dois artigos que tratam da questão do ensino de história da educação. Num deles (Campos, 2011), desenvolvi o argumento de que essa disciplina tem muitas funções, sobretudo a de conduzir a “tudo pensar historicamente” (Vilar, 1995), a de ver que “nada há para além da história” (Bourdieu; Chartier, 2015), ou a de ajudar a “sairmos de nós mesmos” (Veyne, 2009). Em regra, a beleza dessa área está em desenvolver tais olhares entre tantos outros possíveis, mas também contra leituras ultrapassadas (embora vigentes), como aquela que profere a história como mestra da vida ou profilaxia do presente. Aqui está a potencialidade e a atualidade da história, muito embora a força do presentismo que se vê em todas as esferas da vida contemporânea, notadamente nos cursos de formação de professores. No segundo artigo (Campos, 2020), desenvolvi um estudo para mapear as formas do ensino de história da educação na Universidade Estadual de Ponta Grossa, no contexto entre 1963 e 2012, a fim de identificar continuidades e descontinuidades.

Mesmo sem o desejo de oferecer qualquer lição pedagógica, talvez faça algum sentido mencionar a importância da conexão entre atuação na pesquisa e atuação no ensino. Se a conexão entre ensino e pesquisa é uma das principais expressões de beleza, a experiência de pesquisa é um dos fatores mais estimulantes da minha vida de professor. É uma dupla satisfação: de uma parte, pelo conjunto de escritos que realizei, seja ao aprofundar questões oriundas da dissertação e da tese, seja ao inserir-me em novas frentes de pesquisa; de outra parte, pelas orientações realizadas, cujo efeito é o desenvolvimento ou a ampliação de estudos somente capazes de ocorrer por meio de novas dissertações e teses. Vê-se, por exemplo,

como o objeto de minha tese se ampliou ou se aprofundou nos objetos de pessoas que orientei. Eis um dos sentidos fortes da minha experiência docente! Talvez, no ensino de história da educação e na pesquisa dessa área, encontra-se o “antídoto” ao “veneno” da burocracia, da tecnocracia.

IV

Caro/a leitor/a, finalizo aqui, sem saber ao certo se minhas impressões guardam algum sentido. Um tanto ou bastante enfadonhas, muito provavelmente. Para reconectar à metáfora da mitologia grega: se não posso contar com um Hércules ou com a astúcia ou artimanha de um Sísifo, encontro no ensino (conexão direta com estudantes) e na prática da pesquisa (conexão direta e ainda mais próxima com estudantes) um refúgio, um antídoto à burocratização da vida acadêmica e profissional cada vez mais crescente.

Que uma vida acadêmica profundamente “criativa” seja o nosso horizonte! Que o olhar da história estimule esse movimento!

Saudações acadêmicas!

Névio de Campos¹⁰

Referências

- BOURDIEU, Pierre (coord.). **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus Azevedo *et al.* Petrópolis: Vozes, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço para uma auto-análise**. Tradução de Victor Silva. Lisboa: Edições 70, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Organização de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOURDIEU, Pierre (coord.). **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus Azevedo *et al.* Petrópolis: Vozes, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996, p. 74-82.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

¹⁰ Doutor em Educação (História da Educação). Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: ncampos@uepg.br

CAMPOS, Nívio de. Notas sobre ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia da UEPG (1963-2012). **História & Ensino**, v. 26, p. 401-430, 2020.

CAMPOS, Nívio de. Lugar da História da Educação na formação do professor/pedagogo. **Educação Unisinos**, v. 15, p. 95-104, 2011.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**: ensaio sobre o absurdo. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. São Paulo: Record, 2010.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. Tradução de Ramon Américo Vasques e Sonia Goldfeder. São Paulo: Ática, 1997.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. A Maquinaria escolar. **Teoria & Educação**, n. 6, p. 68-96, 1992.

VEYNE, Paul. Introdução. *In*: VEYNE, Paul (org.). **História da vida privada**: do Império Romano ao Ano Mil. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 11-15. v. 1.

VILAR, Pierre. História marxista, história em construção. *In*: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). **História**: novos problemas. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 146-178.

Caros e caras pesquisadoras da área de História da Educação,

Pediram-nos para que escrevêssemos uma carta para vocês, em comemoração aos 40 anos do GT 02 – História da Educação, da Associação Nacional de Pesquisa em Educação (ANPEd). Trata-se de uma demanda difícil, principalmente porque não temos, como no gênero carta, o rosto visível e definido do(a) interlocutor(a). Diante desse dilema, optei por recordar algumas passagens da minha vida e da minha formação profissional em que o GT esteve muito presente.

A primeira vez que frequentei o GT 02 foi na 15ª Reunião Anual, ocorrida em setembro de 1992. Era a minha segunda ANPEd, e a primeira vez que ela acontecia em Caxambu. Na primeira, realizada em Belo Horizonte dois anos antes, eu ainda estava no último ano da graduação em Pedagogia, cursada na Universidade Federal de Pernambuco. Como bolsista de Iniciação Científica de uma pesquisa sobre o Curso de Magistério em Pernambuco, eu dava os primeiros passos na prática da pesquisa histórica. O eixo do subprojeto de que participava era sobre a história da primeira escola normal do estado, fundada em 1864; a nossa pesquisa de fontes era realizada no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano. Mesmo assim, na reunião de 1990, nosso grupo havia optado por frequentar o extinto GT 01 – Ensino de 2º Grau –, principalmente porque a pesquisa fazia parte de um grande projeto nacional, cujos coordenadores eram membros ativos do referido GT.

Em 1992, por sua vez, eu estava no primeiro ano do mestrado, cursado na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Naquele momento, eu já me considerava pesquisadora da História da Educação. Era orientada pela professora Eliane Marta Teixeira Lopes, uma das referências do campo, e buscava reformular o meu problema de pesquisa, inicialmente direcionado para o tema da formação de professores. Descobria, na época, um novo mundo, muito distante das referências correntes na área de

Educação, marcadas pela onipresença do marxismo – do qual eu também havia sido adepta. Naquele momento, havia começado a ler e me deslumbrar com autores como Lucien Febvre, Marc Bloch, Peter Burke, Michel Vovelle, Michelle Perrot, Jacques Le Goff e Michel de Certeau. No entanto, ainda pouco conhecia o que investigavam os(as) pesquisadores(as) brasileiros(as) que faziam História da Educação. Talvez por isso a minha primeira participação no GT 02 tenha sido tão marcante.

Desse momento, lembro-me nitidamente de dois sentimentos, mais do que de algum acontecimento específico. O primeiro se relaciona com a ideia de que havia uma comunidade de pesquisadores(as) em História da Educação. Nesse sentido, fiquei muito impressionada com a geração que era, então, a responsável pela renovação da História da Educação no Brasil. As mulheres que a formavam – sim, eram quase todas mulheres – participavam de todos os debates, faziam perguntas e comentários, provocavam e instigavam os(as) que estavam apresentando os trabalhos. Todos conheciam minha orientadora, Eliane Marta, assim como Clarice Nunes, Guacira Louro, Denice Catani e Marta Carvalho, entre outros(as). Éramos poucos(as) – talvez umas 30 pessoas –, e todos(as) discutíamos as pesquisas de todos(as). Os(as) apresentadores(as) de trabalhos, escolhidos(as) após rigorosa seleção – eram poucas vagas –, recebiam recursos da ANPEd para participar do evento. Era como se assistíssemos ao estado do conhecimento das pesquisas em História da Educação enquanto ele estava sendo, ao mesmo tempo, construído. Tínhamos a sensação de que ali estava o que havia de mais avançado no campo, tanto em termos teóricos como metodológicos. Era, sem dúvida, um momento formativo único, principalmente para quem estava chegando, como eu.

O outro sentimento que emergiu dessa minha primeira participação era o de que o conhecimento que ali se disseminava estava muito além do debate trazido pela tradicional historiografia da educação brasileira – marcada por pesquisas sobre o sistema educacional e o pensamento pedagógico – e pela própria área de Educação: falava-se em gênero, em raça/etnia, em geração, em modos de fazer pesquisa muito diferentes. Nesse sentido, alguns trabalhos apresentados me impressionaram. Lembro-me perfeitamente de dois – e cito-os de memória: um pela temática, outro pelas fontes. Rosa Fátima de Souza, então uma jovem que havia recém-concluído o mestrado, apresentou um trabalho sobre as de-

mandas populares para a escolarização no início do século XX. Era algo muito distinto do que se fazia no campo na época. O outro trabalho foi apresentado por Maria Cecília Cortez Christiano de Souza e apresentava as fontes judiciais como potencialmente relevantes para o estudo da família na Primeira República. Meu sentimento era que havia um mundo de possibilidades para se fazer pesquisa em História da Educação. Certamente instigada por minha orientadora, e por visualizar esses novos caminhos, fiz meu mestrado sobre o cotidiano da escola no início do século XX, com base na obra de José Lins do Rego.

Apresentei parte da minha dissertação no GT 02, na ANPED do ano seguinte, também realizada em Caxambu. Depois participei, com apresentação de trabalhos, segundo registrei no meu Lattes, de outras cinco reuniões, sempre no mesmo GT. Ao longo dos anos, fomos nos constituindo, dentro desse espaço, em uma nova geração de pesquisadores(as) de História da Educação. Estávamos nos tornando professores(as) universitários(as), orientadores(as) de mestrado e de doutorado e estimulávamos nossos(as) estudantes a frequentarem a ANPED. A geração que nos formou continuava participando do GT, e assim íamos construindo uma interlocução intergeracional. Com esse mesmo intuito, participei, ainda, de várias reuniões regionais, principalmente quando era professora da UFPE e me envolvia ativamente em edições do, no período, ainda Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste (EPENN).

Entre 2002 e 2003, fui parecerista *ad hoc* do GT 02 e, entre 2006 e 2007, membro do Comitê Científico da ANPED. Também foram experiências formativas muito importantes em minha trajetória, especialmente a segunda. O Comitê tinha como principal papel consolidar pareceres de áreas consideradas afins. No nosso caso, a interlocução se dava com colegas da Sociologia da Educação e da Psicologia da Educação. Passávamos alguns dias na sede da ANPED, no Rio de Janeiro, fazendo esse trabalho. Era muito importante que o julgamento e a seleção dos trabalhos fossem realizados de forma rigorosa e criteriosa. Afinal, a intenção era a de que os GTs realmente se convertessem em instâncias de debate qualificado do que havia de mais importante na pesquisa em Educação no Brasil.

Muitas mudanças ocorreram nesses quase 20 anos, quando não mais frequentei o GT 02. O debate se pulverizou em várias instâncias. Já em 1992, foi realizado o primeiro Ibero, como denomi-

návamos na época (hoje, acostumamo-nos a chamá-lo de CIHELA). Em 1996, fizemos o primeiro Luso – que passamos a denominar de COLUBE. Em 1999, fundamos a Sociedade Brasileira de História da Educação e demos início às várias edições do Congresso Brasileiro de História da Educação. Pesquisadores brasileiros começaram a se engajar mais fortemente na International Standing Conference for the History of Education (ISCHE) e em seus eventos anuais.

Somos, hoje, uma comunidade de milhares de pesquisadores. A internet se popularizou e a publicação de artigos em periódicos passou a ser considerada a mais legítima forma de veiculação do conhecimento. Temos, hoje, pelo menos quatro periódicos nacionais dedicados especialmente à área: *Revista Brasileira de História da Educação*, *História da Educação*, *Cadernos de História da Educação* e *Revista HISTEDBR On-line*. Os eventos foram secundarizados e, muitas vezes, converteram-se em grandes momentos de apresentações de trabalhos, com pouco espaço para o debate aprofundado.

O GT 02 certamente perdeu a centralidade que já teve, mas continua muito relevante como instância de discussão do conhecimento em História da Educação, principalmente quando consideramos que ele está vinculado a uma associação da Educação. Não se constitui, assim, em um mundo à parte da nossa área mãe, mas necessariamente mantém interlocuções com os seus problemas – de realidade e de pesquisa.

Por isso, caro colega, cara colega, embora eu mesma esteja um pouco distante do GT 02, considero importante pensar sobre o que ele já representou e ainda pode representar como espaço coletivo de produção e disseminação do conhecimento, de elaboração de ideias, de colaboração, de interlocução e de rigor.

Ana Maria de Oliveira Galvão¹¹

¹¹ Professora titular da Universidade Federal de Minas Gerais, Doutora em Educação, Bolsista de Produtividade em Pesquisa/CNPq. E-mail: anamariadeogalvao@gmail.com

Memórias da trajetória de uma pesquisadora em formação

Prezados(as) pesquisadores e pesquisadoras,

Escrever esta carta é, para mim, um exercício de memória, de afeto e de gratidão. É rememorar uma trajetória ainda curta, dentro de um coletivo tão representativo e inspirador como o GT de História da Educação da ANPEd. Compartilhar estas linhas é, de certo modo, um gesto ousado – atrever-se a narrar experiências entre vozes tão consolidadas na pesquisa no campo da História da Educação. Mas também é um gesto de pertencimento, desta ainda “jovem” investigadora, pois nesse espaço me reconheci e fui reconhecida como pesquisadora em formação.

O convite para escrever em celebração aos 40 anos do GT me leva a revisitar momentos significativos da minha trajetória. A participação nesse Grupo de Trabalho representou, sem dúvida, uma das principais vias de aproximação com histórias coletivas de luta, de resistência e de construção do conhecimento, que sustentam a valorização da educação e da pesquisa no Brasil. Foi observando e admirando o trabalho dedicado daqueles que construíram os alicerces desse GT que encontrei inspiração. Ainda nos primeiros passos da minha jornada investigativa, os textos lidos, por meio dos repositórios da ANPEd, ressoaram como vozes que orientavam e acolhiam essa iniciante em busca de seu lugar como pesquisadora. Hoje, o encontro com os resultados de pesquisas possibilitado pelo GT História da Educação da ANPEd ajuda nesse movimento perene, de recomeços, de entrecruzamentos com outras áreas e experiências, de encontros com histórias, de escuta e de respeito pela trajetória e pelas memórias do outro.

Esse movimento de rememorar me leva também para um tempo de descobertas e desafios como as que aconteceram com o ingresso no mestrado e com a maternidade, experimentadas simultaneamente. A vida acadêmica florescia enquanto eu embalava minha filha. Entre leituras, choros e análises, fui me reconhecen-

do – não apenas como mãe ou profissional da Comunicação Social, mas como alguém em trânsito, uma “estrangeira” naquele território chamado História da Educação. Acolhida por colegas, docentes e pesquisadores da área, fui aprendendo que a ciência também se faz na cadência da vida real – com pausas, recomeços e afetos. A primeira acolhida nesse novo território foi a de pesquisadores com importantes contribuições na ANPEd e no campo da Educação, que estavam bem próximos, na mesma instituição em que cursava o mestrado, com a partilha generosa de saberes e de experiências, o alento para um seguir adiante e para me atrever a ocupar um lugar no coletivo de pesquisadores da ANPEd.

O GT de História da Educação foi e continua sendo um espaço de partilha e de escuta atenta. As pesquisas ali apresentadas tornaram-se referência e impulso para a minha investigação sobre o impresso educativo *Despertar*, que circulou no contexto das escolas rurais em Caxias do Sul. Esse jornal tornou-se minha fonte e objeto de estudo, e, simbolicamente, também representou o meu “despertar” para a pesquisa acadêmica. Estudos como da professora Maria Helena Câmara Bastos (que coordenou o GT de História da Educação da ANPEd), especialmente sobre a imprensa pedagógica no Rio Grande do Sul, foram fundamentais na constituição do referencial da minha dissertação e na minha compreensão de que os impressos escolares podem ajudar a desvelar evidências sobre culturas, práticas e memórias da educação.

A minha estreia no GT, porém, veio somente com o término da investigação. A aprovação para apresentar o meu trabalho ao lado de pesquisadores já consolidados foi recebida com um misto de alegria, preocupação, inibição e encorajamento. Foi um outro momento de descoberta, de consolidação de um tempo de estudo e de um período em que eu me configurava pesquisadora, o que aconteceu na XIII Reunião Científica da Regional Sul da Anped, no ano de 2020. A participação de modo virtual, no entanto, não diminuiu a minha expectativa de escuta e de aprender com aqueles que já estavam há mais tempo nessa jornada.

A publicação do trabalho nos anais do evento coroou um período de esforço intenso e reafirmou, com orgulho, meu pertencimento a esse espaço que, por tanto tempo, foi referência. Aliás, o sentimento pela publicação de resultados de outros estudos nos repositórios da ANPEd continua sendo o mesmo: é recompensador

poder ver o nosso trabalho ganhar profusão por meio de tão representativa associação de pesquisadores.

Já no doutorado, um pouco mais amadurecida, fui aprofundando minhas conexões com o GT – nas trocas, nos diálogos e nas escutas que o grupo sempre proporciona. Esses encontros me fortaleceram, provocaram novas perguntas e me instigaram a buscar mais rigor metodológico, a explorar caminhos teóricos mais densos e a afinar o olhar e a escuta diante dos documentos e das vozes que compõem a história oral das pesquisas.

Aprendi, com o GT, que ser pesquisadora não é apenas escrever e apresentar. É escutar, é partilhar, é construir pontes. É respeitar o tempo e a trajetória do outro. É cultivar curiosidade e também solidariedade. É, sobretudo, entender que nossas múltiplas identidades – mulher, mãe, educadora, comunicadora – coexistem e enriquecem nossa forma de produzir e habitar o conhecimento.

Por tudo isso, esta carta é também um agradecimento. Ao GT de História da Educação da ANPEd, por ser espaço de escuta generosa, de formação sensível, de acolhimento e transformação. Àqueles e àquelas que pavimentaram o caminho com tanto compromisso. E aos que seguem mantendo vivo o desejo coletivo de fortalecer a educação e a pesquisa comprometida no país. Minha admiração.

Um afetuoso abraço,

Elisângela Cândido da Silva Dewes¹²

¹² Pós-doutoranda (PPGEdu UCS) – Bolsa FAPERGS, doutora em Educação – Bolsa PROSUC Capes, mestre em Educação, pós-graduada em Cultura Organizacional e Comunicação com o Mercado e bacharel em Relações Públicas pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).

A interiorização da história da educação pela pesquisa em Goiás

Prezados(as) colegas, pesquisadores(as), professores(as), estudantes e amigos(as) do GT 02 - História da Educação da ANPEd,

É com imensa alegria que o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação de Catalão (GO) (NEPEDUCA) celebra os 40 anos do Grupo de Trabalho História da Educação (GT 02) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Desde sua criação, o GT 02 tem se consolidado como um espaço fundamental para a produção, reflexão e disseminação do conhecimento no campo da história da educação brasileira, marcando gerações de pesquisadores e contribuindo decisivamente para o fortalecimento da área.

Nesses 40 anos, o GT 02 reuniu vozes de diferentes regiões do país, conectando programas de pós-graduação, professores, estudantes e pesquisadores em um esforço conjunto para compreender o passado educacional e iluminar os caminhos do presente e do futuro. Suas reuniões anuais, publicações e debates foram essenciais para a consolidação da história da educação como campo acadêmico vibrante e plural, influenciando políticas educacionais e práticas pedagógicas.

A despeito de os revezes do esvaziamento da História da Educação enquanto disciplina nos cursos de formação de professores no país serem uma realidade vivenciada nas últimas décadas, e a despeito dos limites de uma área por vezes considerada subalterna quando comparada a outras canônicas, o movimento e as ações dos pesquisadores nesses 40 anos evidenciam um campo em construção, com a fertilidade de temas e questões que apontam noutra direção. Vislumbramos a vitalidade da área enquanto

campo de pesquisa, demarcando o engajamento, o investimento e as lutas dos pesquisadores vinculados a programas de pós-graduação, como é o caso em Goiás, e em especial do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação de Catalão (GO) (NEPEDUCA) e do Programa de Pós-Graduação em Catalão da Universidade Federal de Catalão (PPGEDUC)¹³.

Como nós, professores e alunos da UFCAT, integramos esse diálogo científico junto ao GT 02?

Na elaboração desta carta, temporalizamos uma experiência histórica de interiorização da pesquisa em Goiás, permeada por muitos fios e nexos com entidades nacionais e regionais, fruto dos percursos que cada um individual e coletivamente vivenciou durante a formação, a atuação profissional, na qualificação enquanto pesquisadores. Enfim, a tessitura desta narrativa mensura o protagonismo de pesquisadores em luta pela interiorização da formação, ao mesmo tempo em que se dedicam ao investimento da pesquisa por meio de grupos, linhas e programas. Nesses processos é que entrelaçamos as aproximações com o GT 02 da ANPEd, assim como com eventos regionais, nacionais e internacionais da área. Realçamos a colaboração com os pares nas oportunidades de representação da Região Centro-Oeste.

Nesse recorte narrativo biográfico, em que as conexões da experiência histórica se mesclam com a participação em entidades, em eventos e em grupos de pesquisas, destacamos dois momentos de imersão dos pesquisadores enquanto sujeitos em formação e em atuação no espaço institucional. Na percepção de protagonistas de distintas práxis de percursos, enfatizamos a interiorização da História da Educação pela pesquisa em Goiás.

Recuamos à primeira década do século XXI, com trajetórias profissionais provenientes da interiorização do Ensino Superior em Goiás. A imersão na carreira docente, com processos formativos concomitantes na pós-graduação *stricto sensu* acontecia quando nos deslocávamos para universidades de referência em estados do Sudeste, onde cursamos mestrado e doutorado em Educação e em História. A formação como pesquisadores concomitante à atuação como formadores de professores em cursos de licenciatura gradati-

¹³ "A Lei 13.634, de 20 de março de 2018, publicada no Diário Oficial da União em 21/03/2018 (BRASIL, 2018) traz o texto que cria a Universidade Federal de Catalão – UFCAT, a partir do desmembramento da Universidade Federal de Goiás – UFG" (Honório Filho; Pires, 2021).

vamente nos mobilizou no sentido de instituir grupos de pesquisas, ampliando espaços para estudos e pesquisas.

Dessas iniciativas teve origem o Núcleo de Estudos e Pesquisas de Catalão (NEPEDUCA), o primeiro grupo de pesquisa sediado no Campus Avançado da UFG em Catalão a ser cadastrado no CNPq. A socialização das pesquisas concluídas e em andamento pelos participantes desse grupo e a leitura de clássicos da Educação e da Pedagogia fomentaram diversas ações investigativas, constituindo os esforços iniciais para interiorizar a pesquisa em vários campos da educação, incluindo a História da Educação e as Políticas Educacionais compreendidas numa perspectiva histórica.

O crescimento numérico de doutores em atuação numa instituição de ensino superior situada no interior do estado, as lutas pela fixação desses quadros, pela melhoria das condições trabalho e carreira, assim como a interiorização da pós-graduação seriam consequentes. Nesse processo, na UFG – Regional Catalão ocorreram os investimentos iniciais para a elaboração de APCN de mestrado em Educação, autorizado e implementado a partir de 2011. Composto por dez doutores e duas linhas de pesquisas, o PPGEDUC tornou-se o segundo curso de pós-graduação em funcionamento na instituição. Desde o início, com História e Culturas Educacionais, e, após 2016, com a reformulação para Políticas Educacionais, História da Educação e Pesquisa (Auto)Biográfica, a pesquisa em História da Educação foi contemplada no programa por meio do investimento dos pesquisadores e das pesquisas produzidas.

Durante os processos formativos dos pesquisadores, iniciados na década de 1990, perpassando as duas primeiras décadas do século XXI, assim como o investimento em pesquisas orientadas em uma linha de pesquisa vinculada a um programa no interior de Goiás, a partir de 2011 surgiram possibilidades de pesquisas no âmbito da História da Educação, contemplando variados temas e objetos. Nessa experiência historicamente demarcada pelas lutas em prol da formação, da fixação de doutores e da interiorização da pós-graduação, cresceu a participação e a vinculação dos pesquisadores a entidades de reconhecimento nacional e internacional ao GT de História da Educação da ANPEd, à SBHE, aos eventos nacionais e internacionais da História da Educação e às reuniões regionais da ANPEd – no nosso caso, a ANPEd Centro-Oeste.

Um ponto singular nessa trajetória refere-se à criação, participação e organização do Encontro de História da Educação da Região Centro-Oeste (EHECO), cuja proposta foi discutida e teve o seu embrião durante uma reunião regional da ANPED na PUC-GO, em 2011. Diferentes gerações de pesquisadores da História da Educação compõem esse evento, na socialização de pesquisas, nas discussões regionais e nacionais, a partir de diversos investimentos nesse campo. O EHECO, com realização bianual, tem se constituído em espaço que, por abordar temas, problemas, objetos e referencial, fomenta a investigação da História da Educação. Os diversos programas de pós-graduação vêm assumindo alternadamente a organização e a realização desse evento que expressa os resultados de pesquisas no campo da História da Educação, assim como a produção de pesquisas em rede, com a colaboração de pesquisadores dos estados que compõem a Região Centro-Oeste.

Os eventos acadêmicos e científicos oportunizaram-nos recepcionar, no plano local e regional, pesquisadores de referência, tais como Diana Gonçalves Vidal, Rosa Fátima de Souza Chaloba, José Gonçalves Gondra, Libânia Nacif Xavier, Antônio Joaquim Severino, Dermeval Saviani, Elizabeth Madureira Siqueira, Elizabeth Figueiredo de Sá, Alessandra Cristina Furtado, Venceslau Gonçalves Neto, Carlos Henrique de Carvalho, Geraldo Inácio Filho, José Carlos Souza Araújo, Inês Ferreira de Souza Bragança, Waldeniza Maria Lopes da Barra, Diane Valdez, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida, Maria Helena Menna Barreto Abrahão, Sandra Cristina Fagundes de Lima (*in memoriam*), Sandra Elaine Aires de Abreu, Celeida Maria Costa de Souza e Silva, Cristhianny Bento Barreiro, Geovanna de Lourdes Alves Ramos, Marco Antônio de Santana, entre outros que intercambiaram conhecimentos por meio de itinerários formativos aos pesquisadores, mestrandos e graduandos.

Pesquisas na Linha Políticas Educacionais, História da Educação e Pesquisa (Auto)Biográfica - PPGEDUC/UFCA

Período	2011-2024
Total de egressos e mestrandos da linha de pesquisa	100 pesquisas

Pesquisas em História da Educação: temas e objetos	61 pesquisas Instituições Escolares e Educativas; Instrução primária; Ensino Secundário; Reformas da Instrução em Goiás; Educação dos “ingênuos”; Profissionalização e atuação docente; Mulheres e Educação; Disciplinas escolares; Narrativas de professores; Interiorização do Ensino em Goiás; Culturas e Saberes Escolares; Pensamento pedagógico e Metodologias; Formação docente em diferentes espaços e tempos; PHC e Currículo; Histórias de Vida, Autobiografias e Formação Docente.
Outros temas e objetos	39 pesquisas Políticas Educacionais; Ensino Médio; Narrativas de Egressos, coletivos, movimentos sociais; Educação prisional; Educação e saúde; Educação, Cultura e Arte contemporânea; Carreira docente; Desenvolvimento Humano e PHC; Narrativas poéticas, autobiográficas e escritas de si.

Fonte: elaborado pelos autores.

Das pesquisas produzidas na linha, pouco mais de 60% até o momento se inserem na História da Educação. Identificamos a predominância de investigações no âmbito das instituições escolares e educativas situadas no interior de Goiás e de Minas Gerais. Em seguida, pesquisas que enfatizam processos formativos em diferentes circunstâncias, cursos e instituições são abordadas com a utilização de metodologias e referenciais distintos. São contemplados nas pesquisas as histórias de vida, a instrução primária, a formação docente, a mulher e a educação, o ensino secundário, as questões de gênero, raça, entre outros temas e problemas. Com exceção de uma pesquisa contextualizada na segunda metade do século XIX e duas nas primeiras décadas republicanas, as demais se assentam em diferentes períodos ao longo do século XX¹⁴.

Esse pequeno esboço aponta que a via de interiorização da História da Educação pela pesquisa tem importância e pertinência, no sentido de despertar para temas, questões e objetos que ainda

¹⁴ A linha de pesquisa contou com a colaboração de pesquisadoras como Ana Maria Gonçalves e Fernanda Barros, que, enquanto estiveram vinculadas ao programa, desenvolveram e orientaram pesquisas em História da Educação, tendo participado de projeto interinstitucional sobre o Ensino Secundário coordenado pela pesquisadora Eurize Caldas Peçanha.

permanecem desconhecidos. A capacidade de interlocução com as políticas educacionais permite novas descobertas. A possibilidade de acessar e de produzir novas fontes, interpretar e registrar aspectos ainda não contemplados são mecanismos de imersão, intervenção dos “ativos acadêmicos”, representados pelas novas gerações de pesquisadores da História da Educação¹⁵.

Essa seria a expectativa de vida longa, proativa e propositiva para as próximas gerações de pesquisadores da História da Educação, na compreensão de que o legado das primeiras e atuais gerações precisa ser fomentado e ampliado com pesquisas de referência, com aplicação do rigor teórico, metodológico e conceitual a cada tema ou objeto situado em diversas temporalidades.

Nós, pesquisadores e pesquisadoras em História da Educação da UFCAT, parabenizamos todos os coordenadores, coordenadoras, membros, colaboradores e parceiros que, com dedicação e paixão, fizeram do GT 02 um marco na história da educação brasileira, tanto em nível nacional quanto regional. Que os próximos anos sejam fecundos, fortalecendo a ciência, a pesquisa e a democracia no nosso país.

*Aparecida Maria Almeida Barros¹⁶
Wolney Honório Filho¹⁷*

Referências

HONÓRIO FILHO, W.; PIRES, A. P. D. Narrativas sobre a Universidade Federal de Goiás em Catalão 1986-2002. **Horizontes**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. e021006, 2021. DOI: 10.24933/horizontes.v39i1.1082. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1082>. Acesso em: 12 abr. 2025.

¹⁵ Atualmente a pesquisadora Michelle Castro Lima, vinculada à linha, também desenvolve e orienta pesquisas no campo da História da Educação.

¹⁶ Doutora em Educação pela UFSCar. Professora associada PPGEDUC/UFCAT. E-mail: cidaab@gmail.com

¹⁷ Doutor em História Social pela PUC/SP. Professor titular FaE/UFCAT. E-mail: whonoriof@gmail.com

Entre o legado e a expectativa do que virá: a pesquisa em História da Educação

Muito do que ocorre no mundo da educação ainda é pouco conhecido pelos pesquisadores e mesmo pelos professores que, embora imersos nele, nem sempre conseguem perceber o que aqueles meninos e meninas estudantes pensam, o que significa ensinar e aprender, o que diz cada uma das cenas que compõem o dia-a-dia da escola, que significado possuem a leitura e a escrita, o conhecimento e o saber, para grupos significativos de pessoas que a elas não tiveram acesso (Lopes; Galvão, 2010, p. 15).

Essas palavras de Eliane Lopes e Ana Galvão foram escritas há mais de quinze anos, em um livro para os interessados na pesquisa em História da Educação. Passado esse tempo, tenho a percepção de que suas ideias ainda conservam o frescor da novidade e nos colocam diante do passado conectado ao presente e ao que virá.

Por que investir na formação acadêmica e tornar-se um pesquisador em História da Educação? É a partir dessa grande pergunta que me proponho a discorrer algumas ideias, considerando as possibilidades e os desafios próprios desse campo temático de investigações. Imagino, portanto, o leitor não um ser descarnalizado, mas alguém, quizá jovem, com ânimo detetivesco, interessado em melhor compreender as relações temporais que atravessam os mundos da Educação.

Antônio Nóvoa (2015, p. 30) postula que “não há universidade, nem ciência, sem debate, sem partilha, sem transmissão de uma herança”. Nesse sentido, entendo a importância de aqui reverenciar o legado que outras gerações nos deixaram e, para isso, procuro situar algumas andanças da História da Educação no tempo, como um “espaço de experiência” e, em paralelo, tento especular seus “horizontes de expectativas”, no tempo presente/futuro (Koselleck, 2006).

A História da Educação tem uma longa trajetória atrelada à formação docente, como componente curricular. Como área de

pesquisa, é mais recente. É a partir dos anos 1980 que se observa seu paulatino crescimento, seguido de fortalecimento a contar, sobretudo, da década seguinte. É sobre esse ponto, da ascensão como campo de pesquisa que apresento informações, as quais entendendo bem importantes. Em uma perspectiva diacrônica, é preciso retornar especificamente a 1985, ano que marca o fim do período da ditadura civil-militar no Brasil, ainda que com eleições indiretas para a Presidência da República. De qualquer modo, anunciava-se um novo tempo, de retomada do conceito de democracia, a despeito de inúmeros problemas de ordem econômica e social assentados no país. E justamente naquele ano fundou-se o Grupo de Trabalho de História da Educação na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Trata-se de um fato significativo, pois foi o segundo Grupo de Trabalho da associação, o que evidencia a intenção de construção de uma área que agregasse professores e estudantes que buscavam inscrição na Educação e legitimação institucional para o desenvolvimento da pesquisa. No ano seguinte, na Faculdade de Educação da Unicamp, um Grupo de Pesquisa emergia, o História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Essas são ações dos anos 1980 que evidenciam a potência que a área de História da Educação alcançaria em um futuro próximo. Seguindo a linha do tempo, dois acontecimentos marcantes aconteceram. Em 1995, a constituição da Associação Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE), que reúne pesquisadores do Rio Grande do Sul, e, quatro anos depois, a criação da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), com abrangência nacional.

Para além das datas que indicam a emergência desses grupos de trabalho/pesquisa e sociedades científicas, o que interessa é constatar a consolidação da História da Educação no ambiente acadêmico nacional tendo em vista os encontros promovidos por essas entidades, momentos de interlocuções entre os pesquisadores. A área capilarizou-se pelo país afora, estando presente em diversos programas de pós-graduação que passaram a contar com linhas de pesquisa, constituídas por professores orientadores de dissertações de mestrado e teses de doutorado. Assim, contribuíram para a formação e conseqüente engajamento de novos pesquisadores, promovendo a interiorização da pós-graduação em Educação por diferentes regiões do país, para além do Sudeste e do Sul.

Também é preciso saber que outra ação relevante foi a criação de periódicos, derivados das sociedades científicas, com vistas a divulgar entre a comunidade acadêmica resultados de estudos da área: a *Revista de Educação/ANPEd* (1996), a *Revista HISTEDBR* (2000), a *Revista História da Educação/ASPHE* (1997) e a *Revista Brasileira de História da Educação/SBHE* (2001). Interessa observar que as três últimas são periódicos exclusivos de História da Educação, outro dado que evidencia a sua capacidade no meio acadêmico. Todas são avaliadas como periódicos de excelência, reúnem quantidades expressivas do que se produz no Brasil e no exterior relacionado à História da Educação.

E como pensar desses feitos sem lembrar da própria trajetória? Minhas memórias foram evocadas. Recordo a primeira vez que tive um artigo publicado na *Revista História da Educação* da ASPHE (Almeida, 1997). Era o final da década de 1990, e eu era aluna do mestrado em Educação (PPGEDU/UFRGS). O texto era uma espécie de recorte do meu trabalho de conclusão do curso de História (PUCRS), quando, intuitivamente, me aproximei da História da Educação, haja vista essa disciplina não ter sido contemplada durante a graduação. Assim, naquela época, caiu em minhas mãos um caderno de apontamentos de uma professora rio-grandense, filha de imigrantes franceses, que iniciou seus registros pessoais e profissionais em fins dos anos 1890 e os estendeu até o início da década de 1920. Quanto tive em mãos o exemplar da *Revista História da Educação* n. 02, na qual constava o texto de minha autoria, eu tremia muito, sequer conseguia folhear a revista, tomada por comoção. Em tempos que as revistas não são mais em papel, fica difícil saber se seria a mesma sensação de *abrir um link* do site do periódico. Em meio a outras sensibilidades, pode ser que sim.

Retomando o que dizem Eliane Lopes e Ana Galvão, constata-se que ao longo dessas décadas alguém que esteja se iniciando em História da Educação deve conhecer as possibilidades de pesquisa e o quanto se ampliaram, alicerçadas à ideia de “revolução documental”, tão cara à historiografia contemporânea. Os temas de estudo cresceram e se multiplicaram para além das questões próprias da escola, grande objeto de estudo da História da Educação, tendo em vista a força dessa instituição na sociedade, sobretudo a partir dos séculos XIX e XX. Mas o que mais se pesquisa em História da Educação? Entre desdobramentos temáticos e conceituais, há estudos sobre diferentes instituições educativas, como moradias

estudantis, creches, asilos; associativismo docente e discente; questões étnicas/raciais; práticas de leitura e escrita; estudos de gênero; trajetórias biográficas; história de intelectuais da Educação; patrimônio educativo, entre outros. E, nesse sentido, observa-se uma profusão de fontes que podem ser mobilizadas, as quais, em um passado distante, não se cogitava que pudessem ser consideradas como documentos para a pesquisa em História da Educação. Desse modo, arquivos pessoais, ego-documentos, cadernos escolares, outros materiais da cultura material escolar, uniformes, escritas epistolares, diários, cadernetas, documentos orais, imagéticos, arquitetônicos, entre tantos outros, são capazes de oferecer indícios da Educação, *lato sensu*, em outras temporalidades.

Bem, agora que você leu sobre algumas experiências da História da Educação, é chegado o momento de refletir acerca do que o presente/futuro nos indica como expectativas. Tendo como referência o ano de 2025, entendo que a História da Educação enfrenta desafios. Observa-se a diminuição de carga horária dos chamados Fundamentos da Educação nos cursos de licenciatura, a partir de um entendimento que prioriza um tipo de ensino que insiste em uma dicotomia entre uma formação prática e teórica. Nesse sentido, em muitas instituições de ensino superior, a disciplina História da Educação sequer consta nos programas curriculares, mantendo-se, por vezes marginalmente, em aulas para as futuras pedagogas. Por sua vez, nos cursos de História, pouco se fala em História da Educação, como se fosse, tanto no ensino como na pesquisa, algo nebuloso, atrelado diretamente à formação pedagógica. Contribui para essa realidade preocupante o fato de professores de História da Educação nem sempre se colocarem como pesquisadores na área, o que pode diminuir as interlocuções entre ensino e pesquisa e, assim, comprometer o interesse de jovens na continuidade do investimento acadêmico.

Em meio ao fortalecimento de mais de quatro décadas, que reverberou tanto no ensino como na pesquisa, deflagrado pela constituição do GT 02/ANPEd, tem-se esse panorama atual, que requer vigília à História da Educação. Mas por que será que esse cenário se desenha na formação docente? Que tempos estranhos são esses em que o *pensar* parece menos importante? Como professores e estudantes, o que podemos fazer para honrar o que gerações que nos antecederam fizeram? Penso que seja um compromisso para quem está chegando continuar o trabalho que outros iniciaram,

prosseguir nas lutas para preservar a História da Educação na formação de professoras e professores, promover ações extensionistas relacionadas à área em questão, que envolvam outras comunidades e seus saberes, para além da comunidade universitária.

E o futuro? Segundo Houaiss, Villar, Franco (2004), esperança refere-se ao “sentimento de quem vê como possível a realização daquilo que deseja; confiança em coisa boa, aquilo ou aquele de que se espera algo, em que se deposita a expectativa; promessa”. Esperança, portanto, sugere confiar, acreditar, e aponta para o futuro. Ao olharmos para a História da Educação hoje, percebemos que ela se alicerça no trabalho de muitas pessoas, notáveis e anônimos, que trouxeram incrementos e colaboraram para a construção dessa área que conecta ensino, pesquisa e extensão. Essas ações ressoam no presente. Assim, a expectativa que se tem é que consigamos enfrentar o desafio que se apresenta, possamos continuar a nos constituir como professores e pesquisadores, nos engajamentos construídos nas práticas cotidianas, nos estudos realizados, nos textos que escrevemos, nos encontros com os estudantes, na parceria com colegas, em que se partilham afetos, saberes, ideias, planos, utopias.

Dóris Bittencourt Almeida¹⁸

Referências

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. Uma história de vida e trabalho: a educadora Julia Malvina Hailliot Tavares. **História da Educação**, Pelotas, v. 02, p. 51-68, 1997.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Elaine Marta Teixeira. **Território plural**: a pesquisa em História da Educação. São Paulo: Ática, 2010.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006

NÓVOA, António. Carta a um jovem historiador da educação. **História y Memoria de la Educacion**, 2015.

¹⁸ Professora de História da Educação da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS.

Memória e História da Educação no Rio Grande do Norte (1984 a 2024)

Prezados senhores,
Prezadas senhoras,
GT 02 - História da Educação - ANPEd,

É com muito prazer que nos dispomos a compartilhar a nossa experiência de 40 anos da Base de Pesquisa Educação e Sociedade, posteriormente denominada Grupo de Pesquisa Cultura, Política e Educação, para se adequar às exigências do CNPq e da Pós-Graduação. A nossa missiva vai na direção da Memória e História da Educação no Rio Grande do Norte (1984-2024), sem dúvida uma história singular, entretanto vincula-se a todo um panorama de pesquisa liderado pelo nascimento das primeiras associações de história da educação brasileira, bem como da ênfase da pesquisa na área, com suas discussões teóricas de então e o nascedouro das metodologias de análise temáticas, além da configuração das pesquisas para levantamento das fontes primárias e secundárias da historiografia, demonstrando um esforço coletivo de reflexão da história da educação brasileira. É importante destacar que a historiografia da educação brasileira, enquanto história da história da educação, como pensa Saviani (2008), atinge sua máxima expressão quando se manifesta como memória histórica, por isso os historiadores possuem a missão de lembrar o que os outros esquecem, como pensa Hobsbawm (1998). Lembremos, portanto, que coube aos Institutos Históricos e Geográficos Brasileiros – segundo Saviani (2008), fundado em 21 de outubro de 1838 – as iniciativas da preservação da memória da educação brasileira, lá pelo final do século XIX, valorizando a tarefa de coletar, arquivar e publicar documentos visando a preservar a memória histórica e geográfica do país.

Assim, a preocupação com a preservação da memória educativa, ainda seguindo a trilha de Saviani (2008), teve como um campo específico de investigação o caráter de levantamento, identificação, classificação e catalogação das fontes. Isso ocorre de “modo espe-

cífico a partir dos anos 1970", com a implantação dos programas de pós-graduação, convertendo-se em projetos sistemáticos a partir da "década de 1990, com a instalação de grupos de pesquisa na área de história da educação" (Saviani, 2008, p. 155). Uma das características dessa fase da historiografia educacional será a diferenciação das fontes e dispersão de objetos, ampliando o campo de abrangência e aprofundamento da sistemática de estudos. Nesse cenário, intensificam-se a criação e ampliação dos grupos de pesquisa nas pós-graduações das universidades brasileiras, a exemplo daquele iniciado na Faculdade de Educação da UNICAMP, formando uma rede de pesquisa em história da educação abrangendo os vários estados brasileiros, bem como outros países, com diversificados temas e abordagens teórico-metodológicas.

Perspectivas de um novo começo: grupos de pesquisa em Natal-RN

Os Grupos de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal (RN), foram criados em 1992, com o objetivo de reunir professores que estudavam temáticas comuns, ou com abordagens multidisciplinares envolvendo os departamentos acadêmicos. Na ocasião foram formalizados vinte Grupos de Pesquisa a partir de outros que já possuíam certo nível de organização e encontravam-se atuando na formação de recursos humanos para a pesquisa, tanto no âmbito de pós-graduação *stricto* e *lato sensu* como na iniciação científica e tecnológica. O Grupo de Pesquisa Educação e Sociedade foi o primeiro criado na UFRN, envolvendo professores e estudantes dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); iniciou suas atividades em 1991 com o projeto "Levantamento e Catalogação de Fontes da História da Educação no Rio Grande do Norte", sob coordenação dos professores Dr. José Willington Germano e Ms. Vania de Vasconcelos Gico (UFRN), mas oficializou-se em 1992. Esse projeto interinstitucional era coordenado a partir da UNICAMP pelo professor Dr. Dermeval Saviani, do Programa de Pós-Graduação em Educação, e interconectado a várias instituições regionais do Brasil e exterior, que tinham como interesse comum História e Historiografia da Educação e estavam formalizando os Grupos de Pesquisa da ANPED – dentre os vários, o GT 02 – História da Educação.

A opção pelo tema Educação e Sociedade do Grupo de Pesquisa teve como inspiração o reconhecimento da importância das questões relativas à educação e a compreensão da realidade social, tanto pelo fato da ampliação dos estudos sobre o Rio Grande do Norte como pela possibilidade de recuperação da memória, da história e da educação no Brasil. Em articulação com a UNICAMP, o ponto de partida dos trabalhos foram experiências de grupos de estudos de professores na PUC/SP e no doutorado da UNICAMP.

Na UFRN a inspiração foram os trabalhos *Lendo e aprendendo: a campanha de pé no chão* (Germano, 2021), inicialmente dissertação de mestrado em Sociologia, e a tese de doutoramento igualmente defendida na UNICAMP, Faculdade de Educação, *Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)* (Germano, 2011), bem como a dissertação de mestrado em Sociologia defendida na UFPE *Contexto social, estrutura universitária e biblioteca: o caso da UFPE* (Gico, 1990). Essa produção intelectual demarcava o campo da educação como proposta de estudo e pesquisa das políticas educacionais, do papel dos intelectuais e das instituições universitárias, temas posteriormente abordados nas primeiras pesquisas do Grupo de Pesquisa Educação e Sociedade.

A partir dessa inspiração, outros professores-pesquisadores oriundos do Centro de Educação da UFRN foram se incorporando ao Grupo de Pesquisa e desenvolvendo suas pesquisas: Marta Maria de Araújo, com *José Augusto Bezerra de Medeiros: vida, educação, política (pesquisa baseada especialmente nas fontes do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte-IHGRN)*, e Prof. Dra. Maria Inês Supupira Stamatto, *A educação no século XIX: um estudo de caso sobre a escola primária no RN* (inaugurou as pesquisas do grupo em Arquivos Públicos do RN do Brasil e do exterior). Ressalta-se que ambas as professoras/pesquisadoras vieram fortalecer as orientações de Iniciação Científica de estudantes das Ciências Sociais e da Educação, enriquecendo o corpo docente. Destaca-se, ainda, a vinculação das professoras Marlúcia de Paiva Oliveira, pesquisadora-orientanda estudando o tema: *SACI e SITERN: racionalidades e Educação* (mestrado) e *Igreja e renovação: educação e sindicalismo no RN (1945-1964)*, desenvolvido no seu doutoramento na PUC-SP, e Dalcly da Silva Cruz, desenvolvendo estudos sobre *Caio Prado Junior: renovação de uma época*, no Programa de Pós-Graduação em Educação, ambas sob a orientação do professor Dr. José Willington Germano.

As ideias, pesquisas e produção intelectual do grupo foram se intensificando, sempre mantendo o intercâmbio e o cuidado com os encontros que ampliaram o alcance do trabalho, que, em 1992, constituiu-se como Base de Pesquisa Educação e Sociedade (CNPq/UFRN). Em 1994, passou a fortalecer o Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil, e posteriormente denominou-se Grupo de Pesquisa Cultura, Política e Educação para incorporar outros professores/pesquisadores e se compatibilizar com o eixo que vinha se fortalecendo nas linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN.

Figura 13 - Produção científica do Grupo de Pesquisa Educação e Sociedade, posteriormente Cultura, Política e Educação



Fonte: acervo pessoal das autoras.

Após esses 40 anos de trabalho, é inegável a expressividade do acervo construído pelo Grupo de Pesquisa e sua importância na formação de professores/pesquisadores, como em quadros de gestão, tanto no âmbito local do Estado no RN como em outras regiões e países, visto que os concursos e as inserções de professores mestres e doutores oriundos desse núcleo, por si só, falam dessa notoriedade.

Destarte, a excelência e riqueza dessa produção científica elaborado pela referido grupo diz respeito tanto à História da Educação como às suas áreas correlatas, considerando a transdisciplinaridade metodológica do grupo e a liberdade de pensamento

e autonomia dos seus pesquisadores. Mesmo tendo uma linha de pesquisa que os guiava e unia, havia liberdade de expressão do conhecimento científico, motivadora de união e seiva da ampliação do número de participantes da base, tanto nas reuniões do grupo em seminários temáticos como em eventos, disciplinas ministradas pelos professores e especialistas convidados e nas seleções para mestrado e doutorado. Essa ampla presença, “tutores de resiliência e afetos”, para relembrar Cyrulnik (2009), nos fez participar de um ambiente social e cultural prazeroso e “encontrar no inferno, quem não é inferno”, como afirma Germano, ao citar Ítalo Calvino, performando uma produção cultural de grande monta que poderá continuar a contribuir com os estudos e reflexões da Memória e História da Educação. Mais recentemente, diante da contemplação do acervo formalizado nesses 40 anos, o olhar atento de alguns pesquisadores estudiosos do tema fez reviver as lembranças e a responsabilidade do grupo na preservação da história cultural da educação, dando-nos um novo ânimo para recontá-la.

Produção intelectual do grupo de pesquisa (1984-2024)

A Produção Intelectual do Grupo de Pesquisa Cultura, Política e Educação configurou-se no período de 1984-2024, embora o grupo tenha sido aprovada pelo Comitê CNPq/UFRN em 1992, e em 1994 passou a constar do Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil. Essa produção inicia-se em 1984, tendo em vista que os primeiros trabalhos de dissertação vieram do Mestrado em Antropologia criado em 1979. Com a chegada de professores recém-contratos ou retornados da pós-graduação fora do país ou mais ao sul do Brasil, o grupo vai se fortalecendo, intensificando a pós-graduação, as pesquisas e o intercâmbio, além da formalização do Programa de Pós-Graduação com suas reformas e adaptações ao longo dos anos para se adequar aos ditames da CAPES e do CNPq.

A principal missão do grupo, em conformidade com todos os grupos da UFRN, sempre foi acompanhar e colaborar com a formação docente/discente das linhas de pesquisa da Pós-Graduação em Ciências Sociais e Pós-Graduação em Educação da UFRN, possibilitando construir um enorme acervo de conhecimento e produção científica.

A partir de 2023 nos reintegramos, mais enfaticamente, aos estudos de História e Memória da Educação vinculado ao Laboratório de História e Memória da Educação (LAHMED) do Centro de Educação da UFRN, com o principal empenho de analisar a produção intelectual do Grupo de Pesquisa Cultura Política e Educação, em seus 40 anos, iniciando por uma cartografia das monografias, dissertações e Teses.

Figura 14 - Confraternização dos professores/
pesquisadores do Grupo de Pesquisa Cultura, Política
e Educação (ago. 2023)



Fonte: acervo pessoal das autoras.

Essa análise, entretanto, continuará a seguir sua visão teórico-metodológica originária, caracterizada por uma visão aberta e tolerante dos pressupostos teórico-metodológicos, escapando de uma monocultura da mente, de uma história única, embora a UNICAMP, mais enfaticamente o Grupo HISTEDBR, logo em suas diretrizes iniciais, até o momento, venha recomendando a dialética marxista enquanto respaldo teórico-metodológico. Tal direção foi possível comprovar nas principais discussões ocorridas na XVI Jornada do HISTEDBR ocorrida em 30 de outubro a 1º de novembro de 2024 no Auditório da Reitoria da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), derivando para uma pedagogia histórico-crítica, como defende Saviani (2021).

Assim sendo, a análise da Produção intelectual do Grupo de Pesquisa Cultura, Política e Educação iniciada a partir de 2023 aflora uma reflexão sobre o grupo, qual seja, um olhar distanciado (Lévi-Strauss, 2012) sobre seu papel ao longo dos anos, mantendo a postura teórico-metodológica dos anos anteriores, mas avaliando a nossa própria produção intelectual. “Será um olhar que nos olha”, como diz Marilena Chauí (2003). Um olhar distanciado porque viramos a lente do *observateur* e passamos da preservação das fontes catalogadas e informatizadas das produções anteriores para um processo coletivo que necessita submeter à crítica o que foi estabelecido antes. Nossa intenção agora será contextualizar, antropologizar nossas ideias da história da educação no tempo e espaço dos acontecimentos; será, portanto, exercer uma bricolagem (Lévi-Strauss, 2012) sobre a nossa produção científica a partir de muitas inspirações, pois “a memória e a ciência não são senão o poder [potência] para fazer vínculos” (Chauí, 2003, p. 51).

E assim será o estudo da Memória e da História da Educação produzida por esse Grupo de História da Educação que tem suas origens nas décadas de 1980/1990, bem como dos seus congêneres¹⁹, performando uma história da educação que já dispõe das suas fontes primárias e secundárias da educação para fomentar suas pesquisas. Nesse início de século XXI, tais fontes estão identificadas, publicadas e digitalizadas, em sua maioria. É um outro cenário para os novos pesquisadores estudarem. Os pioneiros professores/pesquisadores aposentaram-se. Seus discípulos iniciam suas vidas reafirmando o que aprenderam com seus mestres. Entretanto, enveredando por outros caminhos. A dinâmica social mudou, e seus papéis de continuadores dessa história lhes exigem outros papéis, principalmente alentados pelas novas tecnologias.

*Vania de Vasconcelos Gico*²⁰
*Rosângela Maria de Oliveira Silva*²¹

¹⁹ Entre as tarefas desse estudo sobre a Memória e a História do Grupo da UFRN estará o levantamento bibliográfico sobre a história e a memória de outros grupos que se formalizaram, na mesma época, nos estados brasileiros, sob a coordenação da UNICAMP.

²⁰ Docente/pesquisadora. Laboratório de História e Memória da Educação (LAHMED). Centro de Educação – UFRN. E-mail: vaniagico@gmail.com

²¹ Pesquisadora do Laboratório de História e Memória da Educação (LAHMED). Centro de Educação – UFRN. E-mail: rosangela.gerbera@gmail.com

Referências

CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. *In*: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CYRULNIK, Boris. **De corpo e alma**: a conquista do bem-estar. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GERMANO, José Willington. **Lendo e aprendendo**: a campanha de pé no chão. 4. ed. Natal: Caravela, 2021.

GERMANO, José Willington. **Estado militar educação no Brasil (1964-1985)**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GICO, Vania. **Contexto social, estrutura universitária e biblioteca**: o caso da UFPE. Recife: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 1990.

HOBSBAWM, E. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 12. ed. São Paulo: Autores Associados, 2021.

SAVIANI, Dermeval. História da história da educação no Brasil: um balanço prévio e necessário. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, v. 10, n. Especial, p. 147-167, 2008.

O HISTEDBR na comemoração dos 40 anos do GT 02 - História da Educação da ANPEd

Como sabemos, em 1965 a questão da pós-graduação no Brasil foi objeto de análise no Conselho Federal de Educação. A pedido do ministro da educação Flávio Suplicy de Lacerda, o conselheiro Newton Sucupira se debruçou sobre o assunto com o intento de conceituar a pós-graduação, tendo elaborado o Parecer nº 977, aprovado em 3 de dezembro de 1965.

Em sua análise Sucupira, seguiu deliberadamente a experiência dos Estados Unidos, inserindo, no texto do parecer, um tópico com o seguinte título: *Um exemplo de pós-graduação: a norte-americana* (Brasil, 1965, p. 74-79). Foi com base nessa experiência que se definiu a estrutura organizacional da nossa pós-graduação *stricto sensu* centrada em dois níveis hierarquizados, o *mestrado* e o *doutorado*, sem, porém, que o primeiro fosse requisito indispensável para o segundo. Isso significa que o mestrado poderia ser considerado tanto uma etapa preliminar para a obtenção do grau de doutor como um grau terminal. De outra parte, a autonomia entre os dois níveis possibilitava, também, a inscrição direta no doutorado, sem a necessidade prévia da passagem pelo mestrado. Cada um desses níveis compreenderia o estudo de um conjunto de matérias relativas tanto à área de concentração, isto é, o campo de conhecimento constitutivo do objeto escolhido pelo candidato, como ao *domínio conexo*, ou seja, a área ou as áreas de conhecimento correlatas e complementares àquela escolhida pelo aluno. O programa de estudos deveria se completar com a redação de um trabalho resultante de pesquisa, a dissertação, no caso do mestrado, e a tese, no caso do doutorado. A organização dos estudos proposta, embora procurasse pautar-se em *grande flexibilidade*, era bastante clara, envolvendo tarefas bem especificadas e prevenido, inclusive, a figura de um diretor de estudos com a incumbência de assistir e orientar cada um dos alunos.

Eis aí o modelo de pós-graduação adotado no Brasil que veio a ser implantado nas várias áreas do conhecimento a partir de 1970, conforme o Parecer nº 77/69, também relatado por Newton Sucupira e aprovado pelo Conselho Federal de Educação em 11 de fevereiro de 1969, que regulamentou a implantação da pós-graduação no Brasil (Brasil, 1969).

Mas se a estrutura organizacional se inspirou no modelo americano, o espírito com o qual se deu a implantação dos programas foi em grande parte influenciado pela experiência europeia, particularmente da Europa Continental.

Nos Estados Unidos, a uma educação básica centrada no objetivo da socialização das crianças e jovens, justificada pelo discurso do incentivo à autonomia e iniciativa dos alunos, sucedia um ensino superior em que os alunos eram postos diante de uma organização bastante definida que implicava tarefas de orientação e direção a serem exercidas pelos docentes. Inversamente, na Europa, os sistemas de educação básica foram organizados tendo como objetivo principal o domínio dos conhecimentos sistematizados, esperando-se dos alunos que ingressavam na universidade um grau de maturidade e de autonomia intelectual que dispensava, por parte dos professores, uma direção ou mesmo uma orientação mais direta. Especialmente na pós-graduação, então constituída fundamentalmente pelo doutorado, esperava-se que os candidatos concebessem e realizassem por si mesmos o próprio trabalho; o orientador era considerado mais um examinador e o presidente das bancas de exame do que alguém que dirigia e interferia diretamente na definição e desenvolvimento do tema de estudo do doutorando. Assim, enquanto a experiência universitária norte-americana põe certa ênfase no aspecto técnico-operativo, na experiência europeia a ênfase principal recai sobre o aspecto teórico.

E nós sabemos do peso da influência europeia sobre os intelectuais brasileiros, em especial na área das chamadas ciências humanas. Assim, os professores que foram chamados a lecionar nos primeiros programas de pós-graduação no país ou possuíam formação europeia ou haviam se formado dentro do espírito das universidades europeias. Desse modo, ao receber os alunos no mestrado, via de regra, supunham um razoável grau de autonomia dos mestrandos, esperando que eles definissem o próprio objeto de investigação e, ato contínuo, escolhessem o orientador adequado

para acompanhá-los em sua pesquisa, que deveria resultar num trabalho de fôlego, na prática equivalente a uma tese de doutorado.

A experiência de pós-graduação brasileira resultou, pois, dessa dupla influência: o modelo organizacional americano que foi articulado, no funcionamento efetivo do processo formativo, com o modelo europeu pautado pela exigência do trabalho teórico autonomamente conduzido. Daí termos chegado a um modelo brasileiro de pós-graduação, sem dúvida bem mais rico do que aqueles que lhe deram origem, pois promoveu a fusão entre uma estrutura organizacional bastante articulada, derivada da influência americana, e o empenho em garantir um grau satisfatório de densidade teórica, decorrente da influência europeia. Embora implantada segundo o espírito do projeto militar do “Brasil Grande” e da modernização integradora do país ao capitalismo de mercado, a pós-graduação se constituiu num espaço privilegiado para o incremento da produção científica. No caso da educação, contribuiu de forma importante para o desenvolvimento de uma tendência crítica que, gerando estudos consistentes a contrapelo da orientação dominante, alimentou um movimento emergente de propostas pedagógicas contra-hegemônicas.

Definido o arcabouço legal e configurado o modelo adotado, as várias áreas vieram a organizar as respectivas associações nacionais de pós-graduação e pesquisa. A área de Economia saiu na frente, tendo organizado, em 1973, a Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em Economia (ANPEC), que teve como sua primeira atividade o exame nacional de seleção para ingresso em todos os programas de pós-graduação em economia do país, atividade que se mantém até hoje. A direção da CAPES entendeu que essa era uma boa iniciativa e passou a incentivar as demais áreas a criar igualmente as respectivas associações nacionais com o objetivo de também adotarem a sistemática do exame nacional de seleção. Foi nesse contexto que os coordenadores dos programas de pós-graduação em educação já implantados em nosso país foram convocados para uma reunião preparatória que se realizou em agosto de 1976, da qual resultou a elaboração dos estatutos em 1977, cuja aprovação, em março de 1978, deu origem à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Considerando que em 1976 e 1977 eu me encontrava como coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar, participei desse processo, tendo, em consequência, me tornado

sócio-fundador de nossa entidade. No entanto, decidimos não nos submeter à indução da CAPES, entendendo que não era o caso de adotarmos a sistemática do exame nacional de seleção. Tendo em vista as peculiaridades de cada programa, consideramos mais pertinente deixar a cada um a decisão relativa aos próprios processos seletivos para acesso tanto ao mestrado como ao doutorado, como vem acontecendo até o momento atual.

Criada a nossa entidade nacional, realizou-se em Fortaleza, em agosto de 1978, a I Reunião Científica da ANPED, na qual apresentei o trabalho “Uma concepção de mestrado em educação” (Saviani, 2007). E em março de 1979, realizou-se, na PUC de São Paulo, a II Reunião Científica, da qual também participei, então como coordenador do Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia da Educação da PUC-SP, na qual apresentei o trabalho “Doutoramento em Educação: a experiência da PUC-SP” (Saviani, 2007).

Foi a partir da IV Reunião Anual, realizada em Belo Horizonte em 1981, que a ANPED assumiu a decisão da organização de Grupos de Trabalho (GT), e na VII Reunião Anual, realizada em Brasília em 1984, foi criado o GT 02 – História da Educação da ANPED, a partir da proposta do Prof. Luiz Antônio Constant Rodrigues da Cunha. Pessoalmente não cheguei a participar da fundação desse nosso GT. Com efeito, nesse momento eu continuava como coordenador do Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia da Educação da PUC de São Paulo. No entanto, a concepção filosófica por mim assumida ancora-se fundamentalmente na História. Daí, a denominação de materialismo histórico-dialético.

Assim, quando ingressei na UNICAMP, em 1980, integrando o Departamento de Filosofia e História da Educação, senti que eu estaria em meu habitat natural, pois se encontravam ali articuladas as duas áreas de meu interesse acadêmico. No entanto, as duas subáreas do departamento encontravam-se em situação totalmente diversa. Enquanto a Filosofia estava bem guarnecida com seis doutores em tempo integral, a subárea de História contava com apenas dois doutores com contrato parcial, os professores Casemiro dos Reis Filho e Evaldo Amaro Vieira, ambos em tempo integral na PUC, que iam semanalmente de São Paulo para Campinas. Tendo sido eu contratado na mesma situação, ficou claro que minha tarefa no departamento era reforçar a equipe de história da educação.

Nesse meu novo vínculo acadêmico, aceitei orientandos de mestrado e principalmente de doutorado que ingressavam na subárea de história da educação. E adotei a sistemática de orientação coletiva que já vinha desenvolvendo de forma exitosa na PUC de São Paulo. Nesse processo, os alunos, que vinham de diferentes instituições de ensino superior, manifestaram o interesse em continuar participando do grupo mesmo após concluírem o doutorado e retornarem às respectivas instituições em suas regiões localizadas em diferentes estados do país. Ou seja: eles gostariam de continuar participando do referido processo de produção coletiva de pesquisa quando voltassem para as suas instituições. Respondi que isso, em princípio, seria possível. Mas sua viabilização dependeria da criação de um Grupo de Pesquisa. Com efeito, estávamos, naquele momento, exatamente no início do processo de instituição de grupos de pesquisa nos diferentes programas de pós-graduação. Foi assim que, atendendo à solicitação dos alunos, me dispus a criar o Grupo de Pesquisa. Mas deixei claro para eles que eu não teria condições de administrar todo esse processo. Pedi, então, a eles que cooperassem, solicitando que um deles ficasse encarregado de articular os contatos entre os colegas das várias instituições. Foi nesse contexto que José Claudinei Lombardi, conhecido pelo codinome Zezo, que então fazia parte da referida turma de orientandos, uma vez indicado, assumiu essa tarefa. Foi nessas condições que criei, em 1986, a partir da UNICAMP, o Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”, que, conforme a sistemática que se passou a adotar com o acesso à Internet, de se identificar cada iniciativa por meio de uma sigla de até oito dígitos, adotou a sigla HISTEDBR. E, tendo o Prof. Zezo concluído o doutorado e sido aprovado em concurso de ingresso na UNICAMP, o grupo se organizou ficando eu como coordenador geral e Zezo como coordenador executivo, assegurando os mecanismos de articulação entre os vários grupos das diferentes instituições nas quais foram sendo criados os Grupos de Trabalho, ou seja, os GTs vinculados ao HISTEDBR.

Foi, pois, por meio do HISTEDBR que passei, desde 1987, a participar do GT 02 – História da Educação da ANPEd, assim como dos eventos da área de História da Educação de iniciativa do GT 02, com destaque para os Congressos Luso-Brasileiros de História da Educação (COLUBHE), tendo desembocado na fundação da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), exatamente

na 22ª Reunião Anual da ANPEd realizada em Caxambu, em setembro de 1999.

De fato, na fundação da SBHE prevaleceu aquela propriedade do campo (nesse caso, o campo da história da educação) considerada por Bourdieu como menos visível, assim definida: “Todas as pessoas que estão engajadas num campo têm em comum um certo número de interesses fundamentais, a saber, tudo o que está ligado à existência mesma do campo: daí uma cumplicidade objetiva que se encontra subjacente a todos os antagonismos” (Bourdieu, 1980, p. 115).

Eis aí como a cumplicidade entre as ações do GT 02 da ANPEd em articulação com as ações do HISTEDBR constituíram o pano de fundo decisivo da criação da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE).

É, enfim, com satisfação que saúdo as e os colegas do GT 02 da ANPEd, em especial os atuais coordenadores Alessandra Cristiana Furtado (UFG) e José Edimar de Souza (UCS), pela iniciativa de comemorar os quarenta anos de existência do GT por meio da publicação do livro para o qual redigi esta carta.

*Dermeval Saviani*²²

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Questions de sociologie**. Paris, Les Éditions de Minuit, 1980.

BRASIL. MEC. Parecer nº 977, de 4 de dezembro de 1965. Definição dos cursos de pós-graduação. **Documenta**, 1965, p. 67-86.

BRASIL. MEC. Parecer nº 77, aprovado em 11 de fevereiro de 1969. Normas do credenciamento dos cursos de pós-graduação. **Documenta**, n. 98, 1969, p. 128-132.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 17. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

²² Professor emérito da UNICAMP. Pesquisador emérito CNPq. Doutor “Honoris Causa” por seis universidades. Atualmente é professor titular colaborador permanente do PPGE-UNICAMP. E-mail: dermeval.saviani.2013@gmail.com

Natal (RN), 30 de abril de 2025.

À Comunidade do GT 02 da ANPEd:
Pesquisadoras e pesquisadores da
História da Educação no Brasil

Prezados colegas,

Escrevo esta carta movida por lembranças que me atravessam e me constituem. A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) chegou para mim pelas memórias de outrem. Professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte narravam suas lembranças das reuniões em Caxambu, Minas Gerais... Contavam como chegavam até a cidade, os encontros com pesquisadores de todo o Brasil – muitos deles conhecidos apenas pelos textos –, os passeios de charrete, as águas termais, o jantar de confraternização...

E eu, que me sentia uma *outsider* no campo educacional – até então, frequentava eventos da área de História, ainda que minhas pesquisas já dialogassem com a História da Educação –, desejava vivenciar uma reunião da ANPEd em Caxambu. Queria me sentir parte da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação e, em particular, do GT 02, o Grupo de Trabalho de História da Educação.

Era tudo muito novo para mim: o campo educacional e, até mesmo, a História da Educação. Na graduação e no mestrado, estive mais próxima dos eventos da História. Mas, ao ingressar no doutorado em Educação na UFRN, uma pergunta histórica me permitiu aproximar ainda mais desses campos: é possível uma pedagogia da cidade?

A partir dessa pergunta, desenvolvi a tese *Cidade, sociabilidades e educabilidades (Príncipe, Rio Grande do Norte – século XIX)*, sob orientação da professora Marta Maria de Araújo. Com ela, aprendi o respeito à ANPEd e, em especial, ao GT 02, do qual participava ativamente.

No contexto do meu ingresso no PPGED/UFRN, a ANPEd passava por mudanças: deixaria de ocorrer anualmente em Caxambu para se realizar de forma bienal e em outras localidades. E a ci-

dade de Natal, onde eu cursava o doutorado, sediaria a Reunião da ANPEd após uma longa sequência de edições em Minas Gerais. Chegava, enfim, minha oportunidade de conhecer uma reunião da ANPEd. Teria a possibilidade de acompanhar sua organização e submeter um trabalho. Assim o fiz.

O trabalho que propus para a 34ª Reunião Anual da ANPEd, em 2011, em Natal/RN, foi “Cidade e educabilidade (Príncipe, Rio Grande do Norte – século XIX)”. Lembro que colegas e professores comentavam sobre como era difícil ter um trabalho aprovado para apresentação – apenas doze por GT. Eu desejava profundamente que o meu fosse aceito. E, para minha alegria, foi aprovado.

Me alongo ao narrar esse episódio porque ele foi fundamental para que eu compreendesse que o desejo e o trabalho também se entrelaçam no mundo acadêmico. Apresentei o trabalho e vivi uma verdadeira catarse. Estava em uma sala com muitos pesquisadores já consolidados no campo da História da Educação. Durante a discussão, surgiram questões, comentários e contribuições – e ali percebi: a magia dos GTs em uma reunião da ANPEd está no diálogo, está no estar presente para escutar e debater a pesquisa do outro.

Pesquisadores como Cynthia Veiga fizeram comentários sobre o meu trabalho. Também Luciano Mendes de Faria Filho, Marcus Taborda, Teresa Santos Cunha... e, claro, minha orientadora na época, professora Marta Maria de Araújo. Cito esses nomes porque, de formas diferentes, cada um deles ampliou minha apresentação, conectando-a a discussões mais abrangentes no campo da História da Educação no Brasil. E mais: pudemos expandir o diálogo, pois troquei e-mails com Cynthia; Teresa me disse que enviaria (e enviou!) um livro que contribuiria para a discussão; Taborda me incentivou a submeter uma versão ampliada do trabalho para a *Educar em Revista* (o que fiz anos depois).

É sobre isso: compor um grupo, uma comunidade, e partilhar experiências.

Desde então, não deixei de frequentar as reuniões da ANPEd. Particpei ativamente das sessões do GT 02, apresentei trabalhos, contribuí como avaliadora *ad hoc* e ministrei minicursos – como na 40ª Reunião Nacional da ANPEd, realizada com a UFPA, entre setembro e outubro de 2021, com o minicurso “História da Educação no Brasil: produção e difusão do conhecimento”.

Atuei também em outras instâncias da ANPEd, como o Fórum de Editores de Periódicos em Educação, onde fui coordenadora e vice-coordenadora. Mas essa já é outra história.

O GT 02 é um espaço formativo e constituinte do campo da História da Educação no Brasil. Foi lá que conheci muito da história do campo e do próprio GT, pelas memórias de José Silvério Baia Horta, Dermeval Saviani e tantos outros professores-pesquisadores, formadores de gerações, que participavam das atividades do GT em uma verdadeira troca intergeracional e também partilhavam memórias de criação e trajetória dos anos iniciais do GT 02... atuando como intelectuais mediadores ou *gríôs* do GT 02.

Foi assim que, na reunião da ANPEd de 2023, em Manaus, ao escutar Luciano Mendes de Faria Filho, no trabalho encomendado “Qualidade, Igualdade e Equidade: questões para a História da Educação”, dizer que pesquisadores formados no GT – como eu – fazem parte de uma geração com a missão de formar novos pesquisadores, pensei que tenho que fazer valer mais e mais o que aprendi desde minha primeira participação no GT 02: estar presente para escutar e debater a pesquisa do outro, acreditando que compomos um grupo, uma comunidade, e partilhamos experiências.

E assim... são cerca de 15 anos de trajetória no GT 02 da ANPEd. Ao longo do tempo, ocupei diferentes espaços, construí sociabilidades e encontrei muita alegria em pertencer a esse GT.

Hoje, mais experiente – de outra geração, como disse Luciano [rindo de nervoso, não por medo, mas pela responsabilidade de formar pesquisadores que acreditem e defendam a história da educação como campo de pesquisa] –, sigo com a esperança de construir muitas outras memórias e sociabilidades no GT 02 da ANPEd.

Vida longa ao GT 02 da ANPEd!

Com estima e gratidão,

*Olivia Morais de Medeiros Neta*²³

²³ Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Tempos de (hotel) Glória em Caxambu (MG), às expansões da ANPEd

Caros(as) leitores(as)!

Ao celebrar os 40 anos da ANPEd, e em especial a trajetória do GT 02 – História da Educação, escrevo esta carta como gesto de memória, de reconhecimento e de compromisso com a produção do conhecimento histórico-educacional em nosso país. Esta é uma escrita permeada por vivências acadêmicas, afetos formativos e convicções forjadas no diálogo com gerações de pesquisadores e pesquisadoras que, ao longo dessas quatro décadas, fizeram do GT 02 um espaço fecundo de debate crítico, de valorização das fontes e de reinvenção da pesquisa em História da Educação. Que esta escrita se some às muitas vozes que constroem, com lucidez e esperança, a história da própria ANPEd.

Compreender o passado, como nos ensinou Marc Bloch, é um ato de inteligência e de empatia. O historiador, ao interrogar os rastros do tempo, compromete-se com a escuta das vozes silenciadas e com a análise rigorosa das continuidades e rupturas que marcam os processos sociais. Bloch (2001) nos lembra de que o passado não é algo fossilizado, mas matéria viva que dialoga com o presente. Michel de Certeau, por sua vez, ressalta que toda escrita da história é também uma prática situada, marcada por escolhas, ausências e disputas de sentido. Para ele, “toda produção historiográfica é uma operação” (Certeau, 2002, p. 59), ou seja, uma construção que envolve decisões metodológicas e posicionamentos epistemológicos. Nesse sentido, fazer História da Educação é, também, disputar memórias e interrogar os modos como as instituições escolares, os sujeitos e as culturas educativas foram (e são) produzidos. É com essa consciência do ofício do historiador que o GT 02 tem contri-

buído, ao longo de quatro décadas, para alargar os horizontes da pesquisa educacional no Brasil.

Lembro-me, com especial carinho, dos primeiros tempos de minha formação como pesquisadora, quando a ANPEd acontecia no Hotel Glória, em Caxambu (MG). Para quem estava dando os primeiros passos na pesquisa em História da Educação, era simplesmente encantador caminhar pelo saguão do hotel e encontrar, ali circulando com naturalidade, autoras e autores que lemos com admiração nas bibliografias fundamentais do campo. Eles estavam acessíveis, abertos à conversa, ao acolhimento dos mais jovens, ao compartilhamento de ideias. Aquele espaço físico – o saguão – tornava-se um espaço simbólico de encontro de gerações, de formação coletiva, de construção de uma comunidade acadêmica pautada pela troca generosa. Foi ali que compreendi, de modo muito concreto, o que significa fazer parte de um campo de pesquisa: não apenas partilhar objetos e métodos, mas também convivências e valores.

Naquela mesma época, participei inicialmente do GT de Formação de Professores tendo meu primeiro trabalho aprovado em coautoria com a professora Dra. Gláucia Signorelli de Queiroz Gonçalves (UFU). A participação foi significativa, pois me proporcionou o ingresso como parecerista naquele grupo, o que marcou meus primeiros passos na construção coletiva da pesquisa em educação. No entanto, não demorou para que eu encontrasse, no GT 02 – História da Educação, o espaço onde minhas inquietações intelectuais e minha identidade acadêmica se consolidaram. É nesse grupo que atuo há mais de vinte anos, acompanhando e contribuindo para sua trajetória, em um percurso que reafirma, a cada edição da ANPEd, o compromisso com a história como campo de reflexão crítica e possibilidade de transformação. Quanto aos encontros durante os eventos da Anped, um desses que me marcaram foi com o professor Dr. José Carlos Souza Araujo (Uniuibe). Na verdade, tratava-se de um reencontro: cerca de quinze anos antes, havíamos interagido por ocasião da organização do livro *Primórdios da Escola Pública Republicana no Triângulo Mineiro*, que empreendi juntamente com a professora Dra. Elizabeth Farias da Silva (UFSC), com o objetivo de preservar a documentação histórica de um grupo escolar e homenagear uma de suas professoras do início do século XX, Alzira Alves Villela, incluindo também entrevistas com ex-alunos da primeira turma de 1910. Lembro-me de que o professor José

Carlos saudou com entusiasmo a iniciativa, gesto que muito me animou naquela época. A partir dele, fui me aproximando de outros pesquisadores da Universidade Federal de Uberlândia – Dr. Carlos Henrique de Carvalho, Dr. Décio Gatti Júnior, Dr. Geraldo Inácio Filho, Dr. Wenceslau Gonçalves Neto, entre outros – e também de Florianópolis, como a professora Dra. Maria Teresa Santos Cunha. Esse processo de aproximação e aprendizado se deu entre os anos de 2000 e 2006. Em 2007, tive a alegria de me tornar professora efetiva da Universidade Federal de Uberlândia, atuando no curso de Pedagogia do campus Pontal e, também, na pós-graduação *stricto sensu* no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de História da Educação da Faculdade de Educação no Campus Sede, em Uberlândia. Além da realização pessoal e profissional, tive ainda o privilégio de passar a trabalhar ao lado de colegas com quem havia aprendido tanto. A conexão foi imediata e profundamente significativa.

Sabemos que a ANPED cresceu, e que o Hotel Glória e Caxambu já não comportam mais o tamanho e a diversidade de sua presença. É assim que deve ser: uma entidade democrática, comprometida com a viabilidade da participação de todas e todos os pesquisadores da educação.

Entre tantas experiências marcantes vividas no âmbito da ANPED, guardo com especial carinho a participação na 40ª Reunião Nacional, realizada em Belém do Pará. Naquela ocasião, apresentei, em coautoria com minha orientanda de mestrado à época, Palloma Victoria Nunes e Silva, o trabalho intitulado “O reflexo dos ideais republicanos na Escola Doméstica de Brazópolis (1889-1927)”. A experiência de apresentar juntas uma pesquisa construída no diálogo intergeracional, sustentada por fontes históricas e pela escuta atenta da jovem pesquisadora, foi especialmente significativa. Também nessa reunião, tive a oportunidade de integrar o painel “Curso de Pedagogia no Brasil: história, caminhos, possibilidades e riscos”, presidido pela professora Dra. Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida (PUC-GO), espaço que possibilitou reflexões amplas e necessárias sobre a formação docente, reafirmando o compromisso coletivo com a defesa de uma educação pública, crítica e democrática. Foram momentos que expressam, de forma plena, a riqueza intelectual, afetiva e política que a ANPED tem promovido ao longo de sua história.

Outra experiência igualmente significativa em minha trajetória foi a oportunidade de coordenar o GT 02 na Regional Centro-Oeste da ANPEd, ao lado da professora Dra. Alessandra Cristina Furtado (UFGD). Trabalhar em parceria na organização e dinamização das atividades do grupo em âmbito regional permitiu ampliar os diálogos com pesquisadoras e pesquisadores de diferentes instituições e contextos, fortalecendo redes de cooperação e aprofundando o compromisso coletivo com a História da Educação. Essa atuação reforçou, mais uma vez, a importância da ANPEd como espaço plural, onde o trabalho compartilhado se traduz em ações concretas de formação, pesquisa e mobilização acadêmica.

Atualmente, integro o comitê do GT 02 juntamente com a professora Dra. Elizabeth Figueiredo de Sá (UFMT), com quem tenho desenvolvido várias pesquisas em coautoria. Essa parceria tem sido intelectualmente fecunda e humanamente generosa, reafirmando o valor das construções coletivas que a ANPEd historicamente favorece. Trabalhar no comitê é também uma forma de retribuir ao grupo tudo o que ele me proporcionou ao longo dos anos – aprendizado, pertencimento, escuta, diálogo e sentido de continuidade entre gerações de pesquisadoras e pesquisadores da História da Educação.

Ao rememorar minha trajetória entrelaçada à da ANPEd e, em especial, ao GT 02 – História da Educação, celebro não apenas os marcos institucionais, mas, sobretudo, os encontros humanos, os vínculos intelectuais e os gestos de partilha que me constituíram como pesquisadora, professora e integrante de uma comunidade acadêmica comprometida com a construção crítica do conhecimento. Nestes 40 anos de existência da ANPEd, o GT 02 tem reafirmado sua vitalidade como espaço de acolhimento, debate e rigor investigativo, mantendo-se atento aos desafios do presente e aberto às perguntas que o futuro nos coloca.

Escrever esta carta é também renovar o compromisso com a memória como horizonte de resistência e com a pesquisa histórica como instrumento de análise das múltiplas temporalidades que compõem a educação, como nos ensina Viñao Frago, ao destacar que compreender a história escolar exige considerar as permanências, as rupturas e os sentidos atribuídos pelos sujeitos em seus próprios contextos. Que sigamos, assim, fortalecendo essa constru-

ção coletiva com ética, diálogo e responsabilidade com as gerações que vêm se somar a esse percurso.

*Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro*²⁴

Referências

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Tempos escolares, tempos sociais: sobre o funcionamento do tempo na instituição escolar. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 19-30, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/qv8Pp38qWgNYyRw7k3LSwpn/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

²⁴ Professora Titular da Universidade Federal de Uberlândia. Pesquisadora Produtividade CNPq.

Memórias, história e experiências vivas

Caros colegas educadores brasileiros, associados, pesquisadores, estudantes e futuros pesquisadores, nos limites dessas páginas, expresso minha alegria por fazer parte do Grupo de Trabalho (GT) 02 – História da Educação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e poder celebrar, neste ano, os quarenta anos do GT.

Trago aqui um pouco do meu processo formativo, das minhas memórias, história, vivências e envolvimento com o campo da História da Educação. Sou historiadora por formação, graduada em História em 1990 pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), estudei no Centro Universitário de Corumbá (CEUC), hoje denominado Campus do Pantanal (CPAN), localizado em Corumbá (MS), município que faz fronteira com a Bolívia e está a 425 km de Campo Grande (MS), a capital do estado de Mato Grosso do Sul.

Ingressei na universidade pública em 1987. Em 15 de março de 1985, assumi a presidência do país José Sarney (vice-presidente), em razão da morte do presidente Tancredo Neves, eleito de forma indireta pelo Colégio Eleitoral. Ser graduanda num momento marcado pela transição do regime civil-militar para a (reconstrução da) democracia, caracterizado pelo clamor por eleições diretas para presidente, pelos trabalhos da Assembleia Constituinte, pela promulgação da Constituição Federal de 1988, pela crise econômica e pela inflação galopante, era desafiador e ao mesmo tempo motivante! Pois os acontecimentos sociais, políticos, econômicos e educacionais estavam sempre em discussão no âmbito da universidade nesse período de abertura política.

Lembro-me de que, no CEUC, era no curso de História que começavam as manifestações. Participei de muitas delas! O Centro Acadêmico era bem atuante, e o estudante de História era conhecido como politizado, participativo, polêmico, crítico e até baderneiro.

“A recordação do passado é resultado de uma tentativa de colocar ordem em acontecimentos que tinham outra configuração no momento que ocorreram” (Bosi, 1987, p. 17), e não me recordo de se falar em iniciação científica, projetos de pesquisa, incentivo à pesquisa, no CEUC, no período em que lá estive (1987-1990) como graduanda. Talvez porque ainda fosse recente o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), criado em 1988 pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) com o objetivo de introduzir os estudantes da graduação na pesquisa, incentivando a produção do conhecimento e a formação de futuros pesquisadores.

Vivenciei a universidade, mas, dadas as limitações econômicas e as dificuldades impostas pela localidade, participei de poucos eventos externos, pois o transporte era o rodoviário, e a balsa era o meio essencial para atravessar pessoas, veículos e carretas pelo rio Paraguai. A balsa conectava Corumbá a outras regiões, enquanto não havia a ponte sobre o Rio Paraguai na BR-262, inaugurada em 2001. A partir daí, a balsa entrou em inatividade.

Meu processo de escolarização, formação e profissionalização começou em Corumbá, lugar onde nasci, cresci e vivi até o ano de 2002. Lá atuei em escolas públicas e privadas, na Educação Básica e Superior.

Minha relação com a ANPED iniciou-se em 1998, quando ingressei, após a aprovação no processo seletivo, no Programa de Pós-Graduação em Educação em nível de Mestrado, no Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS) da UFMS, em Campo Grande (MS) e participei da 21^a e da 22^a Reunião Nacional da ANPED, em Caxambu (MG). Daí em diante, desenvolvendo pesquisa em Educação, tornei-me mestre em Educação, estive presente em várias edições da ANPED, das Jornadas do HistedBr, do Congresso Luso-brasileiro de História da Educação, de Reuniões Regionais da ANPED-CO, do Congresso Brasileiro de História da Educação, de Simpósios Temáticos de História da Educação, entre outros.

Fui constituindo-me como pesquisadora, inicialmente com o olhar voltado para as fontes e história das políticas educacionais que, como diz Sanfelice (2004, p. 98), “é um tema recorte da história da educação, por sua vez recorte da história. [...] Considerando-se as partes do grande campo da história, objeto do historiador”.

Apropriando-me de Virginia Woolf (1986, p. 37-79), “nossas vidas são pedaços de um desenho [...] eu o vejo – o passado – como uma avenida que ficou para trás; uma longa faixa de cenas e emoções”. Percorri a avenida e prossegui. E, ao mudar-me para o interior do estado de São Paulo, busquei dar prosseguimento aos estudos. Candidatei-me como aluna especial na disciplina de Perspectiva de Estudo da Cultura Escolar na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) Campus de Araraquara, e tive como professores: Vera Teresa Valdemarin, Rosa Fátima de Souza e Marcus L. A. Bencosta.

Cursar essa disciplina em 2004 foi um divisor de águas na minha vida acadêmica. As discussões sobre os aspectos conceituais da Cultura Escolar, os aspectos teórico-metodológicos e o significado do estudo da Cultura Escolar, no âmbito da pesquisa em educação, produzidas durante a disciplina, permitiram-me descortinar novos horizontes para a pesquisa e instigaram-me a pensar no cotidiano escolar do Colégio Salesiano de Santa Teresa por meio das festas e comemorações escolares.

Um novo olhar para a pesquisa, novas imagens, novos conceitos, novas ideias e novas perspectivas. Escrevi um novo projeto de doutorado que me possibilitou passar em três processos seletivos, dos quais, optei por ingressar em 2005 como aluna regular, na Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Ter cursado a disciplina como aluna especial e ingressado na Unicamp aproximou-me do Campo de Pesquisa em História da Educação. Sob a orientação da professora Maria do Carmo Martins, desenvolvi e defendi a tese intitulada “História das Práticas Pedagógicas e Cultura Escolar do Colégio Salesiano de Santa Teresa (1972-1987)”. Esse percurso fez-me perceber que podia desvendar uma realidade complexa e que, no processo de investigação científica, precisamos estar alerta às obscuridades, sem deixar de observar as possíveis armadilhas que os registros oficiais possam armar para a recuperação da história.

O campo de pesquisa História da Educação tem permeado a minha trajetória profissional, à medida que ministro aulas, desenvolvo projetos de pesquisa, oriento acadêmicos do PIBIC, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. Estou sempre me (re)fazendo. A identidade profissional relaciona-se a um espaço e tem-

po vivido por meio das relações com o mundo físico e social. Sei que a educação tem um importante papel na formação humana, na constituição de um homem crítico e autônomo. Sei também que muitas vezes somos destituídos dos nossos sonhos, da nossa capacidade de criar, de recriar nosso modo de intervir e de estar no mundo

À medida que avancei no caminho da ciência, fui convocada a assumir responsabilidades e, com ela, a consciência de que nossas ações têm de estar permeadas pelo compromisso ético e político. Sou associada da Anped desde 2016, antes disso já participava dos encontros em âmbito nacional e regional, em especial na Região Centro-Oeste, e no GT 02, História da Educação, apresentando trabalhos, compondo mesa de sessão especial, uma delas intitulada “Financiamento para a pós-graduação e os desafios da pesquisa em História da Educação”, juntamente com as colegas professoras Kênia Hilda Moreira (UFGD), Fernanda Barros (UFG) e Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida (PUC-GO), na XVI Reunião da Anped Centro-Oeste, realizada de forma híbrida em 2022.

Para o biênio 2022 a 2024, fui eleita como coordenadora do GT 02 – História da Educação, e como vice-coordenadora a professora Aparecida Almeida Barros da Universidade Federal de Catalão (UFCat). Ao assumir a função de coordenar o GT 02 – História da Educação, tive a oportunidade de participar das discussões e da organização da programação da XVII Reunião Regional da Anped (CO) que ocorreu de forma presencial em Jataí (GO), de 28 a 30 de agosto de 2024. Coordenei a sessão especial “Quarenta anos do GT 02 – História da Anped”, apresentada pela professora Alessandra Cristina Furtado (UFGD), coordenei sessão de apresentação de trabalhos e estou reeleita para o próximo biênio (2024-2026), agora como vice-coordenadora, invertendo as funções com a professora Aparecida Almeida de Barros.

A pesquisa fez-me ingressar na ANPED, e com ela o compromisso com a coletividade, a manutenção, a preservação, a expansão e a difusão da pesquisa em educação. Tenho profunda consciência do que representa esse compromisso, uma caudalosa correnteza da qual fizeram e fazem parte importantes pessoas/associados de diferentes segmentos sociais. É fato que precisamos fortalecer essa corrente a fim de que possamos contribuir para o avanço da pesquisa.

Agradeço aos associados fundadores, aos que me antecederam, aos estudantes e aos futuros pesquisadores da História da Educação. Há uma intrínseca relação entre passado e presente. Parafaseando Nóvoa (2004), somos criadores e não somente criaturas da história, e o historiador da educação precisa desenvolver uma postura crítica e compreender as múltiplas identidades presentes nas memórias e tradições, pertencas e filiações, crenças e solidariedades.

Destaco que o campo de pesquisa em História da Educação está consolidado, e foi com a institucionalização dos Programas de Pós-Graduação no final da década de 1960 que as pesquisas em História da Educação se desenvolveram de forma mais sistemática, principalmente nos Programas de Pós-Graduação em Educação e em História. Ressalto que o GT 02 – História da Educação nasceu por meio da proposta apresentada por Luís Antônio Cunha, em 1984, na 7ª Reunião Anual da Anped, realizada em Brasília.

Considero que, para a “escrita em História da Educação”, são importantes os Programas de Iniciação Científica, nos cursos de graduação, na formação de novos pesquisadores, na introdução de novos objetos de pesquisa, mas também para o fortalecimento do nosso campo de estudo e das linhas de pesquisa em História da Educação nos Programas de Pós-Graduação no país, especialmente em Educação. A visibilidade do campo de estudo em tela ocorreu por meio das pesquisas, e por meio delas terá continuidade. Ressaltam-se a singularidade e a qualidade das produções acadêmicas dos “historiadores da educação”.

É um campo de pesquisa multifacetado e pluridisciplinar. Abarca vários temas, com diferentes objetos de estudo (história do ensino, história do livro e da leitura, história dos manuais didáticos, história da profissão docente, história das disciplinas escolares, história das instituições de ensino, história do currículo, entre muitos outros) e diferentes olhares sobre a realidade histórico-educacional brasileira. Isso revela as potencialidades do campo da História da Educação, a expansão dos horizontes da pesquisa e o destaque que a educação tem tomado em nossa sociedade.

Ao mesmo tempo que o campo se expande e a produção científica em História da Educação aumenta, nossa responsabilidade social enquanto produtores de conhecimento também cresce. Ressalto que “não há História da Educação sem a mobilização ri-

gorosa dos instrumentos teóricos e metodológicos da investigação histórica. Mas também não há História da Educação sem um pensamento e um olhar específicos sobre a realidade educativa e pedagógica” (Nóvoa, 2004, p. 9).

Somos parte de um todo. Isto é, juntamo-nos aos associados que nos antecederam, agradecemos à confiança em nós depositada, comprometemo-nos a respeitar, cumprir e zelar pelo campo de pesquisa em História da Educação, colocando-nos à disposição para enfrentar os desafios por vir.

Contem comigo!

Muito obrigada!

*Celeida Maria Costa de Souza e Silva*²⁵

Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

NÓVOA, António. Por que a História da Educação? *In*: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**: séculos XVI-XVIII. Petrópolis: Vozes, 2004

SANFELICE, José Luís. Fontes e História das Políticas Educacionais. *In*: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. **Fontes, história e historiografia da educação** (org.). Campinas: Autores Associados; HISTEDBR, 2004, p. 97-108.

WOLF, Virgínia. **Momentos de vida**. Organização e notas de Jeanne Schulkind. Tradução de Paula Maria Rosas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

²⁵ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É professora pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco (PPGE-UCDB). E-mail: celeidams@gmail.com

Carta pedagógica aos estudiosos da História da Educação do Brasil

Meu nome é Lia Fialho, sou pedagoga e professora da Universidade Estadual do Ceará desde 2013. Trabalho há mais de uma década com a História da Educação, mais especificamente com biografias femininas, ou seja, com a história da formação educacional e atuação profissional de mulheres professoras na interface indissociável com o contexto social, político e pedagógico em que elas viveram e protagonizaram a educação das futuras gerações.

Lembro-me, ainda quando aluna da pós-graduação *stricto sensu*, de minha indecisão acerca de seguir ou não minha carreira acadêmica pesquisando História da Educação. Escutei muitas afirmações desestimulantes: “Você é pedagoga, não é historiadora, não vai saber fazer pesquisa em História da Educação”; “Nem historiadores, nem pedagogos priorizam a História da Educação, os primeiros relegam esse campo a segundo plano de importância, os últimos preferem dedicar-se à formação de professores, currículo, didática, avaliação, políticas ou outras especialidades mais apropriadas para um pedagogo”; “História do presente é para quem não é historiador raiz”; “Biografia é perda de tempo, estudos biográficos não dão conta de contribuir significativamente com a narrativa histórica”; entre outros.

Na contramão, foi justamente frequentando o coletivo do GT 02 da Anped que pude sentir-me entre pares, ser acolhida por pesquisadores mais experientes e ressignificar minha práxis como docente e pesquisadora. Por essa razão, senti-me motivada para comemorar os 40 anos desse grupo escrevendo uma carta com o objetivo de estimular alunos e jovens pesquisadores a prosseguirem nesse campo, bem como para agradecer aos colegas do GT 02 que me apoiaram, acreditaram em mim, ensinaram-me com delicadeza, respeitaram o meu trabalho, comemoraram comigo as

conquistas e fizeram-me ter a certeza de que fiz a escolha certa, já que me sinto feliz e realizada profissionalmente.

Dessa maneira, é com respeito, admiração e esperança que me dirijo a cada um de vocês que pensa em seguir pesquisando no campo da História da Educação no Brasil ou que já dedica sua vida acadêmica a essa investigação, dividindo comigo espaços em grupos de estudo, projetos, rodas de conversa e eventos científicos. Escrevo esta carta para estimular novas pesquisas, reconhecer a relevância dos esforços já empreendidos no campo e fazer um convite renovado à persistência crítica, ao aprofundamento investigativo e ao compromisso social com a construção de uma educação mais justa, democrática e enraizada em nossas múltiplas heranças.

Muitos ainda podem ver a História da Educação como algo meramente contemplativo, estático e entediante. Entretanto, os documentos encontrados e questionados, as trajetórias docentes reconstruídas, as políticas analisadas e os movimentos educacionais reinterpretados oferecem novas ferramentas para compreender as raízes dos desafios atuais – sejam eles relacionados à exclusão das mulheres, dos negros e indígenas; à formação e prática docente; aos currículos institucionalizados; à privatização da educação; à desigualdade no acesso, na permanência e na qualidade da educação; ou à própria concepção de cidadania.

No Brasil, há vastas disparidades econômicas, regionais, religiosas, sociais e culturais que interferem na educação. O histórico brasileiro de colonização, escravidão, machismo, patriarcalismo e autoritarismo carrega um legado educacional que precisa ser constantemente revisitado, inclusive com recorte de gênero, classe e raça. As transformações que vivemos nos últimos anos, tais como a reconfiguração do papel do Estado na educação, as reformas do ensino médio, as disputas em torno dos currículos escolares, os ataques às universidades e ao pensamento crítico, o apagamento da memória educacional, entre outros temas emergentes, mostra o quanto é urgente aprofundar os estudos históricos para maior entendimento crítico capaz de sustentar contra-argumentos e posicionamentos seguros diante do que desejamos construir.

A História da Educação brasileira é, antes de tudo, uma história complexa, marcada por disputas que revelam desigualdades persistentes, avanços pontuais, retrocessos significativos e lutas contínuas. Ela é construída e narrada sob tensões e embates que

mostram estruturas elitizadas resistentes a mudanças, silêncios e apagamentos de sujeitos subalternizados, resistências esquecidas, pedagogias populares ignoradas, histórias invisibilizadas. Cabe a nós, enquanto comunidade acadêmica unida pelo GT 02, continuar lançando luz sobre os ocultamentos e contribuir para outras narrativas históricas, nas quais o passado sirva-nos não apenas de referência, mas de impulso para a transformação do presente e do futuro, despertando um compromisso contínuo com a memória, a crítica, a transformação educacional e a justiça social.

Nosso campo tem crescido em densidade teórica e metodológica. As abordagens tradicionais, centradas em figuras heroicas, documentos oficiais e acontecimentos macrossociais, agora dialogam com perspectivas micro-históricas, estudos culturais, história das mentalidades, das emoções, da infância, das relações étnico-raciais, de gênero e das práticas pedagógicas cotidianas, abrindo um leque de possibilidades para novos estudos consoantes à História da Educação. Esse alargamento da compreensão sobre fontes e sujeitos históricos, ao contrário de representar uma dispersão, aponta para uma ampliação dos objetos de pesquisa, da interpretação crítica e do nosso compromisso com uma leitura mais plural da educação brasileira.

Por isso, acredito que é fundamental incentivar estudantes, jovens pesquisadores e pesquisadores experientes a descortinar arquivos – públicos e privados – e considerar fontes alternativas que contam a História da Educação, como diários, fotografias, cartas, boletins escolares, arquivos pessoais e de família, narrativas orais, impressos e demais suportes que permitam registrar e preservar as memórias individuais imbricadas nas coletivas, assim como as histórias locais indissociadas das nacionais.

A história da educação não está apenas nos gabinetes ministeriais, nos documentos governamentais ou nas atas oficiais, com efeito, mas nas comunidades, nas práticas das professoras anônimas, nos jornais de bairro, nas associações sindicais, nas campanhas populares, nos cadernos dos alunos, nos planos de aula das educadoras etc. Ao considerar a pluralidade de fontes e sujeitos históricos, contribuímos para uma História da Educação mais democrática, sensível às multiplicidades do Brasil e comprometida com os processos de formação humana e social.

Não se trata apenas de reconstituir o passado com outras narrativas, o que já seria demasiadamente importante, mas de formar sujeitos críticos capazes de integrar mais intensamente nossos achados de pesquisa às práticas escolares, aos debates públicos e à formação docente. Afinal, o trabalho do historiador da educação não deve ficar restrito às publicações acadêmicas, pois requer a promoção de diálogos com escolas, museus, arquivos públicos, movimentos sociais e meios de comunicação com o mote de empoderar os sujeitos históricos para denunciar injustiças, preservar memórias e inspirar políticas educacionais mais justas.

Especificamente sobre a história das mulheres, para a qual me dedico mais enfaticamente, busquei nesses anos (e ainda busco) expor as desigualdades de acesso à escola e à formação profissional que marcaram a trajetória educativa feminina. O ensino a elas dedicado era limitado a conteúdos voltados para as atividades relacionadas ao lar e à formação moral, excluindo-as das ciências, das artes liberais e do pensamento crítico, o que ajuda a explicar as desigualdades de gênero persistentes na sociedade atual.

Pesquisar mulheres educadoras – negras, indígenas, pobres, interioranas, religiosas, militantes políticas etc. – foi a maneira que encontrei de preservar e ressignificar as vozes femininas da educação e valorizar suas contribuições como professoras, mães e líderes comunitárias. Afinal, estudar como as mulheres buscaram educação em contextos adversos revela importantes formas de resistências, pois muitas desafiaram normas sociais, abriram escolas, assumiram cargos de gestão, constituíram redes de apoio e lutaram por políticas públicas mais inclusivas.

A história da educação de mulheres obrigou-me a repensar que educar também inclui práticas informais, familiares e comunitárias, muitas vezes desconsideradas nas histórias oficiais, a exemplo das mulheres sufragistas, feministas ou ligadas a movimentos sociais de base. Fez-me perceber que a igualdade de acesso e permanência na escola, a representatividade no magistério superior, especialmente em cargos de gestão, a produção científica nas áreas exatas e a violência de gênero estão longe de serem superadas. Dessa maneira, registrar e valorizar as histórias das mulheres educadoras, pesquisadoras, ativistas e líderes políticas, que superaram as barreiras impostas ao feminino, também se tornou um ato de resistência.

Mesmo diante dos comentários de desvalorização da História da Educação, das dificuldades institucionais, da desvalorização da ciência, dos cortes de recursos, do negacionismo histórico e da burocratização das universidades, militaremos por uma sociedade mais igualitária, com educação mais qualificada. Nosso trabalho de historiadores da educação é essencial para a escuta dos sujeitos históricos (com ênfase aos oprimidos), para o registro das memórias, para a análise contextualizada dos avanços e retrocessos e para elaboração de uma escrita crítica e analítica. Sejam protagonistas de resistências e reconstruções!

Nos 40 anos do nosso GT 02 da Anped, desejo a todos que nossos grupos de pesquisa se fortaleçam, que nossos congressos se tornem espaços de escuta e partilha cada dia mais humanizados, que nossas produções científicas cheguem a mais pessoas e dialoguem com as comunidades e que saibamos criar relações de acolhimento e partilha entre gerações de pesquisadores, agregando novos pesquisadores, como um dia já fui acolhida. Desejo, por fim, que a História da Educação no Brasil fortaleça-se em número de pesquisadores e na qualidade dos profissionais com ela envolvidos, pois ela é vasta demais para ser narrada por poucos.

*Lia Machado Fiuza Fialho*²⁶

²⁶ Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, pós-doutorada em Educação pela Universidade Federal da Paraíba e pela Universidad de Cádiz – Espanha. Professora do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UECE). E-mail: lia_fialho@yahoo.com.br

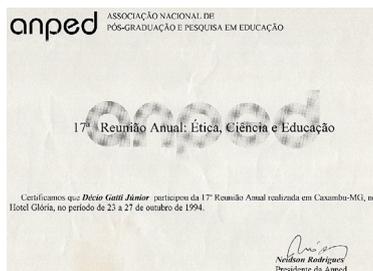
Uberlândia (MG), 09 de maio de 2025.

Uma saudável e profícua experiência acadêmica no GT02 – História da Educação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (1994-2025)

É com alegria que procedi o resgate de minha experiência junto ao Grupo de Trabalho 02 – História da Educação (GT02-HE) da importante Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Para tanto, não foi possível contar apenas com minhas lembranças, pois tive que apelar para o que fui capaz de registrar ao longo do tempo em meu currículo Lattes no CNPq. Desse modo, busquei as informações, às quais dispus em ordem cronológica, com meus apontamentos a seguirem a ordem temporal, mas, por vezes, busquei transcender os marcos cronológicos estritos, dado que, em algumas oportunidades, as experiências transcorreram durante anos e outras ainda estão a transcorrer. Vejamos!

A primeira experiência que tive no âmbito do GT02-HE ocorreu em 1994, na 17ª Reunião Anual da ANPEd, que teve lugar em Caxambu (MG), ocasião na qual Neidson Rodrigues, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), presidia a ANPEd. Nesse momento, Marta Maria Chagas de Carvalho, da Universidade de São Paulo (USP), e José Silvério Baia Horta, da Universidade Federal Fluminense (UFF), exerciam, respectivamente, a coordenação e a vice-coordenação do GT.

Figura 1 - Certificado de participação de Décio Gatti Júnior, em 1994, na 17ª Reunião Anual da ANPEd



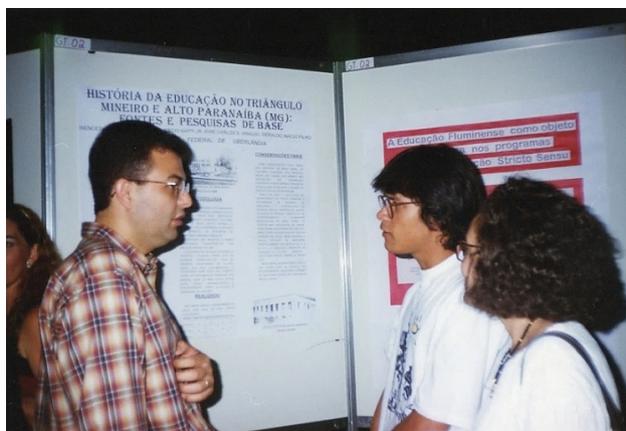
Fonte: Acervo do autor.

Possivelmente, essa minha primeira participação em uma reunião da ANPEd encontrava relação com meu ingresso, no início de 1994, no doutorado em Educação (História e Filosofia da Educação) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), quando Ester Buffa assumiu minha orientação, dado que ela tinha sido a primeira coordenadora do GT 02-HE, de 1985 a 1986, criado em 1984. Além disso, contava também o fato de eu ter ingressado na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) também no início de 1994. Nesses dois lugares, a frequência nas reuniões anuais da ANPEd era muito valorizada, notadamente, pelas discussões educacionais promovidas, pelo número de livros que eram lançados e pelos contatos com pesquisadores brasileiros e estrangeiros que eram possibilitados.

Nessa direção, é interessante observar que o GT02-HE da ANPEd, juntamente com a Secção de História da Educação (SHE) da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE), deram início a uma parceria muito frutífera que resultou na criação do importante Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (Colubhe), que teve sua primeira edição em 1996, na Universidade de Lisboa, em Portugal, o qual, após um breve período de interrupção, foi retomado no ano de 2025, com a próxima edição prevista para ocorrer em 2026, na Universidade do Algarve, em Portugal.

Em 1996, participei da 19ª Reunião Anual da ANPEd, em Caxambu (MG). Nessa oportunidade, eu já me encontrava inserido em um grupo de pesquisa relacionado à História da Educação na UFU, sendo que apresentamos conjuntamente um pôster sob o título “História da Educação no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: fontes e pesquisa de base”, com autoria de Wenceslau Gonçalves Neto, Décio Gatti Jr., José Carlos Araujo e Geraldo Inácio Filho. Tal investigação era realizada a partir de Uberlândia e estava vinculada a um importante projeto de pesquisa sob a liderança principal de Dermeval Saviani, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), relacionado ao Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (Histedbr).

Figura 2 - Décio Gatti Jr. e público na sessão de apresentação de pôsteres do GT02-HE da ANPed (1996)



Fonte: Acervo do autor.

Em 1998, sob a orientação de Ester Buffa, pude defender meu doutoramento na PUC-SP, o que foi exitoso, com incentivo dos integrantes da banca de defesa para que eu buscasse dar visibilidade aos achados da pesquisa realizada. Desse modo, em 1999, durante a 22ª Reunião Anual da Anped, em Caxambu (MG), tive a sorte de ter um trabalho aceito para apresentação oral no âmbito do GT 02-HE, nomeadamente “Dos antigos manuais escolares aos modernos livros didáticos de História no Brasil: dos anos sessenta aos dias atuais”. Lembro que a sala destinada à apresentação tinha bom tamanho e estava cheia. Muitos dos colegas da área de História da Educação estavam presentes, e, felizmente, acredito que obtive êxito na apresentação, pois houve perguntas, às quais acredito ter respondido adequadamente.

É também interessante observar que a criação da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) deu-se durante essa reunião da ANPed de 1999, sendo que tive a oportunidade de ser um dentre os sócios-fundadores, juntamente com colegas muito estimados da área de História da Educação que estavam presentes na ocasião.

No ano de 2000, participei da 23ª Reunião Anual da ANPed, também em Caxambu (MG), na qual fui coautor do trabalho intitulado “As Políticas Públicas de Educação e as Instituições de Educação Superior do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba”, fruto

Parece importante mencionar que, ao lado das reuniões nacionais da ANPEd, foram surgindo reuniões regionais. A título de exemplo, nesse mesmo ano de 2008, tive a oportunidade de ser co-autor de um trabalho apresentado que se intitulava “Escolarização em regiões de colonização recente: escola improvisada em Tangará da Serra, Mato Grosso (1962-1967)”, cujo autor principal foi Carlos Edinei Oliveira, o que ocorreu no âmbito do 9º Encontro de Pesquisa em Educação da Anped Centro-Oeste, em Brasília (DF), em uma promoção conjunta da Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade Católica de Brasília (UCB). Sobre tais encontros regionais, convém mencionar, ao menos no que se refere à região Centro-Oeste, que o eixo temático de História da Educação sempre esteve presente, isoladamente ou de modo conjugado.

Em 2010, estive presente na 33ª Reunião Anual da ANPEd, em Caxambu (MG), quando tive a oportunidade de integrar a comissão de estudos sobre fomento para a pesquisa em Educação. Ainda em 2010, durante o 10º Encontro de Pesquisa em Educação da Anped Centro-Oeste, em Uberlândia (MG), tive a oportunidade de ser co-autor do trabalho intitulado “Estado atual da disciplina História da Educação nos cursos de Pedagogia brasileiros”, cujo autor principal foi Bruno Gonçalves Borges.

Em 2011, dado o retorno do caráter itinerante das reuniões anuais, a 34ª Reunião Anual da ANPEd teve lugar em Natal (RN), da qual, infelizmente, não pude participar, mas durante a qual houve a criação do Fórum de Editores de Periódicos da Área de Educação (Fepae), sendo Sérgio Cirino (UFMG) e Catarina de Almeida Santos (UnB), respectivamente, seu primeiro coordenador e sua primeira vice-coordenadora.

Dado que, desde 2002, eu exercia a presidência da comissão editorial do periódico *Cadernos de História da Educação*, a criação do Fepae e, depois, das suas coordenações regionais, deu existência a lugares para efetivação de interlocuções importantes com os demais editores de periódicos científicos da área de Educação, particularmente da área de História da Educação.

Entre 2010 e 2014, estive a desenvolver o projeto de investigação “Intelectuais, instituições e circulação internacional de ideias no processo de constituição da disciplina História da Educação no Brasil (1840-2000)”, que contava com o apoio do CNPq e da Fapemig

e dava continuidade a investimentos anteriores nessa direção de pesquisa, com a qual estou envolvido até o presente momento.

Creio que, a partir dessa experiência de investigação e das publicações decorrentes, fui convidado por Marcus Levy Bencosta, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e Ester Fraga Carvalho do Nascimento, do Centro Universitário Tiradentes (UNIT), respectivamente, coordenador e vice-coordenadora do GT 02-HE, para compor, na qualidade de palestrante, uma mesa-redonda que ocorreu em 2013, durante a 36ª Reunião Nacional da ANPEd, em Goiânia (GO).

A mesa-redonda foi nomeada “A disciplina História da Educação em debate”, com os seguintes palestrantes: Silvia Finocchio, da Universidad de Buenos Aires (UBA); Décio Gatti Jr, da UFU; e Marisa Bittar, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). De minha parte, preparei uma apresentação intitulada “A disciplina História da Educação em debate: a riqueza do diálogo na busca da compreensão do mundo histórico”, na qual procedi um histórico e o exame da configuração atual da disciplina no Brasil, bem como apontei perspectivas e, sobretudo, desafios para a disciplina, notadamente, no âmbito da formação de professores. Novamente, creio que a repercussão foi boa, com perguntas feitas pelo público presente, às quais creio ter respondido adequadamente.

Outro fato que acredito ser importante mencionar refere-se a minha participação, em 2016, na 13ª Reunião Regional da ANPEd Centro-Oeste, em Brasília (DF), pois nela houve uma reunião da coordenação da região Centro-Oeste do Fepae, na qual fui escolhido pelos editores de periódicos da área de Educação ali presentes para coordenar o referido fórum na companhia da vice-coordenadora Elianda Figueiredo Arantes Tiballi, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

Desde então, minhas participações na ANPEd sempre estiveram relacionadas com as reuniões nacionais e regionais e, simultaneamente, com as reuniões do Fepae, que antecedem o início das reuniões propriamente e, por vezes, comportam atividades conjuntas que se inserem na programação geral. Em 2019, antes da 39ª Reunião Nacional ANPEd, em Niterói (RJ), participei da reunião do Fepae. Quanto à coordenação da região Centro-Oeste do Fepae, ela estendeu-se até 2021, e, desde 2022, exerço a vice-coordenação, na companhia de Filomena Maria de Arruda Monteiro,

da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), que exerce a coordenação.

Em 2023, estive presente na 41ª Reunião Nacional da ANPED, em Manaus (AM), na qual, além de participar da reunião do Fepae que a precedeu, pude acompanhar a programação da reunião, notadamente, naquilo que foi proposto conjuntamente entre a ANPED e o Fepae, com destaque para o diálogo estabelecido com a representação da área de Educação da Capes. Felizmente, também houve oportunidade de estar com os colegas que atualmente integram a coordenação e vice-coordenação do GT02-HE, respectivamente, Alessandra Cristina Furtado, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), e José Edimar de Souza, da Universidade de Caxias de Sul (UCS).

Nessa ocasião, tive a sorte de receber o convite de Elizeu Clementino de Souza, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que exerce o cargo de editor-chefe da *Revista Brasileira de Educação* (RBE), vinculada à ANPED, para integrar a comissão editorial do periódico. Creio que se tratava de uma proposta irrecusável, dado, sobretudo, o reconhecimento da importância da área de História da Educação no âmbito da RBE, mas, também, pela importância da experiência, notadamente, por se tratar de um periódico estruturado, que se encontra presente em indexadores importantes, tais como, por exemplo, Scopus, SciELO, Redalyc, Latindex e Educ@.

Sem dúvida, a participação no GT 02-HE da ANPED foi extremamente profícua, ao menos em minha experiência, o que, acredito, deve ter se repetido para inúmeros pesquisadores brasileiros e mesmo estrangeiros da área de História da Educação. É realmente notável como o GT 02-HE da ANPED conseguiu incentivar e potencializar a emergência de uma comunidade de investigação na área de História da Educação no Brasil e no exterior, por meio do favorecimento do contato entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros, da criação do Colubhe, do incentivo ao surgimento da SBHE, do estabelecimento de uma rede de comunicação entre os pesquisadores da área de História da Educação e da permanência como espaço privilegiado de divulgação científica. De fato, é muito gratificante poder integrar esta comunidade científica, na qual uma saudável convivência acadêmica sempre esteve presente! Parabéns!

*Décio Gatti Júnior*²⁷

²⁷ Doutor em Educação – História e Filosofia da Educação pela PUC-SP, com estágio de pós-doutorado concluído na FEUSP. Professor titular de História da Educação na UFU. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Beneficiário do Edital Universal da Fapemig. E-mail: degatti@ufu.br

Caros colegas do GT 02 - História da Educação

Mesmo mergulhada no mundo da tecnologia e do digital, ainda aprecio escrever e receber cartas. Este é um hábito cada vez mais raro, reconheço, pois perdemos o exercício de escrevê-las, especialmente manuscritas. Esse hábito me levou, inclusive, a escrever sobre elas que venciam distâncias e ataçavam nossos sentidos, mas essa é outra história. Agora, neste maio de luz outonal e céu azul deslumbrante aqui na Ilha Capital, retomo tal hábito movida pelo convite do GT 02 – História da Educação da ANPEd que está a comemorar 40 anos de existência e pede uma carta para contar vivências nele. Não será escrita à mão, será publicada em forma de *e-book*, mas sempre vale a pena narrar experiências.

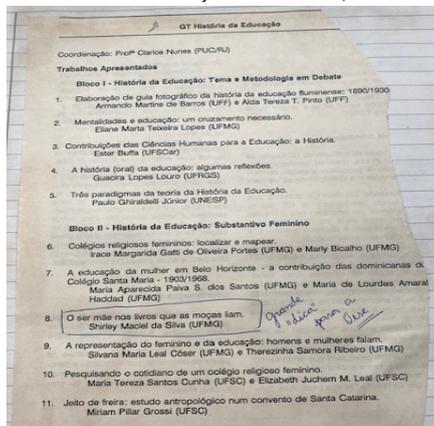
Resolvi (re)memorar sobre algumas passagens de meu envolvimento no GT 02, consciente de que acionar a memória envolve riscos. Cada um de nós elabora, no presente, os acontecimentos passados, uma elaboração que comporta lembranças, esquecimentos e até ajustes ficcionais, uma “dose de invenção”, ora pois. É importante frisar que é neste presente, em maio de 2025, que revolvo a memória para narrar uma história, ou seja, a minha relação, no presente, com aqueles passados, desde 1990. Essa tarefa foi facilitada por eu manter o costume de guardar e registrar, até os dias atuais, em letra manuscrita e em grandes cadernos, os eventos de que participei, as falas que me emocionaram, as referências que podem me ensinar a ser uma educadora melhor.

Recorri aos meus guardados e percebi que desde 1990 registro minhas idas à ANPEd e minha participação exclusiva no GT 02 – História da Educação. Pelos critérios já estabelecidos, selecionei apenas duas imagens, no rol de tantas outras que mantenho. Ah, contarei tudo isso usando a descrição, que é um procedimento que amplia as possibilidades de interpretação, porque permite modificar o que se pode inquirir sobre as (in)fideliades da memória.

Em outubro de 1990 participei, pela primeira vez, em Belo Horizonte, da 13ª Reunião da ANPEd, que ocorreu na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Eu era professora do Centro de Ciências de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e ministrava a disciplina Didática e Prática de Ensino de História, oferecida aos licenciandos do curso de História da UFSC, e me preparava para fazer a seleção ao Doutorado em História e Filosofia na Faculdade de Educação da USP. O tema central daquela reunião era “Neoliberalismo e educação, ciência e tecnologia”. Olhando, hoje, é possível perceber que tais preocupações já rondavam nosso horizonte há 35 anos...

Nesse evento, em 1990, apresentei com uma colega da área de sociologia da UFSC, Elisabeth Juchen Machado Leal, o resultado de uma pesquisa sobre a educação em um colégio religioso feminino em Florianópolis. Era um projeto financiado pelo INEP e pela UFSC. A coordenação do GT 02 era exercida pela professora Clarice Nunes (UFF/RJ), e nele pontificavam nomes importantes na nossa área, como as professoras Marta Chagas de Carvalho (USP), Guacira Lopes Louro (UFRGS), Eliane Marta Teixeira Lopes (UFMG), Ester Buffa (UFSCar/SP), entre outros. Dele, trouxe várias “dicas” para minha futura tese, que apenas se esboçava, e, claro, guardei a página em que aparece menção a nossa apresentação, como lhes mostro abaixo:

Figura 1 - Apresentação de trabalho no GT 02 - História da Educação em 1990, na UFMG.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Em 1991, já aluna do Doutorado na Universidade de São Paulo, apenas assisti à 14ª Reunião da ANPEd, realizada na própria USP com o tema “Política Nacional da Educação”. Nesse evento, ouvi palestras sobre a educação superior, discutida no contexto pós-Constituinte de 1988.

De 1992 a 2010, ou seja, da 15ª Reunião Anual da ANPEd até a 33ª Reunião Anual, o evento foi realizado na cidade de Caxambu, em Minas Gerais. Caxambu é uma cidade, ao sul de Minas, que concentra um complexo hidromineral repleto de fontes com propriedades medicinais e que abrigou vários congressos, além da ANPEd. O meu acesso era feito de Florianópolis até São Paulo, de avião, ao Aeroporto de Guarulhos, onde havia ônibus previamente contratados que levavam os participantes até Caxambu, em um trajeto de estrada sinuosa, cerca de 300 quilômetros, até cinco horas de viagem. Muitas pessoas ficavam tontas pelo trajeto, mas as viagens eram até divertidas, pois havia uma camaradagem legal entre os participantes de todos os lugares do Brasil. Eram professores, professoras, alunos e alunas de pós-graduação que iam apresentar seus trabalhos e intercambiavam ideias e sonhos dos mais variados, pessoais e acadêmicos.

Em 1998, aposentei-me na UFSC e fiz concurso para o Departamento de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Programas de Pós-Graduação em História e em Educação, e continuei a participar do GT 02, participação exercida até hoje, quando lhes escrevo. Na UDESC, ministrei cursos de História da Educação na graduação e pós-graduação, estabeleci outras parcerias e, como já tinha mais conhecimento do mundo acadêmico, pude fazer mediações produtivas entre colegas mais novos na área, com nomes reconhecidos.

Particpei de quase todas essas reuniões, sempre no GT 02 – História da Educação (hoje fico pasma pela minha disposição!), realizadas em Caxambu, onde conheci, convivi e aprendi com muitos colegas que participavam do GT e da própria reunião geral. Fiz amizades que perduram até hoje e, para evitar esquecer nomes importantes, não vou nomeá-los todos aqui. Muitas dessas amizades resultaram em parcerias para livros, artigos, participações em bancas, organização de eventos, convites para palestras, conferências, prefácios, etc., que podem ser vistas no meu currículo.

Minha hospedagem em Caxambu foi, até 2003, no Hotel Glória, majestoso edifício construído na época áurea das estâncias hidrominerais e cassinos, no início do século XX, que fica em frente ao Parque das Águas, com inúmeras fontes, onde era possível tomar banhos termais depois das apresentações. A partir de 2005, passei a me hospedar no Hotel União, situado na mesma rua do Hotel Glória bem ao final, na maioria das vezes em companhia de Maria Helena Camara Bastos, com quem mantenho, até hoje, uma rica amizade. Em Caxambu, o sistema de hospedagem era de pensão completa, tínhamos café da manhã, almoço e jantar. As refeições eram uma orgia de saberes gastronômicos, além do convívio e da sociabilidade sempre exercida entre colegas.

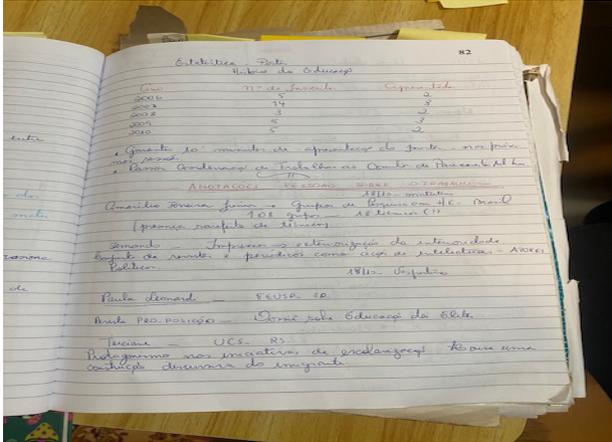
Minha primeira apresentação individual no GT 02 foi em setembro de 1997, na 20ª Reunião Anual, que tinha o tema “Poder, Política e Educação”, sob coordenação da professora Guacira Lopes Louro (UFRGS). Apresentei partes da minha tese de doutorado, defendida em 29 de junho de 1995, que tratava da educação feminina através da leitura de romances. Apreendi muito com as sugestões dadas pelos colegas do GT, e isso reforçou minha opção pela História da Educação.

Durante o período de 1990 até este ano em que lhes escrevo, tive várias atividades no GT 02. Fui membro do comitê científico, apresentei pôsteres e trabalhos de minha pesquisa sobre arquivos pessoais, participei de sessões coordenadas sobre a produção acadêmica de História da Educação no sul do país, junto com Marcus Levy Bencostta (UFPR) e Maria Helena Camara Bastos (PUCRS), além de ministrar um minicurso sobre História da Educação e História do Tempo Presente em parceria com Cristiani Bereta da Silva, colega do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da UDESC. Na 33ª Reunião Anual de 2010, a última realizada em Caxambu, o tema geral era “Educação, Cultura, Pesquisa: diversidade, desigualdades e diferenças”. Tarcísio Mauro Vago (UFMG) e eu estávamos na coordenação do GT 02. Fizemos uma proveitosa parceria, compartilhando decisões e coordenando as reuniões de 2010 e, depois, 2011, na 34ª Reunião Anual, já na cidade de Natal (RN).

Para exemplificar meu hábito de registro dos eventos em cadernos, coloco o que, de forma aligeirada, chamei de anotações pessoais sobre alguns dos trabalhos apresentados na 33ª Reunião Anual, de 2010, no período matutino. A seguir, a primeira folha

com registros sumários das apresentações dos colegas professores e professoras: Amarílio Ferreira Júnior, (UFSCar/SP); Fernando César Ferreira Gouvêa (UFRRJ/RJ); Paula Leonardi (FEUSP/SP) e Terciane Angela Luchese (UCS/RS).

Figura 2: Folha de caderno com anotações pessoais - 18/10/2010



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Nesse evento de 2010, foi memorável o minicurso oferecido pelas professoras Lia Ciomar Macedo de Faria e Maria Celi Chaves Vasconcelos, ambas da UERJ/RJ, sob o título “Genealogias dos sistemas públicos de ensino: história e legislação”, que recebeu muitas inscrições e mereceu registro e elogios no relatório final do GT 02, enviado à ANPED.

A partir desse ano de 2011, as reuniões deixaram Caxambu (MG), tornaram-se itinerantes e passaram a ocorrer a cargo das universidades brasileiras, que apresentavam suas propostas. Dessa forma, em 2011, a 34ª Reunião Anual da ANPED foi na cidade de Natal, com a tema “Educação e Justiça Social” a cargo da UFRN, realizada no Centro de Convenções. O GT 02, ainda sob nossa coordenação, convidou para o trabalho encomendado o professor Dr. Francisco Régis Lopes Ramos (UFC/CE) para falar de museus e acervos escolares. Foi uma forma de alavancar as questões patrimoniais, haja vista os vários estudos sobre cultura material escolar feitos pelo grupo de pesquisa nacional, coordenado pela professora Rosa Fátima de Souza Chaloba (UNESP/SP). Essa temática já ocupava

os horizontes dos membros do GT 02, a ponto de merecer indicação de fazer constar nos relatórios gerais a necessidade de uma política de preservação das fontes e da cultura material escolar.

O exercício de (re)memorar para lhes escrever esta carta carrega o caráter seletivo da memória, e o recurso de colocar em cena documentos ordinários (como minhas anotações pessoais) evidencia essa dimensão subjetiva. São testemunhos, portanto, sujeitos à crítica, mas, mesmo assim, optei por me expor. Certamente isso exigiu uma dose de coragem, já que restos de passados aqui expostos são, para mim, relíquias de um tempo e de um lugar, pois, afinal, é difícil deixar para trás os vestígios de nossa vida pregressa.

Um abraço ilhéu, da

*Maria Teresa Santos Cunha*²⁸.

²⁸ Maria Teresa Santos Cunha, doutora em Educação/USP. Professora aposentada da UFSC e professora titular da UDESC/SC. Pesquisadora do CNPq 1-D. E-mail: mariatsc@gmail.com

Relato de uma experiência de coordenação frente ao GT 02 – História da Educação da ANPEd

Ilustres integrantes da Associação Nacional de Pesquisa em Educação e Pós-graduação (ANPEd), especialmente aqueles que fazem parte do Grupo de Trabalho de História da Educação (GT 02). Dirigimo-nos a vocês para escrever sobre uma breve experiência de coordenação à frente desse Grupo de Trabalho.

O GT 02, como costumam chamar aqueles que têm acompanhado sua história, é um “espaço” exigente, certamente como a maioria dos GTs da ANPEd, não somente por ser um lugar de trocas e reflexões sobre pesquisa no campo da História da Educação no Brasil, particularmente, mas sobretudo devido à sua tradição de rigorosidade ao tratar de assuntos pertinentes ao campo. Por isso escrever sobre ele, ainda que de modo breve, se torna também uma grande responsabilidade.

Esta escrita inspirada em Michel de Certeau trata de uma prática, portanto de um exercício vivido, para ser conscientemente redundante ao retomar a possibilidade de reviver um passado não muito distante, por meio de um relato, para não fugir à natureza da composição historiográfica, sobre uma experiência de coordenação, portanto, de um tipo de gestão desenvolvida no interior desse grupo de trabalho. A Associação Nacional de Pesquisa em Pós-graduação em Educação (ANPEd) é composta por Grupos de Trabalho (GTs) e Grupos de Estudo (GEs), entendidos como instâncias de aglutinação e de socialização do conhecimento produzido pelos pesquisadores da área de educação associados a ela associados.

Isso posto, e dado os limites de orientações técnicas para esta composição, esta carta-relato consta de duas partes de um movimento interrelacionado. O primeiro se refere ao processo de inserção na coordenação do GT 02, para o exercício de gestão entre os anos 2021/2023. O segundo trata especificamente do processo

de coordenação desenvolvido nesse período. Antes disso, é preciso referir que a exigência desta escrita requer que ela seja feita, como costumamos dizer, a “quatro mãos”, justamente pelo fato de que esse processo foi sobretudo de cogestão, no exercício do qual as decisões foram compartilhadas. Não poderia ser diferente, já que a ANPEd, como entidade de pesquisadores, assim o requer como um coletivo.

O ingresso na coordenação do GT 02 no ano de 2021 ocorreu por ocasião da realização da 40ª reunião anual de modo virtual, no bojo da Covid-19, que teve início em 11 de março de 2020, quando foi declarada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Como coordenadora do GT 02, a professora Rosa Lydia Teixeira Corrêa, de certo modo, foi favorecida pela experiência de ter sido membro suplente e depois titular do comitê científico desse GT, o que a permitiu saber sobre as relações travadas no interior desse comitê e aquelas provenientes das participações como associada da ANPEd nas históricas reuniões, inicialmente anuais e depois bianuais, dessa associação.

Na proposta que apresentamos para candidatura à coordenação do GT 02 no ano de 2021, referimos articulação com as lutas em prol da diversidade, do combate ao racismo, preconceito e intolerância em seus múltiplos aspectos. Questões postas no então cenário contemporâneo e que precisávamos combater com veemência. Em alguns pontos, indicamos compromissos, tais como: fortalecer e ampliar as relações com associações e grupos de pesquisa representativos do campo da História da Educação; fomentar a articulação do GT de História da Educação com os GTs de História da Educação das ANPEds Regionais; fortalecer as relações com grupos e linhas de pesquisa que congregassem pesquisadores de História da Educação dos diferentes Programas de Pós-Graduação, com vistas a ampliar o quadro de pesquisadores em História da Educação associados à ANPEd, para fortalecimento das discussões realizadas no âmbito do GT de História da Educação; criar estratégias de articulação do campo da História da Educação com a Educação Básica; encaminhamentos que se fizessem urgentes frente às demandas de avaliação da pós-graduação; participação e proposição de ações que resultassem em decisões, no que se referisse à realização de eventos regionais, nacionais e internacionais da área; e estreitar

diálogos com outros GTs no âmbito da ANPEd, bem como promover parcerias entre o GT de História da Educação com a SBHE, com o Portal do Bicentenário em razão do Bicentenário da Independência do Brasil; promover e articular ações junto aos pesquisadores do campo da História da Educação, sobre a disciplina, de modo especial, no curso de Pedagogia.

Esses compromissos se alinharam às ações desenvolvidas ao longo daqueles dois anos em maior e menor grau. Somente o relacionado à disciplina de História da Educação no âmbito dos cursos de Pedagogia não foi levada a cabo.

A experiência de coordenação desenvolvida no GT 02, de modo geral, se deu na tradição daquilo que é próprio da rotina desse Grupo de Trabalho composta de duas frentes, uma de demandas cotidianas referentes ao envio de informações de interesse dos associados caracterizadas por conteúdos distintos envolvendo divulgação de eventos da área, de seminários de grupos de pesquisa, de lançamentos de livros, por exemplo.

A outra frente esteve relacionada à participação na organização da 41ª reunião anual da ANPEd levada a cabo na cidade de Manaus, cuja temática versou sobre “Educação e equidade: bases para Amar-zonizar e reconstruir o país”, realizada conjuntamente com a UFAM e a UEA no período de 02 a 11 de outubro (pré-evento on-line) e 22 a 27 de outubro de 2023, em Manaus (AM) (presencial). O evento foi precedido de reuniões preparatórias com ampla participação dos grupos de trabalho que compõem a associação.

Em correspondência aos compromissos assumidos por ocasião da candidatura, a convite do GT 02 foi desenvolvida parceria com os grupos de trabalho (História da Educação, Sociologia da Educação, Educação e Relações Étnico Raciais, Gênero, Sexualidade e Educação), de cuja distribuição resultou atender o critério de diversidade regional envolvendo duas composições da Região Norte e uma da Região Centro-Oeste para a realização da sessão intitulada “Pensando o tempo presente: corpos e políticas para experiências efetivas de equidade”, cujo propósito foi promover discussões que abordassem contemporaneamente os diferentes sujeitos/corpos ante os desafios de pensá-los em suas diversidades étnico-raciais e de gênero em face a urgente necessidade de delineamento de um novo modelo democrático, cujas bases teóricas avançassem na perspectiva de inseri-los efetivamente de modo equânime na socie-

dade brasileira. Participaram dessa sessão os pesquisadores Wilma Baia (UFPA), Dayana Brunetto Carlin dos Santos (UNB), Adalberto Carvalho Ribeiro (UNIFAP), sob a coordenação do GT 02.

Na linha das parcerias, o GT 02 também participou juntamente com o GT 18 de Educação de Jovens e Adultos, da sessão sobre as comemorações dos 60 anos das 40 horas de Angicos, em que a atualidade dessa experiência foi debatida. Participaram como convidados os pesquisadores, Sergio Haddad (Ação Educativa), José Pereira Peixoto Filho (UEMG) e Maurilane de Souza Bicas (USP), sob a coordenação do GT 18.

Mas o cerne das ações do GT 02 se desenvolveu no interior da 41ª ANPEd, em torno da sua programação, que iniciou com a apresentação do trabalho encomendado e apresentado pelos professores Luciano Mendes de Faria Filho (UFMG) e Natália de Lacerda Gil (UFRGS), sob o título “Qualidade, igualdade e equidade: questões para a História da Educação”, na manhã do dia 23 de outubro de 2023, em consonância com a temática geral do evento. Produção historiográfica que tratou, obviamente, do assunto sob a ótica da História da Educação.

Importa dizer que os trabalhos de pesquisa apresentados e debatidos durante aquela reunião anual ocorreram de modo remoto e presencial. Do modo remoto, como parte das atividades que antecederam a reunião propriamente dita, foram promovidos dois minicursos, um que versou sobre “A Preservação digital de acervos a partir da experiência do Repositório Digital Tatu, ministrado pelos professores Alessandro Carvalho Bica (UNIPAMPA) e Simôni Costa Monteiro Gervasio (UFPel), e outro intitulado “Theodor Adorno: o adoecimento da educação emancipatória na sociedade contemporânea”, por Junior César Ferreira de Castro (PUC Goiás) e Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida (PUC Goiás).

Ainda sob o formato remoto, foram apresentadas vinte pesquisas que se encontravam em andamento, sendo dez trabalhos na primeira sessão no dia 03 de outubro de 2023, das 18 às 21 horas, e dez trabalhos no dia 05 de outubro de 2023. No modo presencial, dezenove pesquisas concluídas também foram levadas à exposição por pesquisadores no GT durante a realização da 41ª ANPEd.

Além disso, a coordenação do GT 02 esteve à frente de atividades nas quais representou a ANPEd, indicamos algumas: seleção e escolha de obras recentes na área de História da Educação, para a elaboração e publicação de resenhas educativas, participação na abertura do “Encontro Sergipano de História da Educação”; participação na sessão de abertura do

VI Encontro de História da Educação do Centro Oeste, participação na Organização das Atividades do GT 02 de História da Educação da ANPEd Centro Oeste; e participação em mesa de avaliação das atividades do GT de História da Educação da ANPEd Sul.

Palestra foi proferida em mesa redonda intitulada “Balanços das Pesquisas em História da Educação no Centro-Oeste” e em mediação de debate também em Mesa-Redonda sob o título “Educação nas narrativas do Bicentenário da Independência”, como parte da programação do Bicentenário da Independência.

Por fim, convém assinalar que esta é uma escrita lacunar não somente devido à sua brevidade pelo que foi possível dizer sobre uma experiência, mas sobretudo pelo que deixou de ser dito em face dos lapsos de memória.

Fraternalmente,

*Rosa Lydía Teixeira Corrêa²⁹
Alessandra Cristina Furtado³⁰*

²⁹ Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo, com Pós-Doutorado em História da Educação pela Universidade de Salamanca/Espanha. Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado e Doutorado, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: rosa_lydia@uol.com.br

³⁰ Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Professora associada III da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados. Atua na Graduação e na Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado). E-mail: alessandrafurtado@ufgd.edu.br

Aos amigos do GT 02 – História da Educação,

Como não me emocionar ao lembrar do grande amigo Armando Martins de Barros, que me convenceu, no ano de 1987, a inscrever trabalho para ser apresentado no ano seguinte, em Porto Alegre, na 11ª Reunião Anual da ANPEd, no Grupo de Trabalho História da Educação? Éramos mestrandos no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, provenientes de cursos de Graduação em História, elaborando nossas dissertações em torno de objetos históricos do campo educacional. Eu não imaginava, até o momento em que me vi no evento, a dimensão daquela oportunidade, que teria forte impacto na minha formação. Foi minha primeira viagem a Porto Alegre, onde conheci a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e quase mais nada, porque não saí do GT e das atividades da ANPEd.

Foram somente seis trabalhos apresentados no GT, sendo um do Armando e outro meu. Ali conheci Clarice Nunes – que coordenava o GT –, Lúcio Kreutz, Marta Carvalho e Norma Correa, que apresentaram os outros trabalhos de pesquisa. Tive a oportunidade de receber contribuições fundamentais ao encaminhamento do meu projeto. Marcou-me, em particular, a observação arguta do professor Peri Mesquida, que fez sugestões preciosas ao comentar minha apresentação. A palestrante convidada do GT era Maria Alice Rezende de Carvalho, professora da PUC-Rio e do IUPERJ. Sua presença expressava a busca de aproximação com relação ao campo das Ciências Humanas, por parte de pesquisadores que perseguiram a elaboração de uma História da Educação que superasse a tradição discursiva oriunda dos cursos de formação e avançasse em direção aos padrões de pesquisa científica.

No ano seguinte, estava eu presente à 12ª Reunião Anual, realizada em São Paulo, na Faculdade de Educação da USP. Ainda não havia defendido minha dissertação, mas já assumira outro compromisso com o GT, a convite da professora Clarice Nunes, que ainda atuava como coordenadora. Naquela reunião, ela apresentou o *Guia*

preliminar de fontes para a História da Educação, fruto de seu trabalho voltado para a consolidação da área de pesquisas. Apresentei o esboço do projeto de levantamento bibliográfico básico, que daria continuidade ao esforço de constituir um conjunto norteador da busca de dados de pesquisa. Os pesquisadores reunidos no GT naquele ano debateram intensamente o tema das Diretrizes e Bases da Educação, que concentrava as atenções, a partir do Projeto de Lei apresentado pelo deputado federal Octávio Elísio Alves de Britto. O projeto foi analisado em texto apresentado no GT, pelo professor Peri Mesquida, no primeiro dia de trabalho. Meu encantamento com a sua competência intelectual cresceu ainda mais. Aprendi muito naquele encontro tão intenso de discussões! Guardo com carinho a publicação *Cadernos ANPEd – Nova Fase*, número 2, que trouxe a temática “Diretrizes e Bases da educação Nacional: o nacional e o regional na história da educação brasileira”.

Naquele mundo completamente analógico – quando olhado a partir do hoje –, em que eu escrevia minha dissertação à mão e mandava para um profissional de datilografia, a busca de fontes bibliográficas foi uma verdadeira empreitada de deslocamentos em busca de acervos. Foi tudo levantado em bibliotecas, totalizando 19 delas, a maior parte localizada na cidade do Rio de Janeiro, algumas em Niterói e três em Campos dos Goytacazes. Cheguei a dar notícia da pesquisa na 13ª Reunião Anual da ANPEd, realizada em Belo Horizonte, no ano de 1990. Mas o relatório final foi apresentado em 1992, em Caxambu, um ano após meu ingresso como docente na Universidade Federal Fluminense, o que foi decisivo para a conclusão. Até ali, trabalhava em quatro instituições, três de Educação Básica e uma de Educação Superior, para garantir a sobrevivência em um Brasil que vivia as consequências do endividamento promovido pela ditadura.

Na 15ª Reunião da ANPEd, o resultado foi apresentado em uma sessão intitulada “A questão das fontes em História da Educação”, de que também participaram Stela Borges de Almeida, da UFBa, e Denice Catani e Cynthia Pereira de Souza Vilhena, as duas da USP. Também conservo as duas publicações desta e da reunião anterior, realizada na USP, da qual participei somente assistindo e aprendendo muito. Somente em 2001 o resultado do trabalho transformou-se em livro, editado pela EdUFF, com o título *Acervos bibliográficos para a história da educação*.

O GT 02 foi, para mim e para grande parte da comunidade historiadora brasileira, um valoroso espaço de formação, que se estendeu à organização dos Congressos Luso-Brasileiros de História da Educação. Quando da realização do I Congresso, em Lisboa, no início do ano de 1996, eu estava residindo em Paris, desde agosto de 1995, com bolsa de Doutorado Sanduíche concedida pela CAPES. Apresentei um trabalho sobre as escolas de primeiras letras no Império do Brasil, temática que dialogava com a minha dissertação, baseada em materiais levantados nos anos anteriores. Foi uma oportunidade maravilhosa de conhecer os colegas portugueses, ampliar o universo de buscas e leituras no universo da pesquisa histórica em educação. Além disso, como estava com meu marido e meus dois filhos naquela experiência riquíssima de estudar no exterior, levei a família comigo, em um projeto de percorrer um pouco da terra de nossos ancestrais. Transformou-se em uma oportunidade grandiosa para a família, registrada em vídeos deliciosos pela nossa filmadora.

A frequência nas reuniões anuais, sempre no nosso GT 02 – História da Educação, transformou-se em rotina anual, associada à cidade de Caxambu, que marcou nossas memórias anpedianas por vários anos. Pude contribuir com avaliação de trabalhos, minicursos, apresentação de trabalhos e, sobretudo, com a presença assídua, sem arredar pé do GT durante os eventos inteiros. Muita alegria nessas ocasiões, em uma convivência extremamente fraterna, marcada por trocas intelectuais e solidariedade acadêmica.

Por extensão, os círculos de amizade estenderam-se aos congressos, tanto os luso-brasileiros, como os ibero-americanos e os brasileiros, após a fundação da Sociedade Brasileira de História da Educação. Momentos marcantes, que associaram esses lugares à minha memória, ocorreram no período 2007-2009, quando presidi a Sociedade Brasileira de História da Educação. Embora a organização dos luso-brasileiros permanecesse sob a responsabilidade do nosso GT, a SBHE não poderia deixar de contribuir, e sempre contribuiu muito.

Em 2008, o VII Congresso Luso-Brasileiro, realizado na cidade do Porto, deixou uma marca particular de regozijo. Além de estar presidindo a Sociedade, fui convidada para integrar uma mesa com a temática “Educação e Cidadania”. Elaborei um texto a partir das pesquisas que vinha encaminhando no acervo pessoal do educador

militar do século XIX, Benjamin Constant Botelho de Magalhães, dialogando com outros educadores. Como sou míope, retirei os óculos para ler o texto. Na fila do almoço, já de óculos, a moça que estava atrás de mim puxou conversa, dizendo: “Que fala ótima daquela professora morena trazendo os educadores para falar de cidadania, não achou?”. Acho que fiz uma expressão de constrangida, diante da surpresa. No mesmo momento, ela se deu conta e falou: “Era você!”. Rimos as duas e nosso almoço transformou-se em um encontro de afinidades. O final do congresso, no dia da festa de São João, deixou imagens gravadas no fundo dos sentimentos mais profundos de quem se vê em um lugar e um momento privilegiados, assistindo àqueles fogos sobre o rio Douro.

Anos depois, eu estaria de volta ao Porto, em outro Congresso Luso-Brasileiro, assumindo como coordenadora do GT História da Educação, no ano de 2016. Apresentei um trabalho sobre a biblioteca de um intelectual militar, Henrique de Amorim Bezerra, seguindo na linha que venho trilhando desde a tese de doutorado. Uma lembrança deliciosa marcou minha última oportunidade de convivência com uma pessoa muito querida por toda a nossa coletividade: Ana Waleska Pollo Campos Mendonça. Ficamos no mesmo hotel, sem que tivéssemos combinado. Isso permitiu uma convivência cotidiana, desde o café da manhã, nos deslocamentos e na programação fora dos horários do evento. Eu estava acompanhada do meu marido, e nós dois pudemos usufruir daquela companhia amorosa e tão conhecedora da região. Um passeio nos marcou especialmente. Ela sugeriu irmos a Matosinhos, que não conhecíamos. Passamos um dia delicioso naquele lugar tão interessante com a amiga que deixou tantas saudades!

O final do congresso foi marcado por uma passagem que muitos, no meu lugar, silenciariam. Mas, depois de uma trajetória em que, aos vinte anos de idade, já estava engajada em uma organização de resistência à ditadura, no movimento estudantil e, simultaneamente, na primeira greve de professores públicos no estado do Rio, não me permito silenciar. Mas quero deixar bem claro que não há qualquer ressentimento! Continuo nutrindo um carinho enorme pelos colegas portugueses e brasileiros envolvidos na situação. Compreendo profundamente que nos deparamos com raízes profundas de décadas de regime autoritário liderado por Salazar e que isso deixa heranças sociais das quais nem sempre se tem a dimensão.

O que se passou? Estávamos em um teatro da cidade do Porto, assistindo às mesas do último dia e preparando-nos para a mesa de encerramento, da qual eu participaria como coordenadora do GT 02 da ANPEd. Fui procurada por Luciano Mendes de Faria Filho, que estava redigindo uma carta de posicionamento diante dos graves acontecimentos políticos no cenário brasileiro, apoiando os estudantes, professores e pesquisadores que se organizavam para resistir às investidas contrárias ao regime democrático. Trabalhavam a carta no computador do palco do teatro, para que fosse projetada e lida. Por mim, tudo certo! Em um intervalo, fui procurada por um colega brasileiro com a mensagem de que o professor coordenador local do evento tomara conhecimento e mandara proibir a leitura da carta. Meu queixo caiu! Como assim? Comuniquei ao Luciano, que, obviamente, ficou indignado.

Comecei a pensar o que fazer diante daquela situação. Seria sensato silenciar? Não para mim, que vinha afirmando em grupos de familiares e amigos que ninguém me silenciaria, porque os ditadores militares não conseguiram. Encontrei um caminho: na minha fala de encerramento, além dos agradecimentos, inseri um “pedido de desculpas” aos colegas da organização, porque a tradição brasileira era de intelectuais que se posicionam diante dos acontecimentos políticos e por isso estávamos elaborando uma carta com aquele conteúdo. Prezávamos por uma postura democrática, expressa nos posicionamentos da nossa entidade, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, na sua página eletrônica.

Estabeleceu-se, sem dúvida, um constrangimento e fui muito criticada por colegas portugueses que, meses depois, falavam mal de mim com colegas brasileiros e brasileiras. Não me doeu nada, porque é muito bom quando se tem a consciência tranquila! Também não fiquei aborrecida com nenhum deles, por quem continuo tendo um enorme carinho! Entendi perfeitamente, naquele momento, que a cultura de autoritarismo salazarista tem uma penetração que ultrapassa as possíveis conquistas. Vemos, no momento atual, Portugal de retorno ao jugo fascista, assim como a extrema direita brasileira continua viva, apesar de tantos descalabros visíveis. Fico feliz de não ter compactuado com essa postura nefasta.

De quebra, ganhei novos ângulos da festa de São João. Como não havia clima para participar do jantar de encerramento, eu e meu marido fomos curtir a festa na cidade. Diferentemente do ano de 2008, quando estava na Cidade Nova, dessa vez estava na margem antiga do Douro, nas ruas estreitas cheias de memória. Pude entender a profundidade da data de São João para os portugueses nortenhos, uma tradição com a qual tanto convivi em minha infância. Como autêntica representante da mestiçagem que marcou a classe trabalhadora do Rio de Janeiro, tenho descendência de negros e portugueses, todos muito pobres, que habitavam o bairro operário do Barreto, em Niterói, um polo de industrialização do início do século XX. As festas de São João marcaram minha infância, porque tomavam as ruas do bairro, com bandeirinhas, balões, comidas e danças de quadrilha. Naquela noite, na cidade do Porto, vi de perto a raiz daquela cultura lusitana, entendendo, inclusive, o que era a “capelinha de melão” que tanto cantei nas nossas festas.

O GT 02 – História da Educação trouxe toda essa riqueza para a minha vida, materializada em pessoas, em textos, em descobertas, em horizontes, em debates, em projetos de múltiplas dimensões. Trouxe formação e muita humanidade! Trouxe ampliação do pensamento e capacidade de diálogo, bases de uma sociedade que desejamos mais justa e democrática! Que siga cumprindo essa missão formativa para as gerações vindouras!

*Claudia Alves*³¹

³¹ Professora titular de História da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense.

Aos colegas da História da Educação,

Escrevo estas memórias em uma manhã de temperatura amena na sempre calorosa cidade de Araraquara, interior do estado de São Paulo. É sempre difícil este ato de rememorar. Ao enfrentá-lo me recordei dos ensinamentos da inesquecível Ecléa Bosi em seu magistral livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. Memória é trabalho, é reconstrução do passado com o olhar e tudo o que se é no presente.

O GT2 está comemorando 40 anos de existência. Que alegria ter feito parte desta história! Excelente iniciativa esta da Alessandra e do José Edimar de organizarem um livro de memórias sobre a trajetória do GT. Grata, amigos!

Comecei a frequentar o GT2 nos idos de 1992. Eu tinha terminado o mestrado na Unicamp e fiquei muito empolgada em apresentar os resultados da pesquisa. Fiquei super honrada e feliz de ter o meu trabalho aceito para apresentação. Naquela época, ter um trabalho aceito na ANPEd era visto como algo muito importante, uma verdadeira distinção acadêmica. Pelo menos, era isso que nós jovens estudantes da pós-graduação pensávamos. Eu era neófito no campo e não tinha a menor ideia de que estava em meio a fortes disputas em curso no debate historiográfico da educação entre a tendência hegemônica expressa na história social de cariz marxista e o vendaval de mudanças provocadas pela Nova História Cultural. O trabalho que apresentei, intitulado *Demandas populares pela escola: novas trilhas metodológicas para o estudo da educação na Primeira República*, ressaltava a importância do uso da imprensa para identificar as dificuldades e lutas cotidianas da população pela escola pública. A dissertação fora construída com aportes da história cultural de Thompson e dos estudos sobre movimentos sociais. Obviamente o trabalho foi bastante questionado, e minha entrada no campo se deu em meio às tensões duramente enfrentadas na área, das quais me apercebi por completo nos anos seguintes. Em meio à crise dos paradigmas, anos depois me encantei com o estu-

do histórico da cultura escolar e abracei as novas perspectivas da História Cultural.

Passado o susto inicial, os anos de convivência no GT2/ANPEd foram de trocas acadêmicas e muito aprendizado. Os embates teórico-metodológicos foram se aplainando pouco a pouco. Para muitos da minha geração, participar do GT era um dever de ofício. Ali encontrávamos nossos mestres e pesquisadores experientes de reconhecimento nacional como Dermeval Saviani, José Silvério Baia Horta, Marta Carvalho, Ester Buffa, Clarice Nunes, Eliane Marta Teixeira Lopes, Guacira Louro, Denise Catani, e tantos outros. Aos poucos, a nova geração foi assumindo o campo e as atividades do GT. Lembro-me bem da ação protagonista do Luciano Mendes Faria Filho, da Diana Vidal, do Wenceslau Gonçalves Neto, do José Gondra, do Carlos Eduardo Vieira.

Tenho muitas boas lembranças da ANPEd em Caxambu (MG). Foi nessa ambiência das reuniões da associação que conheci colegas que se tornaram amigos de muitas jornadas. Ressalto, especialmente, aqueles que estiveram envolvidos nas duas edições do projeto História Comparada da Escola Primária: Diomar das Graças Motta, Antônio Carlos Ferreira Pinheiro, Marta Maria Araújo, Lucia Rocha, Antônio Pádua de Carvalho Lopes, José Carlos Araújo, Sara Dick, Jorge Carvalho do Nascimento, Cesar Castro, entre outros. Saudades!

Gosto de pensar que a coordenação do GT veio desse envolvimento nas reuniões da ANPEd. Carlos Eduardo Vieira me convidou para compor com ele a chapa para concorrer a coordenação do GT no biênio 2005-2007. Foi uma grata satisfação! Foi importante conhecer a dinâmica da ANPEd de um outro lugar, isto é, o da liderança e da participação organizativa. Verdadeiramente, passados 20 anos, não me recorro de muitos detalhes daqueles anos vividos. Recorro-me, portanto, aos meus arquivos guardados no computador. Do relatório que apresentamos à diretoria referente à reunião anual da ANPEd realizada em 2007, vale destacar o grande número de participantes. O GT contou com a presença de 140 pesquisadores. Foram apresentadas 11 comunicações orais e oito pôsteres. Um sucesso! Mas o relatório evidenciou, também, os problemas de infraestrutura que vinham se avolumando e dificultando a permanência das reuniões da ANPEd em Caxambu. Naquele ano, devido ao grande número de participantes, o GT2 foi alocado no auditório

do UNICOR. Enfrentamos o desconforto das cadeiras, o local de difícil acesso, a falta do cafezinho indispensável e de água. Tivemos problemas também com a acessibilidade para os colegas portadores de necessidades especiais e vários estudantes se queixaram das condições dos alojamentos e dificuldades para encontrar reservas nos hotéis. Vivíamos o extraordinário crescimento da pós-graduação em educação, e, apesar dos esforços das autoridades locais, a permanência em Caxambu tornou-se cada vez mais contestada.

Foi ainda nessa reunião de 2007 que, juntamente com Maria Cristina Soares de Gouvêa, nos candidatamos à coordenação do GT2 para o biênio 2007-2009. Guardo comigo a proposta de trabalho que apresentamos para concorrer às eleições para a coordenação do GT. Não havia nada de absolutamente novo na proposta, mas vale assinalar o compromisso com as lutas pela educação pública e com a solidificação da área. Reiteramos na proposta princípios que considero ainda valiosos, por exemplo: garantir, nas reuniões do GT, o espaço da pluralidade teórica, metodológica e ideológica; estimular a participação dos membros do GT nas decisões que afetam diretamente o grupo; estimular a presença nas reuniões do GT, particularmente daqueles colegas e/ou grupos de pesquisa que não frequentam as reuniões do GT ou encontram-se afastados; trabalhar no sentido de evitar a concentração de poderes em torno de nomes, grupos de pesquisa e/ou programas de pós-graduação.

No início do século XXI, a ANPEd intensificou a discussão sobre inclusão, diminuição das assimetrias regionais e sensibilidade para as questões da diversidade. A internacionalização também ganhou força na associação que passou a promover e estimular a presença de pesquisadores estrangeiros. Relacionados ao campo da História da Educação, lembro-me da presença de Jacques Revel e Gary McCulloch em sessões especiais e de Silvina Gvirtz em um trabalho encomendado.

Na coordenação do GT, participamos da organização da 31ª e da 32ª Reunião Anual da ANPEd, ainda em Caxambu, e da organização inicial do VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, que foi realizado em São Luís (MA), em 2010.

Na programação da 32ª Reunião Anual da ANPEd, realizada em 2009, o GT 2 programou, juntamente com o GT 5 Estado e Política Educacional, a sessão especial intitulada “Educação, República e Cidadania: tensões e conquistas”, para a qual foram convidados

os professores doutores Carlos Roberto Jamil Cury (PUC-MG) e Marlos Bessa Mendes da Rocha (UFJF). O trabalho encomendado privilegiou a comemoração dos 250 anos da institucionalização da escola pública no Brasil considerando a implantação das Reformas Pombalinas. Por essa razão, foram convidadas Thais Nívia de Lima e Fonseca (UFMG) e Tereza Maria Rolo Fachada Levy Cardoso (CEFET-RJ), que apresentaram o trabalho intitulado *1759-2009: 250 anos de ensino público: contribuições para o estudo da educação no mundo luso-brasileiro*.

O esvaziamento dos pesquisadores seniores foi novamente problematizado na reunião de avaliação da reunião. Era nítida a transição que vivíamos. Algo que ficou bastante marcante nesses anos e se tornou uma preocupação permanente foi o esvaziamento do GT dos pesquisadores seniores que acompanhavam sistematicamente as reuniões anuais da ANPEd. O GT, paulatinamente, estava se reconfigurando e deixando de ser o núcleo duro da organização do campo. Muitos fatores contribuíram para isso, e penso que é necessário um estudo aprofundado sobre as dinâmicas de funcionamento do campo da História da Educação. Tivemos, na primeira década do século XXI, a consolidação e o fortalecimento de outras iniciativas de aglutinação dos historiadores da educação – o grupo de estudos e pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR, institucionalizado em 1991), a Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE, fundada em 1996), a Sociedade Brasileira de História da Educação (criada em 2000). Multiplicaram-se os eventos na área e ampliaram-se as exigências da avaliação da pós-graduação pela Capes, resultando na intensificação do trabalho docente. Os fóruns de debate, de produção e de difusão da pesquisa em história da educação também se diversificaram.

Outro problema candente na associação como um todo passava pelo processo de avaliação dos trabalhos da reunião anual envolvendo os pareceres dos consultores *ad hoc* e do comitê científico.

Consta no relatório que Maria Cristina Gouvêa e eu elaboramos, referente às atividades do GT2 na Reunião Anual, a proposição de um documento norteador da política de educação no Brasil, a ser apresentado aos candidatos à presidência e a governadores nas próximas eleições. Os participantes do GT reiteraram a proposta do

professor Luciano Mendes Faria Filho de encadear a discussão da ANPEd com as propostas que estavam sendo articuladas no âmbito das outras associações científicas, como a SBPC, a Academia de Ciências e a Conferência de Ciência e Tecnologia. Foi ressaltada também a necessidade de o documento da ANPEd contemplar a crítica à concepção tecnicista de avaliação implantada em todos os níveis de educação do país.

Outra proposta aventada pelos membros do GTHE para o documento da ANPEd foi a indicação de fazer constar no documento uma política de preservação das fontes e da cultura material escolar. A propósito, duas colegas do GTHE, professoras Maria Teresa Santos Cunha e Vera Gaspar, responsabilizaram-se pela redação de um documento sobre preservação do patrimônio escolar para ser incorporado a outro documento em circulação sobre conservação do patrimônio científico e tecnológico brasileiro.

Duas outras necessidades do GT foram assinaladas: estimular a inscrição de pôsteres e minicursos; e resguardar a pluralidade das tendências epistemológicas.

Durante a 32ª Reunião Anual da ANPEd, foi realizada a eleição para a nova coordenação do GT2 para o mandato 2009-2011. Foram eleitos os colegas Maria Teresa Santos Cunha e Tarcísio Mauro Vago.

Finalmente, em 2011, a ANPEd mudou de sede para a realização das reuniões da associação. A 34ª Reunião Anual foi realizada em Natal (RN). Nesse período, continuei participando do GT na condição de membro do GT no comitê científico. Foi uma experiência interessantíssima, pela possibilidade de trocas e discussões com colegas de diferentes áreas de conhecimento.

Ao completar 40 anos, o GT2 chega à plenitude de sua maturidade. Acompanhar as mudanças é inevitável. Espero que o GT continue sendo essa instância de aglutinação e socialização do conhecimento histórico sobre a educação – um espaço formativo, de debate, de troca de ideias e de convivência intelectual estimulante.

Um abraço fraterno,

Rosa Fátima de Souza-Chaloba

Posfácio

Fios do tempo, lembranças de encontros e aprendizagens na formação de pesquisadores em História da Educação

“A gente escreve sem saber muito bem porque ou para que, mas supõe-se que escrever tem a ver com as coisas nas quais a gente acredita de maneira mais profunda, tem a ver com os temas que nos desvelam” (Galeano, 2017, p. 240).

Com alegria recebi o convite feito pelos colegas Alessandra Cristina Furtado e José Edimar de Souza, respectivamente coordenadora e vice-coordenador do Grupo de Trabalho (GT) 02 – História da Educação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) para a escrita deste posfácio na bela obra que reúne cartas e faz parte das comemorações dos 40 anos ininterruptos desse GT.

Inspirada nas palavras de Galeano (2017), escrevi com o propósito de colocar em evidência o valor e a perpetuidade de uma associação como a ANPEd, com especial desdobramento em seus Grupos de Trabalho, como é o caso do GT 02, por pensá-lo como constitutivo e formativo. Num movimento de inventar-se e reinventar-se, em diálogo com pesquisadores de diferentes gerações, no centro de sua existência está o **encontro**, a **relação** e as **múltiplas aprendizagens**. É, como diz Galeano (2017), o que acredito de modo profundo, por isso escrevo.

Nos andares do tempo, os movimentos para a constituição do GT 02 – História da Educação são rememorados por Maria Helena Câmara Bastos e seguem, sob diferentes matizes e narrativas, nas escritas dos colegas que produziram suas cartas-memórias com e a partir das experiências do vivido, das lembranças e marcas que permanecem do que foi sendo gestado nos múltiplos encontros em quatro décadas de existência do GT.

Um convite para uma escrita sob forma de carta nos suscita a pensar as múltiplas formas pelas quais nos inscrevemos, individual e coletivamente, em um grupo de trabalho que de tempos em tempos se reúne, acompanha, apresenta e debate temas de

interesse partilhado. Mais do que isso, um grupo que também é ativo por meio das trocas de e-mails, do recebimento de informações por redes sociais (nas últimas décadas), e que expressa, sob diferentes formas de ação, protagonismo mediante a participação/representação em agências de fomento, junto ao governo federal e demais instâncias governamentais. É também um espaço de resistência e luta não apenas pela pesquisa científica, mas por políticas públicas promotoras de transformação social e minoração das desigualdades. Uma associação que busca a equidade e que oferece, constantemente, por meio de ações contínuas, caminhos e subsídios conceituais para políticas públicas que afirmem a educação pública de qualidade. E o faz por meio do encontro, do debate qualificado, do confronto e da relação.

O GT 02 é um espaço fecundo para nossos debates e embates, lugar de encontro, construção e fortalecimento de relações, mas vai além de ser um espaço de apresentação de resultados significativos que venham a satisfazer metas de produção científica ou de afirmação acadêmica. O momento de comemoração da efeméride dos 40 anos do GT é um ponto também de parada e reflexão. Qual o legado que herdamos dos intelectuais que se mobilizaram para a constituição desse Grupo de Trabalho? Como o significamos e reinventamos mediante a contemporaneidade que vivemos? Quais são os caminhos para fortalecer o trabalho do GT, mantendo-o pleno em significado para a formação dos novos pesquisadores, dos colegas que recém estão chegando? São diversos os questionamentos que podemos nos fazer. Para além dos eventos, da apresentação de trabalhos científicos, dos **encontros**, das **relações** e das **múltiplas aprendizagens** que constituíram e formaram tantos pesquisadores, o GT também foi lócus fundante de movimentos importantes que geraram frutos coletivos, como é o caso da emergência da Sociedade Brasileira de História da Educação, evocado na carta escrita por Diana Vidal.

Os modos como cada associado da ANPED e participante do GT 02 rememora sua presença e participação encontra – nos fios do tempo – alguns pontos de convergência. Considero, talvez pela própria evocação da experiência pessoal, alguns como presentes nas diversas cartas e que merecem destaque. (1) A importância dos eventos que possibilitam o **encontro** e a apresentação de resultados de pesquisas mediante público qualificado e interessado nos temas de História da Educação, seguido de debate como força cons-

titutiva e de formação do pesquisador. (2) O valor da interação no GT e nos momentos de intervalo, com trocas de referências, comentários construtivos e críticos, aproximações por interesses comuns, estabelecimento de parcerias e convites para projetos coletivos. São as **relações** acadêmicas e amigáveis intelectuais que emergem e nutrem a formação de pesquisadores, em diferentes gerações. (3) Ainda, no espaço do GT e de suas apresentações, a possibilidade de abertura para sensibilizar para novos temas, objetos investigativos e amplificação dos interesses, configurando a área de História da Educação como espaço de pesquisa e de ensino, refletindo criticamente suas potencialidades e seus limites. Portanto, são as **múltiplas aprendizagens** construídas e viabilizadas pela existência desse espaço-tempo frutífero do GT. (4) Ainda, como espaço de fortalecimento para lutas coletivas da área da Educação e, mais especificamente, da própria História da Educação. Aqui está um elemento importante que eu gostaria de demorar um pouco mais para convidar a pensar.

No âmbito do GT 02 emergiu a SBHE, que em 2024 completou seus 25 anos de existência. O valor e a importância do legado, para além das trajetórias individuais dos pesquisadores, que os encontros e as relações entre pesquisadores fomentaram – a emergência de uma associação que representasse o coletivo, que reforçasse o que se vivia no GT e que, de forma complementar e conjunta, fortalecesse as lutas tão importantes já assumidas pela ANPED. Unir grupos de pesquisa, fomentar a representatividade da comunidade de historiadores da educação e fortalecer identidade e gerar engajamento.

Assim, no seio do GT 02 – História da Educação da ANPED, é que se constituíram os movimentos fundadores da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). No intuito de congregare os profissionais brasileiros que realizavam atividades de pesquisa e/ou docência em História da Educação, a SBHE foi afirmando, com a constituição do primeiro Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), mais um espaço para fomentar a pesquisa e a partilha de resultados significativos da área. Aos poucos constituiu, em comum acordo com os associados, a *Revista Brasileira de História da Educação* (RBHE) e foi promovendo intercâmbios com outras sociedades congêneres nacionais e/ou internacionais, num movimento que ajudou a projetar a comunidade de historiadores da educação nacional e internacionalmente. O fortalecimento da

área por meio do cultivo da crítica e do pluralismo teórico, a busca por diferentes formas de divulgação e informação das produções em História da Educação, bem como a organização de eventos, seminários, cursos e outras iniciativas, desejaram afirmar a pesquisa e tornar a área referência em programas de pós-graduação *stricto sensu* no país. Também gerou engajamento e pertencimento. A autoidentificação de tantos pesquisadores como vinculados à História da Educação. O fortalecimento do ensino na formação de professores na graduação, no entanto, tem sido uma problemática recorrente e o enfraquecimento dos Fundamentos da Educação, uma concretude nacional e internacional.

Em meio à intensa disseminação das tecnologias de informação e comunicação, das profundas mudanças nos modos de viver com a virtualização das relações humanas, das repercussões do desenvolvimento da inteligência artificial, dos desafios da reordenação da geopolítica mundial e, ainda, das questões planetárias com problemas ambientais severos, a exemplo de mudanças climáticas, a escalada de guerras e confrontos, temos alguns, entre tantos, aspectos contemporâneos que nos confrontam e nos demandam debate como intelectuais. O mundo pós-pandemia nos trouxe o fortalecimento da composição de arquivos digitais, de bancos de dados abertos (em sua maioria), bem como novos debates em torno do trabalho do historiador da educação com a emergência de novos problemas, abordagens e formas de realizar a pesquisa científica. Ainda, o fundamental confronto ao produtivismo acadêmico e o esvaziamento, em certa medida, do sentido do trabalho dos intelectuais. A aceleração na formação de profissionais e produtividade de um lado, bem como a perda de sentido e de profundidade de outro. São temas do nosso tempo, diálogos que precisamos continuar tecendo para nos posicionarmos. A existência e o propósito da universidade se veem desafiados para sua perpetuação. Como já apontavam os debates sobre produtivismo acadêmico, é ainda mais necessário “entender autoria, em ciência, para além do contexto de obediência às exigências mercadológicas e competitivas; uma autoria em que o ato de escrever possa forjar o autor e não o contrário; em que o respeito ao outro, marcado por contratos éticos, ocupe lugar de destaque nesse cenário” (Bianchetti; Zuin; Ferraz, 2018, p. 168).

São nesses tempos que pisamos e é sobre este presente que miramos o passado. Que saibamos ter consciência histórica do tem-

po que vivemos para inquirir o passado e nutrir nossa produção intelectual no âmbito universitário buscando contribuir para que se efetivem projetos de transformação por meio da educação. Que façamos de espaços de representatividade e do coletivo lugares de força, resistência e luta em nome de uma educação de qualidade e equidade.

Celebrar os 40 anos do GT de História da Educação da ANPED, que suscitou tantos frutos individuais e coletivos, é, também, assumir o compromisso com futuros possíveis para a História da Educação, como pesquisa e ensino. É reconhecer que são nos espaços coletivos e de representatividade que nossas vozes e seus ecos ganham amplitude para contribuir efetivamente com os propósitos de formação de pesquisadores/intelectuais engajados, e é no **encontro**, na **relação** e por meio de **múltiplas aprendizagens** como lócus de discussão, de troca e de apresentação de resultados investigativos; da seleção de problemas e objetos relevantes; dos diversos caminhos e experiências metodológicas; no intercâmbio de informações bibliográficas, de estudos e trabalhos realizados que nos tornamos pesquisadores/intelectuais. Mas, mais do que isso, é para fortalecer sonhos e propósitos coletivos por dias melhores, então “que sejamos mais fortes que o medo do erro ou do castigo, na hora de escolher no eterno combate entre os indignos e os indignados” (Galeano, 2017, p. 245). Viva o GT 02 da ANPED! Vida longa aos encontros que nos unem, às relações que nos constituem e às aprendizagens que nos fortalecem.

*Terciane Ângela Luchese³²
Outono de 2025.*

Referências

BIANCHETTI, Lucídio; ZUIN, Antônio A. S.; FERRAZ, Obdália. **Publique, apareça ou pereça**: produtivismo acadêmico, pesquisa administrativa e plágio nos tempos da cultura digital. Salvador: Edufba, 2018.

GALEANO, Eduardo. **O caçador de histórias**. 2. ed. Porto Alegre, RS: LP&M, 2017.

³² Possui Graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade de Caxias do Sul, Mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Doutorado em Educação pela Unisinos, Pós-Doutorado em História da Educação pela Università degli Studi del Molise e pela Università di Macerata. É professora da Universidade de Caxias do Sul desde 2000, atuando na Graduação e nos Programas de Pós-Graduação em História e Educação, tendo sido eleita e retornado à coordenação. Foi diretora da área do conhecimento de Humanidades. Atualmente é pró-reitora de Graduação. É bolsista produtividade em pesquisa do CNPq desde 2013. Presidente da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE).

A Editora

A Editora da Universidade de Caxias do Sul, desde sua fundação em 1976, tem procurado valorizar o trabalho dos professores, as atividades de pesquisa e a produção literária dos autores da região. O nosso acervo tem por volta de 1.600 títulos publicados em formato de livros impressos e 600 títulos publicados em formato digital. Editamos aproximadamente 1.000 páginas por semana, consolidando nossa posição entre as maiores editoras acadêmicas do estado no que se refere ao volume de publicações.

Nossos principais canais de venda são a loja da Educus na Amazon e o nosso site para obras físicas e digitais. Para a difusão do nosso conteúdo, temos a publicação das obras em formato digital pelas plataformas Pearson e eLivro, bem como a distribuição por assinatura no formato streaming pela plataforma internacional Perlego. Além disso, publicamos as revistas científicas da Universidade no portal dos periódicos hospedado em nosso site, contribuindo para a popularização da ciência.

Nossos Selos

-  **EDUCS/Ensino**, relativo aos materiais didático-pedagógicos;
-  **EDUCS/Origens**, para obras com temáticas referentes a memórias das famílias e das instituições regionais;
-  **EDUCS/Pockets**, para obras de menor extensão que possam difundir conhecimentos pontuais, com rapidez e informação assertiva;
-  **EDUCS/Pesquisa**, referente às publicações oriundas de pesquisas de graduação e pós-graduação;
-  **EDUCS/Literário**, para qualificar a produção literária em suas diversas formas e valorizar os autores regionais;
-  **EDUCS/Traduções**, que atendem à publicação de obras diferenciadas cuja tradução e a oferta contribuem para a difusão do conhecimento específico;
-  **EDUCS/Comunidade**, cujo escopo são as publicações que possam reforçar os laços comunitários;
-  **EDUCS/Internacional**, para obras bilíngues ou publicadas em idiomas estrangeiros;
-  **EDUCS/Infantojuvenil**, para a disseminação do saber qualificado a esses públicos;
-  **EDUCS/Teses & Dissertações**, para publicação dos resultados das pesquisas em programas de pós-graduação.



Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code.

